



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FELIPE RIBEIRO SILVA

BULLYING, VITIMIZAÇÃO E AGRESSIVIDADE JUVENIL:
Um estudo de caso

Belém - Pará

Junho - 2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
FELIPE RIBEIRO SILVA

BULLYING, VITIMIZAÇÃO E AGRESSIVIDADE JUVENIL:

Um estudo de caso

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração em Sociologia.

Orientador: Wilson José Barp, Dr.

Belém - Pará

Junho - 2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Silva, Felipe Ribeiro

Bullying, vitimização e agressividade juvenil: um estudo de caso / Felipe Ribeiro Silva ; orientador, Wilson José Barp. - Belém, 2011.
100 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2011.

1. Assédio nas escolas. 2. Adolescentes e violência - Belém (PA). 3. Adolescentes - Comportamento - Belém (PA). 4. Violência - Aspectos sociais - Belém (PA) I. Título.

CDD - 22. ed. 371.782098115

FELIPE RIBEIRO SILVA

BULLYING, VITIMIZAÇÃO E AGRESSIVIDADE JUVENIL:

Um estudo de caso

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Wilson José Barp, Dr.
Orientador

Silvia dos Santos de Almeida Dr.
PPGDSMC/UFPA
Examinador 1

Reinaldo Nobre Pontes Dr.
UNAMA
Examinador 2

Daniel Chaves de Brito
PPGDSMC/UFPA
Suplente

AGRADECIMENTOS

À minha família.

À meu Orientado Professor Doutor Wilson José Barp.

Ao professor Augusto Chaves e ao diretor Professor Dr. Luiz Fernando Amoras.

Às técnicas Suely, chefe da equipe, Profa. Socorro Madeira e Profa. Marluce pelo acolhimento e confiança no acompanhamento dos casos.

Aos alunos que apesar das desconfianças foram sempre bastante receptivos.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização deste estudo.

Obrigado Senhor pela paciência e afinco nos momentos certos.

“Então, em medida certa, os pensamentos amenos adentram com retidão e se inspiram cada vez mais em experiências e práticas necessárias ao bom convívio social.”

RESUMO

O trabalho apresenta algumas discussões sobre o tema da agressividade juvenil, o bullying e a vitimização em contexto escolar internacional e nacional e também resultados de pesquisa de campo do tipo *self-report* (auto avaliação) sobre a temática dentro de uma escola pública de Belém-PA. O trabalho procurou avaliar a visão dos jovens quanto à atenção familiar deles e se sofrem com violência doméstica. Foram levantados também os atos de violência praticados e sofridos, se levam armas ou não para a escola, além da percepção dos jovens quanto aos seus bairros residentes e suas possíveis reações em situações de conflito ou violência. A pesquisa de campo foi realizada no período de agosto a novembro de 2010. É possível notar nos resultados do estudo que o bullying (apesar de ter casos reduzidos) esta presente em praticamente todas as séries e que a agressividade dos jovens se manifesta de variadas formas encontradas.

Palavras-chave: Agressões Verbais e Físicas; Ameaças com armas; Comportamento; Violência Escolar; Conflito;

ABSTRACT

This work presents some discussions about aggressive youth, bullying and victimization themes in schools of international and national context. It presents a field research of the type *self-report* about the theme in a public school of Belém-PA- Brazil. The work sought to evaluate the students' view on family care and if they suffer from domestic violence. We also raised the acts of violence and suffering, whether or not to carry weapons to school, beyond the perception of young people regarding their neighborhood residents and their possible reactions in situations of conflict or violence. The fieldwork was conducted between August to November 2010. It may be noted in the study results that bullying (although cases reduced) is present in virtually all series and the aggressiveness of youth is manifested in many ways found.

Keyword: Verbal and physical aggression; Threats with weapons; Behavior; school violence, Conflict.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de bairros de Belém.....	45
Quadro 1 - Bairros e número de alunos atendidos.....	46
Gráfico 1 - Filhos de pais divorciados.....	49
Gráfico 2 - Porcentual de alunos por série e por interesse dos pais sobre ocorrido na Escola....	51
Gráfico 3 - Porcentual de alunos por tipo de relação com os pais.....	52
Gráfico 4 – Porcentual de alunos por tipo relacionamento familiar.....	54
Gráfico 5 – Porcentual de alunos por tipo de comportamento submetido.....	61
Gráfico 6 - Prevalência Bullying Ensino Fundamental.....	62
Gráfico 7 – Número total de Bullying Ensino Fundamental.....	66
Gráfico 8 - Prevalência encontrada no Bullying Ensino Médio.....	67
Gráfico 9 - Número total de casos de Bullying Ensino Médio.....	72
Gráfico 10 - Porcentual de alunos por tipo de comportamento agressivo que pratica.....	74
Gráfico 11 - Prevalência de alunos tipo “Bullie” Ensino Fundamental.....	75
Gráfico 12 - Número de alunos tipo Bullie no Fundamental.....	78
Gráfico 13 - Prevalência de alunos tipo Bullie Ensino Médio.....	79
Gráfico 14 - Número de alunos tipo Bullie Ensino Médio.....	82
Gráfico 15 - Porcentual de alunos por presença em situação de agressões e quantidades de vezes presenciadas.....	85
Gráfico 16 - Porcentual de alunos que sabem ou foram agredidos devido rinha entre Escolas.....	88
Gráfico 17 - Porcentual de alunos por sentimento em situações de violência verbal (Ensino Fundamental).....	91
Gráfico 18 - Porcentual de alunos por respostas diante de agressões em possíveis situações de violência física (Ensino Fundamental).....	92
Gráfico 19 - Porcentual de alunos e percepção da Escola (Ensino Fundamental).....	94
Gráfico 20 - Porcentual de alunos por percepção da Escola (Ensino Médio).....	94
Gráfico 21 - Porcentual de alunos por sentimentos diante de violências verbais (Ensino Médio).....	95
Gráfico 22 - Porcentual de alunos por reação em possíveis situações de violência física (Ensino Médio).....	97
Gráfico 23 - Porcentual de alunos por tendência de resposta de agressão segundo percepção de bairro residente (Ensino Fundamental).....	98
Gráfico 24 - Porcentual de alunos por tendência de resposta de agressão segundo percepção do bairro residente (Ensino Médio).....	99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência
E.E.E.F.M	Deodoro de Mendonça- Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deodoro de Mendonça
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente Lei 8.069 de 1990
EJA	Educação para Jovens e Adultos
FIA	Fundação Instituto de Administração
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHA	Índice de Homicídio na Adolescência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei 9394 de 20/12/1996)
MEC	Ministério da Educação
PeNSE	Pesquisas Nacional de Saúde do Escolar
QeVe	Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar
SEDUC-PA	Secretaria de Educação do Pará
SPDCA/SEDH	Sub Secretaria dos Direitos da Criança e da Adolescência da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura.
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	122
2 OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVOS GERAL	17
2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS	17
3 HIPÓTESE	18
4 CAPÍTULO I: VIOLÊNCIA ESCOLAR E COMPORTAMENTO CONFLITIVO	19
4.1 CONCEITOS ATINENTES A TEMÁTICA	19
4.3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS: NOÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E DE CONFLITO NA JUVENTUDE	222
4.4 BULLYING E VITIMIZAÇÃO EM ESPAÇOS ESCOLARES	26
4.4.1 Etimologia dos termos e concepções internacionais	26
4.4.2 Bullying e realidade brasileira: principais teóricos	28
4.5 INTERAÇÕES SOCIAIS CONFLITIVAS EM AMBIENTE ESCOLAR.....	32
5 CAPÍTULO II: PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DEODORO DE MENDONÇA	34
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
5.2 ESCOLHA DA ESCOLA: DESCRIÇÃO FÍSICA, INSTITUCIONAL E PROJETOS DA INSTITUIÇÃO	34
5.3 AMOSTRA: MÉTODO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	35
5.4 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ESTRUTURADOS E ETNOGRAFIA.....	38
5.5 MÉTODOS DE ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS	39
6 CAPÍTULO III: RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	41
6.1 CLIENTELA DA ESCOLA.....	41
6.1.2 Relacionamento familiar dos estudantes	46
6.2 FATORES DE VITIMIZAÇÃO/BULLYING (MAL SOFRIDO) QUESTÕES DE 1 A 14	60
6.2.1 Ensino Fundamental	62
6.2.2 Ensino Médio	66
6.3 FATORES DE AGRESSÃO/BULLYING (MAL INFRINGIDO): QUESTÕES DE 15 A 27	72
6.3.1 Ensino Fundamental	75
6.3.2 Ensino Médio	78
6.4 RINHAS ENTRE ESCOLAS.....	82
6.4.1 Agressões presenciadas, sofridas por alunos de outras escolas e rinha entre Escolares	82
6.5 REAÇÃO DOS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E/OU AGRESSÕES. POTENCIAIS DE CONFLITO E POSSÍVEIS VIOLÊNCIAS DESENCADEADAS.....	90

6.5.1 Ensino Fundamental	90
6.5.2 Ensino Médio	94
7 CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	106
ANEXO	

1 INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente de produção da juventude e uma forma de reprodução social que existe com a finalidade de repassar o conhecimento e a técnica para os indivíduos ainda pouco instruídos da sociedade. Além disso, é um primeiro modo de preparação e qualificação para entrada no mercado de trabalho da juventude, pois geralmente o modelo econômico tem se orientado a absorver mais rapidamente os indivíduos com maiores níveis de instrução e capacitação. Portanto é na escola que estes jovens adquirem os ensinamentos iniciais e básicos que lhes prepararão e lhes capacitarão (através de conhecimentos básicos) a assumir novas funções no mercado e abrir espaços para a escolha de uma profissão de nível superior ou técnico.

Neste sentido a escola é uma instituição (quer na forma pública ou privada) formada por uma série de agentes e estruturas físicas, culturais e sociais, se não se puder dizer também, políticas. Alunos desenvolvem relações entre si que afetam e ao mesmo tempo solicitam ações das diversas estruturas elaboradas para lhes atender. A escola é o local onde a construção destes sentidos ou lugares comuns, desenvolve-se no meio de relações tensas e até certo ponto conflituosas. Nestes campos¹ as relações se modificaram e seus agentes, hoje, estão sujeitos a todos os tipos de conflitos, agressões e violências.

Os conflitos são elementos presentes em todo ambiente suscetível à interação entre indivíduos. Com a escola não seria diferente. Contudo nos últimos anos a escola pública paraense demonstrou um leque de mudanças na natureza e estrutura desses conflitos - maior intensidade de choques interpessoais; maior uso de discriminações, ameaças, força ou armas no desenrolar do conflito; e, também, maior coação por parte dos indivíduos envolvidos. Novos instrumentos, agentes e conseqüências dos conflitos surgiram nesta cadeia de relações. O objetivo inicial deste estudo é analisar a origem de determinados conflitos e ver se estes estão associados ao objeto de pesquisa da dissertação que é o bullying escolar² e suas principais conseqüências ou conexões com os comportamentos conflituosos e violentos dos agentes dentro da instituição.

É importante estudar este tema (o bullying escolar, os conflitos gerados e a violência desencadeada), pois a instituição, outrora utilizada para formação e repasse de conhecimento, encontra-se hoje imersa em violências internas envolvendo estudantes, geralmente iniciados

¹ A teoria dos campos é em Bourdieu antiga (1960 aproximadamente) Segundo o autor a teoria é uma reflexão sobre a pluralidade das lógicas correspondentes aos “diferentes campos enquanto lugares onde se constroem sentidos comuns, lugares comuns, sistemas tópicos irreduzíveis uns aos outros.” Bourdieu (1990, p. 34).

² Tipo de comportamento agressivo intencional, marcado pela repetição e desigualdade de poder e que pode se manifestar de forma verbal, física, psicológica ou mesmo simbólica.

em pequenos conflitos de convivência entre os agentes. Seus maiores usuários (os alunos) desenvolvem comportamentos que ultrapassam o limite do aceitável em uma relação entre pares, professores e gestores. Medo e insegurança aparecem cada vez mais nos relatos dos que freqüentam a instituição. Ao tentar diagnosticar o problema local e regionalmente, é possível visualizar melhor os caminhos alternativos que venham orientar as políticas públicas a se programar nesta área.

Atos de violência grave tiram a concentração dos alunos ou deixam o ambiente tenso. Isso prejudica o aprendizado e, ainda por cima acarreta conseqüências psicológicas aos envolvidos. Educação e conhecimento são quase sempre buscados pelos agentes que se relacionam dentro da escola. Porém nos últimos anos o que se tem assistido é a uma série de relatos (tanto de professores, diretores e alunos) que refletem o medo tendo em vista os conflitos e ameaças que se acentuam. Dentre algumas repercussões da violência na escola Mirian Abramovay, em pesquisa nacional realizada no ano de 2002, apontou a queda do rendimento escolar e do estímulo do próprio corpo docente para ministrar boas aulas e desenvolver bons projetos pedagógicos. Dentre os membros do corpo técnico-pedagógico no Pará 35% apontaram à diminuição do seu estímulo para o trabalho como principal conseqüência da violência escolar; 21% dos entrevistados afirmaram sentirem-se revoltados e outros 23% afirmaram não conseguir concentrar-se direito para desenvolver as aulas. Além disso, 15 % dos entrevistados afirmaram ainda não terem vontade de ir trabalhar e 19% disseram ficar nervosos e irritados no ambiente escolar op. cit. (2003, p. 82).

Dentre os alunos as conseqüências afetam a concentração, o humor e o estímulo de ir às aulas. Cerca de 46% dos entrevistados no Pará afirmaram não conseguir se concentrar nas aulas por conta da violência dentro da escola; 28% disseram se sentir nervosos no ambiente escolar e outros 28% afirmaram não ter vontade de comparecer as aulas.

Estes dados demonstram já em 2001³ uma série de problemas que os gestores públicos tenderiam a enfrentar na próxima década. Outros dados precisam ser averiguados neste momento tendo em vista outra perspectiva que leva em consideração uma categoria importante que é a capacidade de influencia do bullying escolar no aumento de casos conflituosos dentro da instituição e sua possível influência em casos de violência grave.

A juventude brasileira encontra-se especialmente vulnerável a comportamentos conflitivos ou violentos. Os dados mais recentes de pesquisas nacionais apontam para um aumento da violência deflagrada de jovem para jovem e duas pesquisas são importantes para

³ A pesquisa foi organizada pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura.

consolidar alguns fatos. Nos dados levantados por Waiselfisz (2008), por exemplo, é possível notar que jovens entre 12 e 24 anos são os maiores perpetradores e vítimas de homicídio⁴. A violência tende a crescer conforme a faixa etária aumenta e atinge seu pico dos 20 aos 24 anos quando os jovens cometem mais crimes ou homicídios.

O Índice de Homicídio na Adolescência (IHA) 2009⁵ apresenta alguns dados que mostram o jovem como principal agente desencadeador ou vítima de violência. A pesquisa leva em consideração os jovens de 12 a 18 anos. Os pesquisadores não levantam a presença destes jovens ou não na escola, embora saibamos que esta é faixa etária média de alunos que deveriam estar cursando entre a 5ª ou 6ª séries do ensino básico ao 2º ou 3º ano do ensino médio. O IHA é medido através de um índice comparado a grupos de 10 jovens indo a escala de 0 a 10. A pesquisa mostrou que no geral 2,03 em cada 10 jovens na faixa etária estudada perderão a vida antes de completar os 19 anos de idade nas 267 cidades do país consideradas pelo estudo. Marabá aparece em 18º lugar na lista com IHA de 5,19 entre 10 jovens. Belém ficou pouco acima da média com 2,07 aparecendo em 109º lugar. Marituba e Ananindeua (que completam a região metropolitana) apresentaram índices de 2,18 e 2,77 e ocupam os 105º e 76º lugares do ranking Sub Secretaria dos Direitos da Criança e da Adolescência da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SPDCA/SEDH - Julho/2009).

Embora não apareça no ranking das 10 primeiras cidades e seus índices não tenham dado muito altos, Belém e sua região metropolitana merecem uma atenção especial ao se perceber estes dados. Pode-se notar, por exemplo, que em se tratando de cidades satélites seus índices estão aparentemente muito próximos, o que mostra certa regularidade do problema numa região de interligação de pessoas e serviços. Os jovens da região metropolitana se encontram sujeitos a riscos e desafios semelhantes. A discriminação é um dos fatores geradores de conflitos em ambientes escolares. Há inúmeras formas de discriminação e entre as que mais estão presentes em ambientes escolares encontram-se, segundo Abramovay (2003) discriminações pelo fato de:

[...] serem jovens, pelo fato de morarem em bairros da periferia ou favelas, pela sua aparência física, a maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros. Há reações contra os jovens que aprendem dança e música, e eles próprios são violentos contra

⁴ A pesquisa leva também em consideração mortes por acidente no trânsito, contudo o neste estudo concentrei a análise nos homicídios por causas violentas.

⁵ Pesquisa elaborada pelo Programa de Redução de Violência Letal contra Adolescentes e Jovens (PRVL) realizado e divulgado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SPDCA/SEDH), pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Observatório de Favelas (OF) e pelo Laboratório de Análise da Violência (LAV/UERJ).

homossexuais, ou seja, reproduzem discriminações. (ABRAMOVAY, 2003, p. 39)

O Bullying (que será apontado mais especificamente adiante) encaixa se numa forma de comportamento agressivo muitas vezes associados ao pré conceito ou a discriminação que envolve principalmente a juventude. Hoje em dia este tipo de comportamento assumiu diversas formas novas. Se antes os jovens discriminavam-se por conta de uma brincadeira de mau gosto, hoje o bullying assume formas que vão desde o preconceito de grupo para grupo, até o bullying virtual (cyberbullying) onde os indivíduos usam os meios de comunicação em rede para divulgar idéias pré concebidas de indivíduos ou grupos e disseminar falsas verdades sobre estes gerando assim constrangimentos e mais conflitos.

No cerne desta questão surgem comportamentos conflitivos geradores de traumas psicológicos que moldam comportamentos anti sociais nos indivíduos. Grupos são formados e o embate dentro da instituição escolar torna-se corrente terminando até mesmo em mortes como em casos recentes na capital paraense⁶. O bullying assume nova forma e aqueles sujeitos passivos que aceitavam, mesmo sofrendo, aquele tipo de situação parecem não ser mais tão comuns ao fenômeno. Agora os embates podem ser diários e o clima tenso pode estar comprometendo não só os envolvidos no fenômeno, mas todo o ambiente escolar e o aprendizado como um todo.

É possível que o Bullying Escolar possa estar associado ao desenvolvimento de comportamentos conflitivos e, até mesmo, provocando embates mais sérios dentro da escola e que de alguma forma específica, contribuem para o aumento dos dados inicialmente mencionados. Levando em consideração esta perspectiva faz-se necessário fazer um estudo local para se avaliar a parcela de contribuição deste fenômeno no surgimento de conflitos, discussões e brigas dentro de uma escola pública e de que forma estes comportamentos podem estar influenciando os acontecimentos mais graves (brigas, discussões agressivas, discriminações, ameaças com armas e outros fatores associados ao fenômeno do Bullying).

Smith et al., (1999) afirmam que o bullying geralmente é agravado por problemas sócio-econômicos e políticos que afetam o país como um todo, incluindo aí a violência civil.

⁶ No Pará o bullying escolar foi recentemente motivo de dois acontecimentos que acabaram em morte de estudantes dentro do espaço escolar. O caso da menina Soraia ocorrido em junho de 2008 em escola do bairro de Val de Cães que foi assassinada por sua companheira de turma a facadas por tê-la ofendido verbalmente e de forma discriminatória; e o caso do dia 19 de agosto de 2009 em uma escola pública municipal do bairro da cremação onde um adolescente de 15 anos assassinou seu companheiro de turma (13 anos) por este ter rasgado algumas páginas de seu livro e jogado-as sobre ele no dia anterior. Nestes dois casos o Bullying foi o fator desencadeador do processo violento e nem se quer foram citados nas reportagens. Estes são exemplos do comportamento de bullying que pode terminar em graves casos de violência. *O Liberal*, Edição 02/09/2008; *Diário do Pará*, edição 20/08/2009.

Desta forma, a violência que se manifesta na escola, pode ser também reflexo de um comportamento constante dos estudantes e até mesmo dos ambientes em que costumam manter suas interações.

Não são apenas as notícias sobre conflitos e violências que se desenvolvem próximo a escola, dentro da escola ou entre indivíduos de escolas diferentes que motivam esta investigação. Este estudo irá focar a violência dentro da escola desencadeada pelo fenômeno do bullying. É preciso levantar mais especificamente dados relacionados ao problema de pesquisa para que se possa ter uma noção clara do fenômeno; onde este se manifesta; quais os indivíduos envolvidos; e de que forma estes comportamentos podem gerar mais violência dentro do ambiente escolar.

O conhecimento do problema torna possível a tomada de posições por parte da instituição estudada e de todos os envolvidos servindo como complemento para maiores aprofundamentos na área já que estudos deste tipo ainda são até certo ponto escassos. Portanto avaliar a influência do bullying em casos de violência escolar é introduzir na análise sociológica dos dados sobre violência um fator que pode ter influência sutil, porém importante, nas questões de discriminação, pré conceitos e conflitos (até mesmo violentos) que vêm acontecendo em ambientes escolares.

Por ter caráter dissimulado e não ter tanta atenção como os outros tipos de conflitos existentes na escola, o bullying tende a não aparecer nas estatísticas oficiais tendo que ser analisado especificamente. Contudo creio que este fenômeno tem grande importância na hora de se compreender socialmente os conflitos que acontecem atualmente dentro de escolas públicas e, portanto proponho uma investigação mais focal em uma escola pública de Belém.

Esta dissertação visa ser uma contribuição ao estudo do fenômeno do bullying, do processo de vitimização e da agressividade juvenil manifestada no interior de uma escola pública. Aqui serão discutidos conceitos relacionados à temática e apresentados dados de um estudo de caso realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deodoro de Mendonça. Mais que números, o levantamento estatístico visa se apresentar como aporte para atender determinados casos dentro da instituição e como fonte para futuras investigações sobre a temática.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAL

Este estudo tem como objetivo mais geral identificar como e de que forma o fenômeno do bullying se manifesta dentro de uma escola pública de Belém e de que forma ele contribui como fator desencadeador de conflitos e violências dentro desta escola pública. Para isso é preciso identificar quais os conflitos entre alunos da instituição. Investigar quais os tipos de manifestações do fenômeno. É preciso saber também como o fenômeno se distribui pelas séries da escola e quais as frequências em que ele tende a se manifestar dentro da instituição. Identificar as reações dos alunos ao fenômeno e o que vêem os espectadores também são objetivos mais gerais deste estudo. Conhecer o fenômeno do bullying e suas manifestações específicas na realidade de uma escola paraense bem como quais suas principais formas de conseqüências para a instituição estudada estão entre os objetivos gerais deste estudo.

2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

Os objetivos específicos deste estudo são:

1. Identificar a clientela da escola, seus bairros residentes e suas visões sobre estes locais de moradia.
2. Identificar os fatores de vitimização (bullying) existentes nas séries do turno da tarde
3. Identificar os fatores de agressividade (bullie) existentes nas séries do turno da tarde
4. Identificar o número de espectadores de agressões e possíveis quantidades destas
5. Avaliar o conhecimento da existência de uma rinha entre alunos da Instituição estudada e alunos de escolas diferentes.
6. Avaliar o grau de interesse dos pais na vida escolar dos estudantes.
7. Avaliar o grau de conflito e agressividade a que estão expostos os estudantes em seus relacionamentos familiares
8. Identificar as respostas dos alunos em situações de conflito e estresse
9. Traçar o grau de percepção dos alunos sobre a escola estudada
10. Verificar possíveis violências desencadeadas por conta do bullying.

3 HIPÓTESE

O bullying escolar pode ser um fator de considerável importância no surgimento de comportamentos conflitivos, anti sociais ou violentos dentro de uma escola pública de Belém. É possível que os agentes envolvidos no fenômeno estejam ensejando conflitos graves que podem resultar em violência física entre agentes e grupos que devem ser avaliados focalmente. Leva-se em consideração nesta dissertação que parte dos conflitos violentos envolvendo alunos da escola estuda, estejam associados ao fenômeno do Bullying Escolar geralmente oriundos de pré conceitos, não somente raciais, mas discriminações (apelidos, idéias pré concebidas, injúrias pessoais e outras formas de ofensas graves) sutis geradoras de conflitos.

4 CAPITULO I: VIOLÊNCIA ESCOLAR E COMPORTAMENTO CONFLITIVO

4.1 CONCEITOS ATINENTES A TEMÁTICA

4.2 AGRESSIVIDADES NA ADOLESCÊNCIA: COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE JOVENS

A agressividade juvenil é fator determinante para se compreender as relações desenvolvidas entre adolescentes. O fenômeno é objeto de estudo, entre outras áreas, da psicologia e leva em consideração que a infância e a adolescência são fases cruciais no desenvolvimento do indivíduo, pois é nela que o jovem apreende o sistema de valores que o conduzirá no desenvolvimento de suas relações sociais. Joly (2009, p. 83) afirma em um estudo sobre agressividade na família e na escola que “o comportamento agressivo exerce influência direta sobre o desenvolvimento pessoal e a vida em grupo”. Estes anos iniciais são, segundo a autora, de “fundamental importância para o desenvolvimento de sua personalidade, relações sociais e adaptação social e psicológica”.

Sigmund Freud cunha o termo agressividade para designar atos agressivos ou impulsos para cometê-los (que é a agressividade em si). Estes impulsos são muitas vezes inconscientes (não passam pela percepção). Neste caso o jovem pode ser agressivo sem reconhecer que o seja e ter atitudes que agridem ao outro sem que ele reconheça isso. Atos como ignorar alguém, se omitir diante de uma briga ou de um roubo, ou qualquer tipo de injustiça, por exemplo, podem ser considerados atos agressivos se houverem pulsões hostis no sentido de prejudicar intencionalmente aquele que é vítima da ação Galinno (2005).

Dentro dessa perspectiva a agressividade do indivíduo pode também ser movida por intenções inconscientes ou semi-conscientes que o levam a agir de forma hostil. A hostilidade é base de formação do comportamento conflitivo e considerada por Freud um dos desdobramentos da agressão. O estudo da agressão tem-se realizado mais por meios da psicologia, psicologia social e antropologia, e bem menos, pela sociologia. Contudo um enfoque sociológico do problema da agressão já vem sendo realizado pelos cientistas sociais.

O exame da agressividade deve levar em consideração seus componentes sequenciais (que são atos e ações agressivas como: ignorar, rejeitar, impedir ou mesmo irritar-se com a presença de outro), seus fatores, seus sujeitos e vítima(s) de acordo op. cit. A agressividade pode então se manifestar individualmente ou através de grupos e se direcionar a individualidades ou a coletividades. Ela também vem alinhada com componentes de hostilidade que fazem com que os jovens passem a tomar atitudes consideradas hostis em seus

ambientes de convívio social. É possível notar isso no caso de uma escola onde diversos jovens se encontram em um ambiente altamente interacional de construção de relacionamentos sociais onde o convívio é fechado por conta do turno a ser cumprido.

Neste processo de construção de relacionamentos, mencionados acima, os jovens tendem a formar grupos dentro da própria escola que automaticamente se relacionam de três formas distintas: 1ª forma: os jovens relacionam-se de forma grupal e unida mantendo relações até certo ponto de identificação, tolerância e até mesmo algum respeito; 2ª forma: os jovens podem relacionar-se ignorando, rejeitando ou evitando determinado tipo de pessoa ou grupo; 3ª forma: os jovens podem também manter relações agressivas (e certas vezes até mesmo violentas) entre eles e/ou grupos da própria escola, e, neste caso, também de escolas diferentes.

A maior parte dos trabalhos acadêmicos que serviram como fonte de estudo para elaboração desta dissertação focam seus esforços em desvendar os fatores que envolvem os tipos 2 e 3 de relacionamentos citados no parágrafo anterior. Nestes tipos de estudos os indivíduos são geralmente divididos em os que praticam agressões e nos que sofrem agressões. São utilizados métodos de formação de escalas de agressividade dos indivíduos entrevistados.

Corroboram para a afirmação, Bazi (1998) que criaram escala para avaliar a agressividade na escola, na família e a agressividade geral, bem como a aceitação/rejeição de jovens em escolas de Campinas-SP e Americana-SP. Diversos outros autores procuraram aprimorar ou adaptar este método em suas pesquisas para retirar estas frequências de comportamentos.

Joly, Dias e Marine (2009,) também se utilizou do método para medir a agressividade na família e na escola de ensino fundamental de três municípios no interior de São Paulo. As autoras procuraram avaliar a percepção dos jovens em relação a comportamentos agressivos em situação familiar, escolar e agressividade geral valendo-se de escala com 8 perguntas referentes a situação escolar e outras 8 referentes a situação familiar.

O método de coleta de dados nestas pesquisas segue um padrão de entrevista do tipo self-report (auto avaliação) onde os indivíduos são questionados por tipos de situações e/ou afirmativas onde o aluno deve posicionar-se dizendo *sim* ou *não* para as afirmativas dos questionários e deixando claro se pratica ou não a situação colocada.

Martins (2005) ao estudar a agressão e a vitimização em contexto escolar utilizou-se de um Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar (QeVe), onde se procurou medir três sub escalas de condutas de vitimização, agressão, e de observação de vitimização e

agressão na escola. Neste sentido o trabalho de Marins é significativo, pois procurar identificar as frequências destes acontecimentos entre os jovens.

O bullying (comportamento agressivo intencional, marcado pela repetição e relação desigual de poder) é uma forma de conduta agressiva presente nos ambientes escolares. Isso é fato que se visualiza pela grande quantidade de pesquisas que se desenvolvem na área. A agressividade em si é medida através dos comportamentos relatados pelos alunos que vivenciam as experiências escolares. Ao relatar se praticam ou não determinado tipo de comportamento, os alunos fornecem informações importantes do seu cotidiano, e da forma como se relacionam dentro e fora da escola.

Estes estudos permitem a visualização de diversos fatores envolvidos nas agressões. É possível visualizar, por exemplo, tipos específicos de agressões praticadas. Estes comportamentos são mensuráveis através da afirmação da prática ou não deste comportamento pelo jovem quando questionado. Craig et. al. (2009, p. 217) realizando importante estudo em mais de quarenta países e adicionam ao universo estudado informações importantes. Primeiramente podemos encontrar formas de agressões diretas e indiretas. O bullying direto (“direct bullying”) inclui agressão física (empurrões e chutes, por exemplo) e verbal (insultos raciais, assédios sexuais ou ameaças). Já o bullying indireto (“indirect bullying”) é feito através da manipulação dos relacionamentos sociais para causar dor ou excluir alguém individualmente. As agressões podem ser também indiretas e físicas como as manifestáveis por formas gestuais ou verbais ou mesmo as diretas e físicas onde os atores passam efetivamente a infringir violência uns contra os outros

Outro ponto importante que tais pesquisas permitem visualizar são exatamente os tipos de agressores. Os atores podem ser apenas vítimas ou agressores, ou podem ser vítimas e agressores. Isso ocorre por que muitos dos alunos sujeitos a agressões não aceitam de forma pacífica estas violências e acabam por encontrar estratégias de revide. Os autores subdividem também o sexo dos atores e a frequência dos acontecimentos por séries estudo esse denominado por Olweus (1997) como estudo da Prevalência.

4.3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS: NOÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E DE CONFLITO NA JUVENTUDE

O conceito de violência deve ser tratado com certo cuidado devido ao seu caráter dinâmico. Diferentes sociedades possuem manifestações diversas deste mesmo fenômeno tornando sua conceituação difícil e perigosa. Abramovay (2004), por exemplo, afirma que “alem da multiplicidade de formas assumida pelo fenômeno”, existem ainda diferenças com relação aos períodos históricos e culturais. Significa dizer “que a violência é um conceito relativo, histórico e mutável”, e que: “[...] enquanto categoria, nomeia práticas que se inscrevem entre as diferentes formas de sociabilidade em um dado contexto sócio-cultural, e por isso, esta sujeito a deslocamentos de sentidos (ABRAMOVAY, 2004, p. 54)”.

Defende op. cit., (2005) um conceito ampliado de violência na escola. Para a autora a categoria deve concentrar-se na “compreensão do fenômeno como algo intrinsecamente relacionado ao contexto social, histórico e cultural” em que este se dá. É preciso que se tenha a vantagem de abarcar fenômenos, comportamentos e até mesmo processos diferenciados que envolvam sujeitos distintos e a própria instituição. A autora conclui que:

Assim, não são apenas os episódios graves e espetaculares – como homicídios, porte e uso armas – que são compreendidos como violência, mas também conflitos, comportamentos e práticas institucionais incorporadas ao cotidiano dos estabelecimentos de ensino (op, cit., 2005, p. 79).

Lembra op. cit., (2005, p. 54) que algumas pessoas vítimas de processos violentos tornam-se vitima de sua banalização. Entende-se desta forma que pelo fato de determinados grupos sofrerem tantas vezes processos violentos, estes passam a conviver com o horror sem questionar os fatos e sem “hierarquizar o vivido e o testemunhado”. Neste sentido a violência passa a existir “como uma espécie de fantasma” nem sempre se fundamentando em delitos ou crimes cercando-nos também com certo sentimento de insegurança. Isso gera nos indivíduos uma mudança de hábitos e sentidos que o levam a adotar novas condutas e comportamentos sempre voltados para uma defesa de um agente externo que parece todo o tempo nos cercar. A partir deste momento o indivíduo passa a se disciplinar pelo medo e alguns comportamentos agressivos podem passar a ser cotidiano nas relações interpessoais.

Brito e Barp (2008, p. 23) ao descreverem os efeitos ambivalentes do medo na sociedade contemporânea, apontam que “o ritmo acelerado de mudanças” imprimiu na contemporaneidade a característica de uma sociedade “dominada por crises”. Vivemos, segundo os autores, em um momento histórico indefinido ou de riscos inquietantes. Este estado de incerteza “influi diretamente na dimensão da vida cotidiana”. Os homens, apesar de

livres, estão “imersos num mundo de relações volatilizadas” tendo que ter ciência de que a liberdade é acompanhada de riscos. O medo, portanto torna-se fator existente nas relações e, como definem os autores, a modernidade acaba por trocar o “sentimento de aventura pelo sentimento de medo” op. cit. (2008, p. 33). A escola nesse sentido é um espaço de convivência e descobrimento onde o medo tende também a permear as relações dos jovens. O Bullying tende a acarretar grandes conseqüências psicossociais e de saúde nos jovens que sofrem as agressões, e dentre elas o medo, a ansiedade e a depressão são citadas como conseqüências do comportamento sobre os indivíduos que sofrem este tipo de violência.

Lopes Neto (2005, p. 167) nos lembra que tempo e regularidade das agressões podem contribuir para o agravamento dos efeitos. Medo, ansiedade e preocupação com a imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico do aluno. O jovem pode chegar a evitar a escola para não sofrer novas agressões e algumas vezes acabam por solicitar transferências. Nos casos mais graves o aluno pode apresentar certo comportamento autodestrutivo ou suicida e em outros casos ele pode se sentir “compelido a adotar medidas drásticas” tais como se vingar, ter reações violentas ou até mesmo portar armas para se defender.

No Brasil a violência entre os jovens é sentida cada vez mais pela sociedade. Pesquisas realizadas por Waiselfisz (2008) nos mostram que pessoas de idade menos avançada são mais vulneráveis aos processos violentos. O autor mostra que os jovens entre 12 e 24 anos são os maiores agentes e vítimas da violência urbana, principalmente a relacionada a homicídios. A escola como espaço de produção da juventude não se encontra ausente destes processos sociais. Apesar dos homicídios não representarem a maior parcela dos crimes ocorridos em estabelecimentos de ensino, estes existem e vez ou outra tornam a acontecer. Os reais fatores quase sempre são deixados de lado na veiculação da notícia que geralmente choca e causa espanto na sociedade, mas não aborda o problema de forma completa.

De acordo com Fekkes, Pijpers e Verloove-Vanhorick (2005) o Bullying seria uma forma de comportamento agressivo onde um estudante seria exposto repetidamente a ações negativas por parte de um ou mais estudantes. Este tipo de ação negativa surge quando há um desequilíbrio de poder entre vítima e agressor. Segundo os autores: “O comportamento de Bullying pode ser ‘físico’ (ex. bater, empurrões, chutes), verbal (ex. chamar nomes, provocar, fazer ameaças, caluniar), ou pode incluir outros comportamentos como fazer caretas ou excluir socialmente (op. cit., 2005, p. 81)”.

Os processos violentos dentro de escolas geralmente têm início em pequenos conflitos que são gradativamente mal resolvidos pela direção ou pelos envolvidos no conflito. Segundo Chrispino (2007, p. 15) o conflito pode ser definido como “toda a opinião diferente de ver e

interpretar algum acontecimento” sendo que desde que vivemos em sociedade estamos sujeitos a experiência do conflito. O conflito deriva ainda da diferença de desejos, interesses ou aspirações dos indivíduos. Segundo op. cit., (2007) na escola os conflitos são percebidos apenas quando suas manifestações violentas surgem. Há ainda uma segunda causa para a existência dos conflitos segundo o autor. O diálogo mal estabelecido ou a pouca capacidade dos envolvidos em manter uma comunicação mínima voltada para a assertividade dos conflitantes. Todos estes processos são presentes em ambientes escolares e envolvem não apenas alunos, mas professores, diretores e demais funcionários da instituição de ensino.

Outro fator importante da discussão diz respeito à nocividade dos conflitos. Mesmo o senso comum afirmando que estes não deveriam existir, pois seriam perniciosos ao meio social, os conflitos existem e possuem sua normalidade nas relações humanas. Na realidade o conflito faz parte da vida em sociedade e é através deste que se tem a possibilidade de induzir nos agentes conflitantes noções de diferença, de perspectivas diferentes, de racionalização de estratégias de cooperação, além de possibilitarem também o entendimento da controvérsia como uma estratégia de crescimento e amadurecimento pessoal e social Chrispino (2007).

Simmel (1983) é um dos teóricos que acredita na necessidade do conflito para o desenvolvimento das relações sociais. Segundo o autor a sociedade necessita de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, associação e competição, tendências favoráveis e desfavoráveis. Ainda em op. cit., (1983) nota-se que existe um mal entendido associado às idéias de Unidade e Discordância. Unidade pressupõe concordância dos indivíduos, logo discordância está erroneamente associada a um caráter negativo e destrutivo para todo o grupo. Isto é equívoco, pois o que é motivo de discordância pra um em um grupo, não reflete em todos os indivíduos do mesmo grupo similarmente.

Ao tratar das múltiplas formas de interação entre violência e a escola, Sposito (2010) afirma que a visão do que é violento pode ter se modificado ao longo dos anos. Segundo a autora o que antes era tolerado e considerado como meros atos de transgressão hoje são considerados condutas violentas, e, em sentido oposto, como algumas agressões físicas, por exemplo, passaram a ser consideradas atos rotineiros pelos agentes da escola ou tidas como meras transgressões disciplinares. Neste sentido a autora afirma que seria interessante pesquisar, no âmbito da instituição escolar, as definições “que designam e normalizam condutas - violentas ou indisciplinadas- por parte dos atores envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais e outros” op. cit., (2010, p. 3).

Ainda em op. cit., (2010) podemos encontrar uma definição de violência voltada aos processos escolares. Segundo a autora a violência consistiria em todo ato que implicasse na

ruptura de nexos sociais através do uso da força. Este comportamento negaria qualquer possibilidade de relação social instalada através da comunicação, da palavra ou do diálogo e até mesmo através do conflito. Neste caso o grande número de conflitos entre alunos nos ambientes escolares torna os atores envolvidos cada vez mais suscetíveis a atos mais violentos e comportamentos que terminam em violência física seja dentro da escola ou em seu entorno.

Algumas distinções sobre o conflito ainda precisam ser inseridas nesta discussão. Segundo Gallino (2005, p. 147), para que se possa fazer uma boa tipologia do conflito é preciso levar em conta “o nível analítico do sujeito, a simetria ou assimetria do conflito, o objetivo perseguido e os recursos utilizados”. O conflito neste sentido deve ser avaliado pelo número de indivíduos envolvidos nele. Este conflito pode desenvolver-se entre pessoas de mesmo nível hierárquico ou não e os objetivos deste também são distintos. Neste sentido cada um empreenderá recursos distintos para tentar neutralizar a ação do outro.

Outra importante distinção que não se deve ignorar, também apresentada por op. cit., (2005, p. 148) faz relação ao conflito potencial e o conflito ativo. A primeira faz referência à situação capaz de gerar um conflito como é o caso de alunos que ‘disputam’ a mesma garota, e a segunda refere-se a um “comportamento conflitivo empiricamente observável por parte dos sujeitos envolvidos” como é o caso de meninas que se agredem na porta da escola por que uma ‘roubou’ o namorado da outra. Nestes casos ambos os conflitos tiveram início por motivos semelhantes, mas manifestaram-se de forma distintas. O conflito pressupõe portanto, uma atividade que pode ser consciente ou não e formas de interação direta ou não. Se a atividade for voltada para a neutralização da ação do outro sem ações diretamente agressivas não se supõe a existência de um conflito realmente ativo.

Conflitos manifestos e conflitos latentes são importantes de serem diferenciados também já que a observação entre dois ou mais sujeitos é, em alguns casos a manifestação de um conflito diferente e mais profundo cuja natureza real ainda não se pode definir e onde os próprios sujeitos envolvidos podem não ter consciência deste (op. cit., 2005). Alunos tendem a manter relações de hostilidade entre si ou entre grupos que muitas vezes dão início a problemas maiores como é o caso de rinha entre escolas. Apesar de muitos alunos não estarem envolvidos nas brigas existentes entre escolas, estes alunos acabam por manter relações de hostilidade para com os alunos das escolas rivais.

Portanto os conflitos em ambientes escolares são recorrentes e tendem a continuar a acontecer. Porém existem alguns tipos de conflitos que tendem a se tornar mais graves e que podem acarretar conseqüências graves para os agentes envolvidos e para a própria instituição de ensino. Dentre estes conflitos que ocorrem com maior freqüência nas escolas destacamos

os conflitos entre alunos por mal entendidos, brigas, rivalidades entre grupos e escolas, discriminação, perda, dano ou roubo de bens escolares, privatização do uso de espaços e bens, rixas por namoro, assédio sexual e o bullying.

4.4 BULLYNG E VITIMIZAÇÃO EM ESPAÇOS ESCOLARES

4.4.1 Etimologia dos termos e concepções internacionais

O termo Bullying é derivado do inglês Bully que significa, enquanto verbo, o ato de ameaçar, maltratar ou oprimir. Neste caso a terminação em ing dá ao termo a noção de ação. Significa que alguém esta ameaçando, maltratando ou oprimindo outra pessoa. O termo foi utilizado para designar um tipo de comportamento agressivo onde um indivíduo é submetido “repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes” (OLWEUS, 1997, p. 496).

Apesar de antigo, o fenômeno foi colocado em notabilidade a partir da década de 1970 pelo pesquisador da Universidade de Bergen Dan Olweus na Noruega que inicialmente se dedicou ao estudo do fenômeno em escolas daquele país. Contudo, por ser claramente um fato social, o Bullying logo se tornou objeto de estudo em outros países tais como Japão, Grã Bretanha, Holanda, Austrália, Canadá e USA (op. cit., 1997).

Segundo o autor na escola ocorrem diversas provocações (muitas vezes regulares) de caráter lúdico e até mesmo amigável. Entretanto, este tipo de comportamento não pode ser tido como o bullying. Para op. cit., o bullying caracteriza-se de três formas interligadas que fazem o fenômeno identificável: primeiramente é um comportamento agressivo intencional (“harmdoing”), pois o agressor deseja objetivamente agredir o outro; segundo que é preciso ser realizado repetidamente e ao longo do tempo (com mínimo de três vezes); por fim o bullying também é um tipo de relação interpessoal caracterizada por desequilíbrio de forças (poder), ou seja, aquele que agride o faz com quem não intenta em se defender. Essas características juntas fazem do bullying um tipo de abuso (como outros tipos existentes) e que nitidamente ocorre através da interação entre pares.

As ações negativas podem ser realizadas através de contatos físicos (empurrões, chutes, e brigas), por palavras e gestos (como xingamentos, ‘encarnações’ e em alguns casos ‘caras feias’ ou gestos ofensivos), e também pelo ato de espalhar rumores ou excluir intencionalmente um (a) jovem de atividades coletivas da escola ou de grupos entre alunos.

Quando se fala em uso desigual de poder, a referência se faz também as formas de agressões diretas e indiretas as quais os estudantes são submetidos e que já foram descritas. Neste caso os agressores, ao perceberem certa incapacidade de reação de determinados

indivíduos, infringem uma das duas formas de comportamento em uma vítima geralmente sem possibilidade de defesa.

Outra categoria importante associada ao estudo é a terminologia ‘vitimização’ empregada para descrever o mal recebido. O indivíduo neste caso é uma vítima de bullying. A “vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptora de um comportamento agressivo de outra pessoa mais poderosa” (LOPE NETO, 2005, p. 165). Neste caso bullying e vitimização seriam partes do mesmo processo, contudo o bullying seria a agressão repetida infringida em algumas das formas apresentadas e já a vitimização seria o aluno (ou grupo) que sofre estas agressões e nada pode fazer para cessá-las, pois não detém o poder necessário para reagir. Ambos os comportamentos possuem conseqüências tardias para todos os envolvidos.

O bullying pode ser praticado por meninos e meninas e autores como Olweus (1997), Fekkes, Pijpers e Verloove-Vanhorick, (2005) e Craig et. al. (2009) determinaram este tipo de investigação como estudo da prevalência de casos. Todos os autores consultados identificaram uma pequena diferença entre os percentuais de bullies (agressores) meninos e meninas. Os meninos segundo as pesquisas realizadas são mais propensos a praticar o fenômeno do que as meninas, contudo elas aparecem em percentuais até certo ponto elevados e próximos aos dos meninos. Com relação às vítimas de bullying as estatísticas se apresentam muito parecidas no início dos anos escolares (2ª e 3ª séries) e a prevalência vai se diferenciando com o avançar das séries. Por exemplo op. cit., (1997), por exemplo, mostra que de 130 mil estudantes entrevistados na Noruega, 17,5% eram meninos vítimas de bullying e 16% eram meninas e isto no 2º ano escolar. Já quando se analisa o 8º ano escolar o percentual cai pra 7,7% para meninos e 3,5% para meninas.

Outra variável importante é quanto à natureza das agressões que conforme a idade dos entrevistados pode variar. Segundo Craig et al. (2009) não havia estudos nacionais suficientes para informar as mudanças das agressões conforme as idades. A realização de um estudo amplo feito pelo grupo em mais de quarenta países veio sanar essa deficiência. Percebeu-se que as agressões físicas ou verbais diretas são mais comuns em crianças de idade inferior e que, quanto mais o indivíduo se desenvolve as manifestações diretas tendem a desaparecer dando lugar a manifestações indiretas.

Muitos jovens que sofrem deste tipo de comportamento têm coragem para relatar o acontecido na escola. Em pesquisa feita por Fekkes, Pijpers e Verloove-Vanhorick, (2005) foi possível notar que 53% dos jovens entrevistados responderam ter relatado aos pais ou professores o que vinham sofrendo nas escolas. Contudo, muitos professores, coordenadores e pais ainda não sabem que as crianças sofrem o bullying. Segundo (op. cit., 2005, p. 86):

[...] um número considerável de professores e pais não sabiam que a criança estava sendo intimidada; para os colegas de classe esse valor é mais baixo. Dos professores, pais e colegas de classe que sabiam da existência do bullying a maioria fez um esforço para parar o bullying. [tradução nossa]

Além disso, estudos realizados por Maliki, Asagwara e Ibu (2009) são importantes para que se tenha conhecimento das conseqüências que o bullying e a vitimização exercem sobre as crianças e adolescentes em idade escolar. Muitas crianças, segundo a pesquisa realizada pelos autores, costumam deixar a escola por medo de sofrerem novamente as agressões as quais foram expostas. Além disso muitas crianças que foram vítimas de bullying deixam de conversar sobre a escola ou isolam-se das atividades realizadas pela instituição. Soma-se a isso o sofrimento, a infelicidade e a solidão causados por estes isolamentos forçados.

As crianças que sofrem do processo de vitimização também desenvolvem uma série de comportamentos negativos que se manifestam mais a frente. Geralmente elas tornam-se mais ansiosas e inseguras, desenvolvem baixa auto-estima, são mais rejeitadas por futuros parceiros e desenvolvem maior depressão do que as crianças que não foram vitimizadas. Aliam-se a isto os diversos problemas de saúde que o indivíduo tende a desenvolver no futuro fruto destes problemas iniciais gerados dentro do ambiente escolar.

O indivíduo que é exposto repetidamente a estes tipos de situações tendem ainda a desenvolver, segundo op. cit., (2009) problemas específicos de aprendizado e de comportamentos.

Em situação ambígua, estas crianças tendem a ser hiper vigilantes e esperar pelo pior. Elas podem ter dificuldade de relaxar no ambiente de aprendizado e responder agressivamente à hostilidade percebida de pares ou figuras autoritárias da escola (op. cit., 2009, p. 212). [tradução nossa]

Portanto o fenômeno bullying já tem uma reflexão nas academias internacionais principalmente nos EUA e Europa que já identificaram o fenômeno desde meados das décadas 60 e 70 procurando estudá-lo e tratá-lo conforme as suas necessidades. O caso brasileiro deve ser tratado separadamente no próximo tópico.

4.4.2 Bullying e realidade brasileira: principais teóricos

A temática da educação para o desenvolvimento pleno da cidadania dos jovens no Brasil passou a ser visível com o advento da constituição de 1988 e posteriormente com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente-1990 (ECA). A preocupação com o atendimento de crianças e adolescentes no Brasil fez surgir uma série de trabalhos voltados às

instituições responsáveis pelo atendimento dos jovens: escola, família, reformatórios, saúde, infância e etc.

No início os trabalhos científicos procuravam trabalhar questões como depredações e violências (brigas, rixas e roubos) que vinham de fora pra dentro da escola. A violência escolar (termo cunhado para designar estes fenômenos) não englobava ainda o bullying e a vitimização como fenômenos a serem investigados especificamente, ficando estas práticas associadas geralmente a questões de maus tratos e brigas dentro da escola.

O Bullying surge neste contexto, enquanto categoria de estudo, primeiramente como um problema de Saúde Pública, sendo trabalhado principalmente por médicos e psicólogos. Posteriormente as ciências sociais iriam se ocupar do tema sendo a partir do final década de 90 que a temática surgiria mais abrangente no meio científico Brasileiro Lopes Netto (2005).

Neste contexto, estudos como o de op. cit., (2005) vem esclarecer sobre a alta prevalência de bullying entre estudantes e os danos á Saúde de crianças e adolescentes que a esta prática acarretava aos envolvidos. O autor desenvolveu estudos vinculados à antiga Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência (ABRAPIA), uma ONG que surgiu no final dos anos 80 e se extinguiu 16 anos depois devido a falta de verbas já em meados de 1996.

Os estudos no Brasil continuaram a ser localizados, contudo em 2009 uma nova forma de abordagem nacional é elaborada. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009 (PeNSE) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) surge para investigar, além de outras coisas, um panorama das situações de violência e agressividade a que estavam submetidos os estudantes e quais sofreram ou praticaram bullying.

A PeNSE investigou diversos fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes, junto aos escolares do 9º ano do ensino fundamental das 26 capitais estaduais e do Distrito Federal. Nesse sentido a pesquisa serviu para revelar como ocorre a distribuição do problema no contexto nacional.

Em Belém, por exemplo, a pesquisa mostrou que 7,8% dos estudantes entrevistados nos 30 dias anteriores a pesquisa não foram à escola por não se sentirem seguros no caminho para escola ou na própria escola por conta de agressões sofridas. Este inclusive foi o maior percentual nacional identificado.

Em março de 2010 o Centro de Empreendedorismo e Administração em Terceiro Setor - CEATS ligado a Fundação Instituto de Administração – FIA apresentou relatório

final⁷ de pesquisa sobre Bullying realizada nacionalmente. Segundo os autores da pesquisa uma das maiores dificuldades de operacionalização do termo e de identificação do bullying no país tem relação direta com o desconhecimento deste por grande parte dos agentes institucionais (professores, gestores e diretores) bem como pelos próprios alunos.

A pesquisa mostrou que o bullying é normalmente associado a episódios de maus tratos na escola (prática generalizada em muitas escolas brasileiras). Dessa forma a diferenciação do fenômeno de outras práticas agressivas entre jovens nas escolas pode ser até certo ponto considerada uma dificuldade das pesquisas que abordam o assunto. A principal justificativa para isso é o fato de que o bullying tem como principais características a “repetição” e a “falta de motivação aparente”, duas categorias de “difícil aferição objetiva” e que faz com que os entrevistados confundam o bullying com outras formas de violência (FISCHER et. al, 2010, p. 5).

Assim agressões físicas, depredações ao patrimônio da escola, roubos e furtos, além de outras formas de comportamentos disruptivos ou alarmantes têm sido englobados no termo “violência escolar”. O bullying que muitas vezes é uma primeira forma de violência manifestada acaba sendo deixado de lado por estas instituições e acaba por vezes estando na base destas violências maiores. Rolim (2010), por exemplo, lembra que:

Independente do mérito e da importância da produção científica orientada por este conceito [...] a expressão genérica termina, quase sempre, por impedir que o tema da violência cotidiana representada pelo bullying, que muitas vezes antecede e informa aquelas manifestações mais amplas de violência, seja percebido (op. cit., 2010, p. 29).

Desta forma as pesquisas no universo brasileiro geralmente vêm medindo comportamentos relacionados roubos, agressões físicas e outros tipos de comportamentos destrutivos. Cita-se neste caso, Abramovay (2003, 2004, 2005), que ao realizar pesquisa nacional traçou um panorama dos tipos de violências sofridas por alunos e corpo pedagógico dentro das escolas brasileiras. Dentre elas a autora identificou agressões entre alunos, agressões sofridas pelos professores de alunos, roubos, uso de drogas entre outros. Percebe-se que o bullying não é trabalhado especificamente por tal autora.

O Bullying em si vem sendo mensurado ainda de forma local e por grupos diversos de pesquisadores o que torna seu mapeamento em âmbito nacional de difícil agrupamento. Para um breve mapeamento podemos citar os trabalhos realizados por Desouza e Ribeiro (2005) que realizaram estudos sobre bullying e assédio sexual em duas escolas (uma pública e uma particular) no estado de Pernambuco, mais especificamente na cidade de Recife, onde os

⁷ Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final – São Paulo: CEATS/FIA, 2010

autores procuraram identificar quais alunos num universo de 400 estudantes entrevistados foram sobre quebra de regras em casa, na escola e em outros ambientes, bem como se sofreram ou praticaram bullying nos últimos 30 (trinta) dias anteriores a pesquisa.

Há também o trabalho de Pupo (2007) que visou analisar as representações de alunos sobre violência moral, incivilidades, micro violências e bullying. O trabalho foi realizado com 96 adolescentes de 7ª série do ensino fundamental e do 2º ano do ensino médio onde estes eram apresentados a determinados tipos de situações e deveriam manifestar suas visões e representações sobre estas. O trabalho serviu como requisito para obtenção do título de mestre em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).

Outro trabalho que abordou a temática no Brasil recentemente é o de Jorge (2009). Neste trabalho que também serviu como requisito para obtenção do título de mestre em psicologia, a autora buscou identificar a concepção que educadores tinham sobre o bullying, se conheciam o problema e de se intervinham e de que forma intervinham quando se deparavam com o problema. Para isso a autora aplicou 107 questionários em educadores de 14 escolas particulares de Natal-RN. O levantamento da autora indicou que 83% dos professores entrevistados tinham conhecimento do bullying e que apelidos, xingamentos e agressões físicas são as formas mais comuns de violência encontrada nos ambientes escolares estudados.

Recentemente Rolin (2010) divulgou pesquisa realizada em Porto Alegre com 178 estudantes de dois turnos de uma escola pública da capital Rio Grandense. A pesquisa realizada ao longo do segundo semestre de 2007 buscou medir a incidência de Bullying na escola Estadual Odila Gay da Fonseca. O estudo mostrou que 84,26% da amostra sofreram algum tipo de violência ao longo do ano letivo. A vitimização se concentrou em ameaças (66,6%), violência física (60,6%), experiências de ridicularização (52%) e agressões de natureza sexual (26,6%) op. cit., (2010, p. 80).

Já experiências de bullying foram contabilizadas em 47,13% do universo amostral. Deste total 87 % das vítimas sofreram pelo menos 5 ameaças (ponto de referência para caracterização do bullying pelo autor). Outros 75,3% sofreram agressões físicas, 69,4% relataram ser ridicularizadas por alunos e por fim 37,6% disseram ter sofrido agressões de natureza sexual dentro da escola op. cit., (2010, p. 81).

É possível, portanto notar que o bullying é um fenômeno estudado pontualmente e que seus levantamentos geralmente se concentram em investigações pontuais e regionais. É possível notar também que o problema tem características e manifestações específicas

conforme se muda a região de estudo e o enfoque dado neste trabalho trará dados novos vividos pelos alunos da rede pública paraense.

4.5 INTERAÇÕES SOCIAIS CONFLITIVAS EM AMBIENTE ESCOLAR

É fato que as relações em ambiente escolar vão bem além de seus portões, contudo, dentro desta, não se pode negar que uma gama de relacionamentos se desenvolve, sendo a escola ambiente fértil de interações sociais dos mais variados tipos. O bullying é um tipo de prática violenta no qual um indivíduo ou um grupo de indivíduos mantém níveis de interações diversos com suas vítimas, com os espectadores e com professores e gestores da instituição. Portanto é preciso abordar dentro da temática, questões atinentes a relacionamentos sociais e interações sociais conflitivas.

Alguns pontos são importantes nas distinções sobre as interações sociais desenvolvidas. Gallino (2005) distingue as interações pelo seu conteúdo objetual (o que trocam os sujeitos); pelo grau de racionalidade (ou seja pela medida e pela consciência com que os sujeitos calculam os efeitos das ações ou mesmo se buscam prever outras ações); pela intensidade e duração observáveis nas interações sociais já que frequência e número dos intercâmbios dados no período são importantes de ser observados tanto nas interações como no bullying em si; e por fim, a direção é outra variável analisável nas interações já que a interação pode ser orientada para a integração ou para o conflito (como é o caso do bullying).

Cada uma dessas dimensões da Interação social pode relacionar-se entre si ou não. Por exemplo, no caso do bullying a interação é frequente e orientada para o conflito além de racionalizada já que é um tipo de ação intencional. Portanto, como afirma op. cit. (2005):

Essencial para compreensão de qualquer interação social é a verificação da situação em que ela ocorre, com suas premissas e fases anteriores: valores compartilhados ou não pelas duas partes, relações de força, resultados [...] terceiros que podem tirar vantagens ou ficar em desvantagens [...] e assim por diante (op. cit., 2005, p. 388).

A escola é também um lugar onde as interações orientadas para o conflito têm influência direta sobre a saúde dos alunos agredidos, sobre os tipos de comportamentos desenvolvidos e na capacidade de desempenho curricular. Lopes Neto (2005), por exemplo, afirma que os alunos que não gostam da escola, por motivo de bullying, têm maiores chances de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à saúde e até mesmo insatisfação com a vida pessoal. Todos estes fatores tendem a surgir após processos interacionais traumáticos que se iniciam em ambiente escolar.

Já no caso de jovens agressores, Olweus (1997, p. 501) lista alguns importantes fatores interacionais que podem ser geradores do que o autor instou chamar “agressive reaction pattern” (padrão de reação agressiva). O primeiro diz respeito à atitude emocional do ‘cuidador’ primário (geralmente a mãe) que com ações emocionais negativas caracterizadas pela falta de envolvimento ou carinho aumentam o risco da criança mais tarde tornar-se agressiva ou hostil para com outras pessoas.

Um segundo ponto levantado por Olweus (1997) é com relação à permissividade para com o comportamento agressivo da criança. Se este cuidador primário for geralmente tolerante ou permissivo sem uma definição clara de limites para comportamentos agressivos para com colegas, irmãos ou mesmo adultos o nível de agressão da criança é susceptível de aumentar.

A terceira característica se refere a utilização de métodos de energia assertiva na educação infantil. Segundo Olweus (1997) filhos de pais que se utilizam frequentemente de castigos físicos ou explosões emocionais violentas, são susceptíveis de se tornar mais tarde jovens agressores.

Por fim op. cit., (1997) leva em consideração também parte de comportamento agressivo que pode ser herdado. Segundo o autor, uma criança de comportamento ativo e “cabeça quente” têm mais probabilidade de se tornar um jovem agressivo. Segundo op. cit., este fator é menos nocivo do que os dois primeiros listados.

5 CAPITULO II: PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DEODORO DE MENDONÇA

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será descrito o percurso metodológico realizado na elaboração das etapas iniciais de coleta de informações da pesquisa, a metodologia utilizada para coleta das informações e de que forma os dados foram trabalhados.

5.2 ESCOLHA DA ESCOLA: DESCRIÇÃO FÍSICA, INSTITUCIONAL E PROJETOS DA INSTITUIÇÃO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deodoro de Mendonça fica localizada na Avenida Governador José Malcher entre a Rua Alcindo Cacela e a Travessa 14 de março no Bairro de Nazaré na cidade de Belém-PA. A escola é composta de dois andares com 18 salas cada andar. Possui também um pátio amplo no andar térreo com área coberta e aberta para os estudantes ocuparem nos intervalos, um ginásio coberto e uma quadra poliesportiva descoberta onde os estudantes exercem atividades variadas ao longo do turno.

No andar térreo encontram-se ainda a Direção da escola, a sala dos professores, o pólo da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA) responsável pela administração e distribuição das novas diretrizes educacionais de governo, além da área administrativa, da sala do corpo técnico e de um auditório, um laboratório e uma sala de informática.

A escolha da escola deu-se pela localização geográfica (pois é uma escola em área central da cidade) e pela facilidade de ingresso na mesma já que havia um contato que introduziria o pesquisador na mesma. Por ser uma escola central o seu atendimento tende a ser difuso sendo que estudantes de diversos bairros da cidade vêm ao Deodoro de Mendonça para assistir suas aulas. Para que se tenha uma idéia foram identificados alunos de 48 (quarenta e oito) bairros distintos da capital paraense que responderam ao questionário estruturado.

O principal projeto da escola, no momento de realização da pesquisa de campo, é um projeto conhecido como “Projeto Aceleração” que foi instituído pela Governadora Ana Julia Carepa no ano de 2007. Este projeto colocado em prática pelos pólos da SEDUC-PA em diversas escolas públicas da Capital paraense e interior tinha por objetivo fazer com que alunos que possuíam atraso ou defasagem escolar continuassem estudando mesclando duas séries em um único ano. Significa dizer que para que o aluno não se sentisse desestimulado por sua eventual reprovação em determinada série escolar e conseqüentemente deixasse de freqüentar a escola, este poderia matricular-se na série seguinte tendo que cursar novamente a série repetida em um semestre e a próxima série no outro semestre. Ou seja, alunos que

reprovaram a 7ª série do ensino fundamental no ano de 2009, estariam cursando a 8ª série no 2ª semestre de 2010 quando foram entrevistados, pois cursaram a 7ª série no primeiro semestre de 2010 e a 8ª no segundo semestre. O projeto Educação para Jovens e Adultos (EJA) também é um projeto instituído pelo pólo da SEDUC-PA na escola com a mesma finalidade só que a clientela atendida seria alunos de 1º e 2º anos na mesma situação. O EJA foi implantado pelo Ministério da Educação (MEC) nas escolas públicas de todo Brasil e instituído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9394 de 20/12/1996) e que visa estabelecer condições de dar educação a alunos que não completaram seus estudos em idade apropriada. O artigo 37 da Seção V da referida lei regulamenta o projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA), seus objetivos e funções assim como da outras providências afetas ao tema.

5.3 AMOSTRA: MÉTODO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a obtenção de informações desta pesquisa, foram utilizados alguns métodos de coleta que serão discutidos a seguir.

Inicialmente a programação era de se fazer uma etnografia, onde as informações seriam coletadas através de observação de campo e conversas com alunos da instituição que seriam retiradas através da formação de grupos focais. Este método não se tornou viável devido à dificuldade de se obter informações verídicas sobre o tema que é complexo e delicado. Assim, foi decidido que acompanhar os casos de conflitos levados até o corpo técnico da escola, responsáveis pela solução dos mesmos seria uma boa forma de se ter noção real do que ocorria. Além disso, houve também a aplicação de questionário estruturado com perguntas voltadas ao entendimento do problema de pesquisa e dos principais problemas acompanhados junto ao corpo técnico pedagógico da escola.

Para os questionários, utilizou-se o método de amostragem aleatória estratificada com erro amostral diminuído que:

[...] consiste na divisão de uma população em grupos (chamados estratos) segundo alguma(s) característica(s) conhecida(s) na população sob estudo, e cada um desses estratos são selecionadas amostras em proporções convenientes (BOLFARINE; BUSSAB, 2005, p. 93).

Segundo os autores Bolfarine e Bussab (2005) este tipo de amostragem é utilizada principalmente quando se quer resolver problemas como a melhoria da precisão das estimativas e se produzir estimativas confiáveis para a população estudada. Assim sendo, quanto mais se aumenta o tamanho da amostra, mais se consegue diminuir o erro padrão.

Nesse sentido dividir a população em sub populações internamente e mais homogêneas torna a variância menor. No caso deste estudo os alunos foram estudados

segundo as séries em que estavam matriculadas e analisados separadamente segundo este tópico. Além disso, o turno selecionado para estudo foi o turno da tarde. Para Bolfarine e Bussab (2005) este tipo de procedimento diminui o erro amostral.

Para este estudo levou-se em consideração que o turno da tarde do ano de 2010 possuía um total de 562 alunos matriculados no período de agosto a novembro de 2010. Para que se obtivesse um erro amostral de 5% era necessário que se aplicasse 235 questionários nos alunos. Contudo, foram aplicados 265 o que reduz o erro amostral em aproximadamente 0,5% dando um total de 4,5% de erro amostral.

O questionário estruturado era composto de 38 questões e encontra-se no anexo 1 deste trabalho. As questões foram adaptadas de diversos autores que estudaram o bullying em diferentes partes do Mundo e no Brasil. Dentre eles podemos destacar principalmente Oweuls (2007) elaborado por Hazelden Foundation e que faz parte do Bullying Prevention Program criado pelo pesquisador pioneiro; também serviu como modelo o questionário elaborado pela instituição inglesa Kidscape⁸. Há também um importante estudo de Martins (2005) que foi utilizado para a elaboração das situações problemas apresentadas no questionário estruturado. No Brasil temos como principais referências na elaboração do questionário Silva (2006) cujo trabalho procurou identificar a prática do bullying em escolas de São Leopoldo, além da PeNSE 2009 e 2010 que estudaram o problema em todo o país.

A metodologia de investigação “self report” consiste em criar situações onde o estudante deve identificar se sofre ou pratica o comportamento que lhe é colocado. Outro aspecto importante notado durante a pesquisa foi a dificuldade que os alunos tinham de expressar as situações vividas diretamente ao pesquisador. Por isso o questionário foi criado visando manter o anonimato do entrevistado. Este método se mostrou mais eficiente já que o estudante não se identificando sentia-se mais a vontade para denunciar o que ocorria consigo.

Desta forma criou-se um questionário onde as catorze primeiras perguntas procuravam saber os tipos de violências sofridas pelos entrevistados (fatores de vitimização). Foi perguntado, na seqüência, se o aluno percebe irritação em outro com sua presença na escola, se é ignorado, se falam mal dele; se ele é rejeitado por outros alunos, se é impedido de participar de atividades escolares ou recreativas por outros alunos, se é insultado, se é ridicularizado pelo seu jeito ou aparência, se já foi obrigado a fazer algo que não queria, se já lhe estragaram pertences, se já foi roubado, se já foi ameaçado com arma na escola, se já foi agredido, ou se já sofreu algum tipo de ameaça na escola. Em todas as perguntas o aluno tinha

⁸ Encontrado em www.kidscape.org.uk

duas alternativas para responder: se sim ou se não. No caso de perguntas relativas a agressões sofridas os estudantes tinham que dizer também com que frequência estavam sujeitos a estas, já que o bullying tem como principal característica a repetição.

As questões de 15 a 29 do questionário procuraram investigar a violência praticada pelos alunos (bullying e comportamentos agressivos). Desta forma as mesmas perguntas eram feitas só que desta vez o aluno deveria dizer se praticara algum destes comportamentos e claro, com que frequência.

As questões de 30 a 38 do questionário tinham por objetivo ter conhecimento sobre problemas identificados nas conversas dos alunos quando no corpo técnico da escola. Portanto a questão 30 perguntava se o aluno tinha conhecimento de alguma rinha (disputa sem motivação aparente) entre escolas e quais essas escolas. Essa questão foi sugerida pelo corpo técnico que recebia muitas denúncias de alunos que sofriam agressões na vinda ao colégio e na saída do mesmo.

As questões 31 e 32 visavam saber o bairro residente do aluno e qual a visão deste pelo aluno. Para isso eram fornecidas quatro opções de resposta: não violento, moderadamente violento, violento ou muito violento. Esta pergunta visava traçar um cruzamento entre violência intra escolar e violência extra-escolar.

As questões 33,34 e 35 do questionário visavam ter conhecimento da situação familiar do jovem. As técnicas da escola acreditavam, quando iniciadas as primeiras conversas para a elaboração da pesquisa, que os jovens mais problemáticos da escola tinham geralmente situação familiar delicada (ou seja, eram filhos de pais separados que acabavam por dar pouca atenção a situação escolar de seus filhos). Para isso questionou-se os jovens com relação à situação de seus pais (se eram casados), se a guarda era compartilhada ou não, se os pais se interessavam pelo que ocorria com seus filhos na escola. Neste caso foram fornecidas 4 opções: todos os dias, algumas vezes na semana, algumas vezes no mês ou se nunca perguntavam aos seus filhos o que ocorria com eles na escola. A pergunta 35 buscava saber se o relacionamento dos jovens com seus pais era estável, ou se permeado por conflitos. Para isso foram dadas 5 opções de resposta visando traçar uma escala: se era sem conflitos e agressões, com alguns conflitos mas sem agressões, se com alguns conflitos e algumas agressões, se com muitos conflitos e poucas agressões e, finalmente, se com muitos conflitos e muitas agressões.

As questões 36 e 37 procuraram traçar uma escala de agressividade dos próprios entrevistados. No caso a questão 36 perguntava ao aluno se em situação de violência verbal, como xingamentos, qual sentimento lhe vinha de imediato: se sentia raiva, humilhação,

revolta, se não ligaria ou outro sentimento. A questão 37 perguntava se caso o aluno fosse agredido, que atitude tomaria: revidaria na mesma hora, revidaria depois em outro lugar, procuraria a direção da escola, não ligaria para a agressão ou tomaria outra atitude. Em ambas as perguntas o aluno que optasse por outro tipo de sentimento ou reação deveria dizer qual.

A última pergunta do questionário (questão 38) tinha por objetivo ter a percepção do próprio aluno sobre a sua escola. Para isso lhe foi perguntado se ele a considerava tranqüila, pouco violenta, violenta ou muito violenta. Assim fecha-se o questionário que tinha por objetivo identificar a existência de Bullying na escola e quais os principais problemas relacionados ao comportamento.

5.4 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ESTRUTURADOS E ETNOGRAFIA

Como foi esclarecido anteriormente, a idéia inicial era a de fazer um trabalho etnográfico com coletas de informações através de grupos focais e observação. Porém como a temática e de difícil aferição e os problemas de pesquisa começaram a surgir no decorrer da mesma, optou-se pelo método de questionário estruturado que é o mais utilizado pelos pesquisadores que abordam o tema.

A etnografia não foi totalmente descartada, contudo serviu como complemento às informações coletadas através dos questionários e como fonte de informações secundárias. No caso, a etnografia foi mais utilizada nas conversas mantidas com os ‘alunos problemas’ na sala do corpo técnico e em conversas informais desenvolvidas no interior da escola com alunos interessados no trabalho desenvolvido ou que eram flagrados mantendo comportamentos agressivos com outros alunos.

A etnografia foi realizada mais intensamente durante os meses de agosto e setembro quando no ingresso do pesquisador na escola. Neste período foram entrevistados alguns alunos apontados pelo corpo técnico da escola como estudantes que já vinham provocando conturbações no interior da mesma. Foram mantidas diversas conversas com as técnicas da escola que orientaram quais alunos procurar e conversar. Neste período ocorreu também o pedido de autorização de pesquisa para o Diretor da escola

A aplicação dos questionários seguiu o padrão da amostragem aleatória estratificada proporcional, ou seja, os alunos foram sendo selecionados aleatoriamente para responder o questionário estruturado. As aplicações foram feitas ao longo de dois meses (outubro e novembro) em dias diferentes da semana (geralmente as terças, quartas e quintas).

A primeira aplicação foi feita em alunos considerados ‘problemas’ pelo corpo técnico. Alunos que chegavam atrasados todos os dias e geralmente perdiam a primeira aula ficando

pelos corredores ou no pátio da escola. No dia da aplicação os alunos foram impedidos de adentrar a escola e foram encaminhados para uma sala onde foi aplicado o questionário no grupo de aproximadamente 40 alunos.

Depois dessa primeira aplicação os alunos começaram a ser abordados nos intervalos no pátio da escola e posteriormente nas salas de aulas. A estratégia era entrar nas salas que não tinham professor dando aula ou pedir licença para os professores para se aplicar os questionários. Após os primeiros dias de aplicação e conseqüente divulgação do trabalho, muitos alunos procuraram pelo pesquisador para que pudessem responder o questionário. Dessa forma ao longo de dois meses de trabalho foi possível aplicar 269 questionários sendo 265 totalmente válidos, pois foram respondidos corretamente do início ao fim, e 4 parcialmente válidos, pois foram respondidos mas faltaram algumas informações. Os questionários foram aplicados em todas as séries do turno da tarde, o que corresponde a aproximadamente 47,2% do total do turno. Nenhum aluno respondeu duas vezes ao questionário já que o pesquisador tomou o cuidado de não abordar duas vezes o mesmo estudante e de não entrar duas vezes na mesma sala de aula. Além disso, os entrevistados eram questionados se já tinham conhecimento da pesquisa e se já haviam participado da mesma. Caso respondessem afirmativamente eram automaticamente eliminados da amostra.

5.5 MÉTODOS DE ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

A pesquisa bibliográfica foi feita com o auxílio do programa NVIVO 8. Este programa, cujo objetivo é auxiliar pesquisadores no trato de dados qualitativos, foi importante para a delimitação teórica da pesquisa. Nele foi possível separar os principais referenciais e deles retirar o que se precisava para a construção da discussão teórica.

Com relação aos dados etnográficos foram coletadas informações diretamente dos entrevistados e estas foram imediatamente sendo anotadas em caderno de campo. Neste caderno constam as principais problemáticas levantadas pelas técnicas da escola e pelos alunos diretamente envolvidos em situações de conflitos encaminhadas ao corpo técnico-pedagógico.

Dados relativos ao questionário de pesquisa precisaram ser organizados. Para isso utilizou-se o programa Microsoft Excel 2007. Neste programa os dados foram organizados em planilhas segundo séries e informações sobre a escola e comportamento dos estudantes em situações de stress (perguntas 36 e 37) além claro das demais informações supracitadas.

Após a organização dos dados foi possível elaborar a avaliação levando em consideração as ações sofridas e as ações praticadas pelos estudantes. É possível visualizar também a quantidade de comportamentos agressivos a que estão sujeitos os alunos da escola estudada. Os resultados da pesquisa passam a ser apresentados a seguir.

6 CAPÍTULO III: RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

6.1 CLIENTELA DA ESCOLA

6.1.1 Informações sociais da clientela da escola: informações por séries, sexo e mapa de bairros

5ª Série

Na quinta série os alunos estão distribuídos em três turmas no turno da tarde que totalizam 60 alunos. Dos quais 29 responderam ao questionário o que corresponde a 24,9% do total do turno. A média de idade dos alunos entrevistados manteve-se em 13,6 anos. A maioria dos alunos que participou da pesquisa tem 14 anos o que representa 48,3% da amostra. Dezesete alunos são do sexo feminino e doze são do sexo masculino. Nenhum aluno da quinta série pertence ao projeto aceleração mesmo que seis dos entrevistados afirmaram ter idade muito superior a média do turno (três alunos com 15 anos, dois com 16 e um com 17). Isso demonstra a dificuldade que a escola tem de organizar os estudantes com defasagem escolar. Um aluno afirmou ter 10 anos (o mais jovem entrevistado) e outros dois 11 anos de idade.

Os alunos da quinta série vêm de 16 bairros distintos da capital. São eles: terra firme (7 alunos), Pedreira (1), Guamá (2), 40 horas (2), Tapanã (1), Fátima (2), Cremação (2), Transcoqueiro (1), Cidade Velha (1), Sideral (2), Marco (1), Icuí Guajará (1), Paar (1), Cabanagem (1) e Águas Lindas (1).

6ª série

A sexta série é dividida em três turmas totalizando 78 alunos no turno. Foram aplicados 36 questionário em alunos do turno o que corresponde aproximadamente 46,1% do total de alunos entrevistados. A média de idade dos alunos é 14,4 anos sendo que o aluno mais novo tem 12 anos e o mais velho 17 anos. Da amostra 19 entrevistados são do sexo masculino e 17 são do sexo feminino. Apesar de 5 alunos terem 17 anos e outros 7 alunos terem 16 anos e estarem cursando a série no turno, nenhum aluno entrevistado declarou pertencer ao projeto aceleração. Mais uma vez é possível notar alunos com diferenças de idade muito grande cursando a mesma série.

Os alunos da 6ª série vêm de 15 bairros da capital paraense. Águas Lindas (1 aluno); Cabanagem(1); Cordeiro de Farias (1); Cremação (3); Fátima (2); Guamá(4); Jurunas (1); Marco(2); Parque Verde(1); Pratinha (2); Pratinha 2 (4); Sideral (1); Tapanã (1); Tenoné (1); Terra Firme (5 alunos).

7ª série

A sétima série é composta de 73 alunos divididos em três turmas. Deste total de alunos foram aplicados questionários em 45 estudantes o que corresponde a 62% dos alunos do turno. A média de idade dos alunos questionados ficou em 15,5 anos sendo que o aluno mais novo do turno tem 12 anos e o aluno mais velho possui 20 anos. Da amostra 18 alunos declaram ser do sexo masculino e 27 alunos declaram se do sexo feminino. Apesar de uma aluna ter idade de 20 anos e outros três terem 18 anos, apenas três alunos (duas com 15 anos e uma com 16) declaram no questionário pertencer ao projeto aceleração. Esse dado demonstra certa incoerência no atendimento do projeto.

Os 45 estudantes entrevistados na 7ª série vêm de 20 bairros diferentes da região metropolitana de Belém. São eles 40 horas (1 aluno); Águas lindas (91); Atalaia (1); Barreiro (1); Bengui (2); Cabanagem (1); Canudos (2); Coqueiro (2); Cremação (7 alunos); Distrito Industrial (1); Fátima (4); Guamá (5); Jaderlândia (1); Jurunas (1); Pedreira (2); Pratinha (2); Sacramento (1); Tapanã (1); Terra Firme (5); Utinga (1).

8ª série

Estão matriculados na 8ª série 86 alunos distribuídos em três turmas no turno da tarde. Do total de alunos 40 se prontificaram a responder o questionário estruturado, o que corresponde a 47% do total de alunos matriculados. A média de idade dos alunos matriculados é de 16,2 anos sendo que 14 declararam ser do sexo masculino e 25 do feminino. Um indivíduo não respondeu seu sexo no questionário. O aluno mais novo que respondeu ao questionário tinha 13 anos na época da pesquisa, já o aluno mais velho matriculado no turno e que respondeu ao questionário tinha 19 à época do estudo. Quatro meninos e três meninas disseram fazer parte do projeto aceleração. Destes três alunos tem 15 anos, um tem 16, dois tem 17 anos e apenas um tem 18 anos. O aluno de 19 anos está matriculado normalmente no turno.

São 19 os bairros de onde se direcionam os alunos entrevistados na 8ª série da escola Deodoro de Mendonça. São eles: Bengui (1 aluno); Canudos (1); Castanheira (1); Condor (1), Cremação (1); Guamá (6); Guanabara (1); Jurunas (1); Nazaré (2); Pratinha (3); Pratinha 2 (1); Sacramento (1); São Brás (1), Sideral (1); Tapanã (3); Terra Firme (8); Telegráfo (1), Una (1); Umarizal (2).

1º ano do segundo Grau

O primeiro ano possui 100 alunos matriculados no turno da tarde que se dividem em 4 turmas. Do total de alunos responderam ao questionário 43 alunos o que corresponde a 43% de alunos matriculados no turno. A média de idade dos alunos entrevistados ficou em 16,8

anos sendo que o aluno mais novo possuía 14 anos e o aluno mais velho possuía 21 anos à época da pesquisa. A amostra esta composta de 21 meninas e de 22 meninos. Três meninos e duas meninas disseram fazer parte do projeto EJA. Todos têm idades entre 18 e 20 anos. Novamente o aluno mais velho entrevistado disse estar matriculado normalmente na série do turno.

Os alunos que responderam ao questionário na escola pertencente ao 1º ano vêm de 25 bairros localizados na região metropolitana de Belém. São eles: 40 horas (1); Águas Lindas (1); Aura (2); Batista Campos (1); Canudos (2); Condor (3); Cremação (1); Distrito Industrial (1); Fátima (1); Guamá (4); Icoaraci (1); Julia Seffer (1); Jurunas (1); Mangueirão (1); Marco (2); Paar (1); Parque Verde (1); Pedreira (1); Pratinha (1); Promorar (1); Sacramento (1); Tapanã (1); Terra Firme (7), Una (1); Umarizal (2).

2º ano do segundo Grau

A escola estadual Deodoro de Mendonça dividiu as turmas do segundo ano em três turmas sendo que o total de alunos matriculados no turno é de 81 estudantes. Deste total responderam ao questionário estruturado 35 alunos o que corresponde a 43% do turno. A média de idade dos alunos questionados é de 18,1 anos sendo que 6 alunos tem 16 anos e três alunos 21 anos de idade. A amostra masculina corresponde a 18 alunos enquanto que a feminina a 17 alunas. De todos os entrevistados dois homens (18 e 21 anos) e duas meninas (20 anos) disseram fazer parte do projeto EJA. Neste caso o projeto que combate a evasão escolar e a defasagem atendeu realmente o publico alvo.

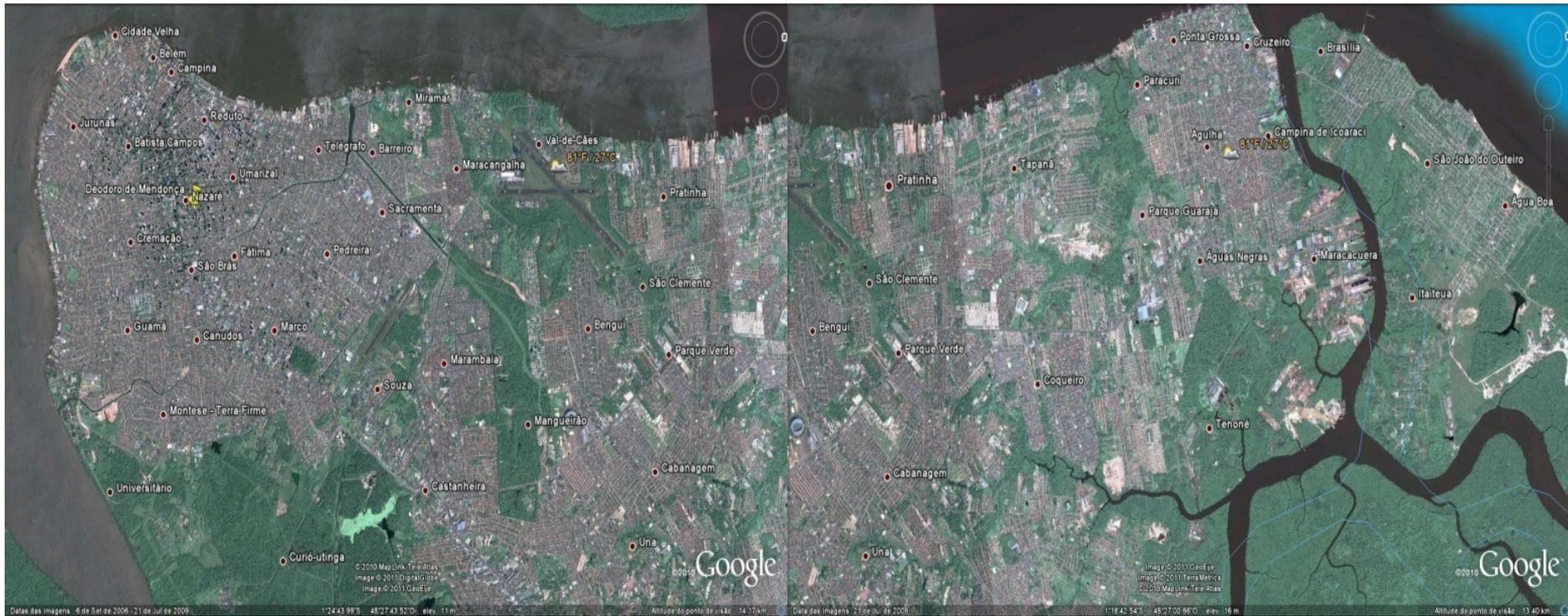
Os alunos que freqüentam o 2º ano da escola estadual Deodoro de Mendonça se dirigem a ela de 19 bairros distintos sendo eles: 40 horas (1); Águas Lindas (2); Canudos (1); Coqueiro (1); Cremação (2); Fátima (3); Guamá (6); Guanabara (1); Icoaraci (1); Marambaia (1); Marco (2), Nazaré (1); Paar (1); Pratinha (1); Sideral (1); Telegrafo (1); Terra Firme (4); una (2); Umarizal (2).

Convênio

O convênio do colégio Deodoro de Mendonça também se encontra dividido em três turmas num total de 84 alunos matriculados. Deste total foram entrevistados 37 alunos o que corresponde a 44% da amostra total do turno. A média de idade dos alunos ficou em 19,1 anos de idade. Os alunos mais novos do turno que se submeteram ao questionário tinham 17 anos enquanto os mais velhos tinham 24 anos à época da pesquisa. Apenas duas meninas de 17 e 18 anos respectivamente disseram fazer parte do projeto EJA, contudo elas não têm idade para estar participando do mesmo. Dos entrevistados 11 são homens e 26 são mulheres.

Os alunos do convênio se vêm de 21 bairros da capital paraense. São eles: Águas Lindas (2); Aura (1); Bengui (1); Cabanagem (3), Canudos (1); Castanheira (2); Condor (2); Coqueiro (1), Cremação (1); Guamá (5); Guanabara (1); Interior (1); Jardim Jader (1); Marco (1); Nazaré (1); Sacramenta (1); São Braz (1); Souza (1); Tapanã (3); Terra Firme (3); Umarizal (2).

Figura 1 - Mapa de bairros de Belém



Fonte: google earth acessado em 5/11/2010 .

Quadro 1 - Bairros e Número de Alunos Atendidos

Bairro atendido	Nº de Alunos	Bairro Atendido	Nº de Alunos
40 horas	3	Jurunas	3
Águas Lindas	9	Mangueirão	1
Augusto Montenegro	1	Marambaia	1
Aurá	2	Marco	6
Barreiro	1	Nazaré	4
Batista Campos	1	Paar	3
Bengui	3	Parque Verde	1
Cabanagem	4	Pedreira	5
Canudos	7	Pratinha 1 e 2	11
Castanheira	3	Conjunto Promorar	1
Cidade Velha	1	Sacramenta	4
Cordeiro de Farias	1	São Braz	2
Condor	3	Sideral	3
Coqueiro	3	Souza	1
Cremação	13	Tapanã	7
Distrito Industrial	2	Telegrafo	1
Fátima	10	Tenoné	1
Guamá	24	Terra Firme	34
Guanabará	2	Transcoqueiro (rod. Mário Covas)	1
Icoaraci	2	Una	2
Icuí guajará	1	Umarizal	8
Jaderlândia	2	Utinga	1
Julia seffer	1		

Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2011

6.1.2 Relacionamento familiar dos estudantes

Dentre os problemas identificados pelo corpo técnico da escola sem dúvida a maior preocupação diz respeito à grande quantidade de ‘alunos problemas’ que posteriormente descobria-se pertencer a uma estrutura familiar fragilizada ou mesmo conturbada. Notou-se que muitos alunos tinham problemas relacionados à conduta ou mentiam para minimizar seus atos e não receber advertências ou punições. Além disso, algumas destas histórias eram obviamente inventadas para não permitir com que o corpo de técnicas da escola falasse com os pais destes jovens.

Dois casos podem ilustrar bem o que foi exposto. O primeiro caso é o da menina Joana⁹. Esta jovem se envolveu em muitas discussões e brigas com alunos e professores da escola. As técnicas já exauridas de tentarem resolver o problema com ela resolveram encaminhar a conversa com os pais da garota. A menina sabendo disso passou alguns dias sem vir à escola para não fornecer o telefone de seus pais. Quando ela retornou a escola veio dizendo que estava órfã dos pais já fazia alguns meses e que estava morando com a avó que era muito doente e não podia sair de casa. Por sorte uma amiga da jovem em conversas posteriores, sabendo do caso, desmentiu a jovem. As técnicas da escola descobriram que a menina tentará lhes enganar para minimizar os fatos e não sofrer sanções por parte dos pais que eram separados.

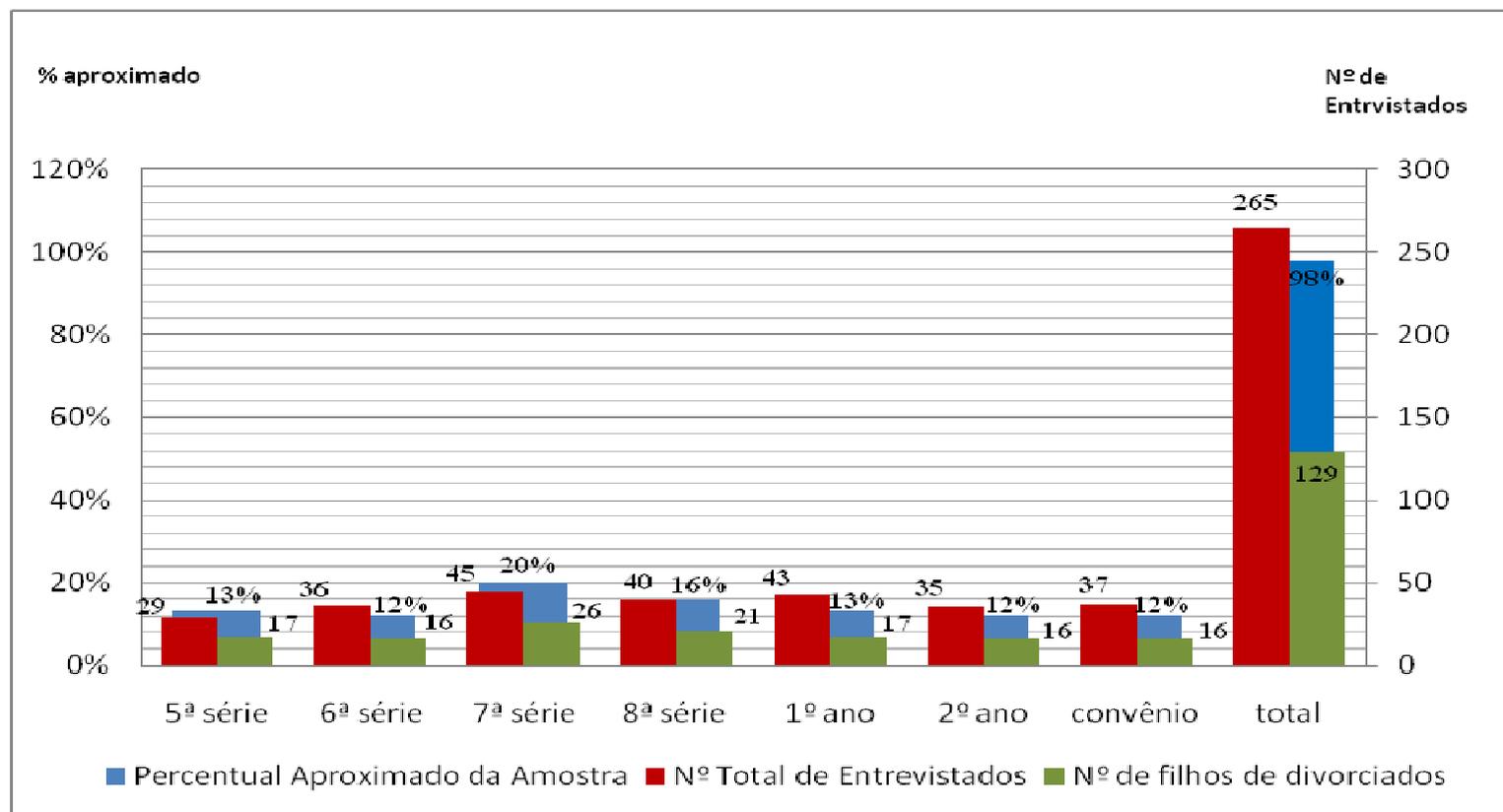
Outro caso importante e que chamou a atenção das técnicas da escola é da menina Maria. Logo que se iniciou o trabalho as técnicas chamaram a atenção para esta jovem de 17 anos do 1º ano que sempre estava envolvida em brigas e confusões na escola e na escola ao lado (Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ulisses Guimarães). Esta jovem foi encaminhada ao pesquisador para que se obtivessem respostas ao comportamento da jovem. Maria afirmou que era constantemente ameaçada dentro e fora da escola, que muitas das brigas tinham por motivo brigas entre torcidas organizadas de escolas e ciúmes. Afirmou ainda que depois de um esbarrão sofrido por outra menina da escola iniciou-se um conflito com esta colega (Janaina) que começou com ameaças, agressões, perseguições diárias por parte de Maria e culminou com a saída de Janaina da escola por não agüentar sofrer as perseguições. Uma informação importante dada pela aluna é que ela é filha de pais separados. Maria quase não vê o pai que trabalha em outro estado e, segundo a aluna, não faz questão de vê-la regularmente (“eu sinto falta dele” – afirmou a aluna). A relação dela com a mãe (com quem mora) é estável (sem brigas) e, segundo a aluna a mãe não costuma cobrar nada dela não dando importância ao que ocorre com ela na escola ou ao seu rendimento escolar que é considerado normal pelo corpo técnico. A menina afirmou ainda fumar, beber e sair durante todo o fim de semana não sendo incomodada pela mãe. Afirmou também ser natural ver brigas na escola e fora dela e que muitos alunos falam em roubos (tanto sofridos como praticados) no interior e nas proximidades da escola. O caso de Maria foi o primeiro caso de Bullying identificado e que traçou estratégias para a elaboração do questionário estruturado.

⁹ Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios para manter preservadas as identidades dos jovens.

Estes dados etnográficos corroboram com dados coletados através da aplicação dos questionários estruturados do tipo self-report. Dos 269 alunos que responderam ao questionário, 130 afirmaram ser filhos de pais divorciados o que corresponde a 49% da amostra. Destes 130 alunos apenas oito afirmaram estar em regime de guarda compartilhada, ou seja, os jovens ficam a mesma quantidade de dias com ambos os pais. A maioria dos estudantes (109 no total ou 83%) afirmou estar sob a guarda da mãe e 13 alunos disseram viver sob a custódia do pai. Um aluno da sexta série vive sob a custódia da avó, pois já tem os pais falecidos o que nos dá um total de 129 alunos filhos de pais efetivamente divorciados

A maior amostra de alunos com pais separados apareceu na 7ª série (26 alunos ou 20%) seguida da 8ª série (21 alunos ou 16%); 5ª série e 1º ano (17 alunos ou 13%) e 6ª série, 2º ano e convenio (16 alunos ou 12%). As meninas são maioria na amostra sendo que oitenta e duas no total são filhas de pais divorciados. Os meninos somam 47. Um aluno não respondeu sexo e série no questionário por isso não entra nessa amostragem. 132 alunos responderam serem filhos de pais que se encontram casados à época da pesquisa. Veja gráfico 1:

Gráfico 1 – N° de Alunos e Percentual aproximado de filhos de Pais Divorciados

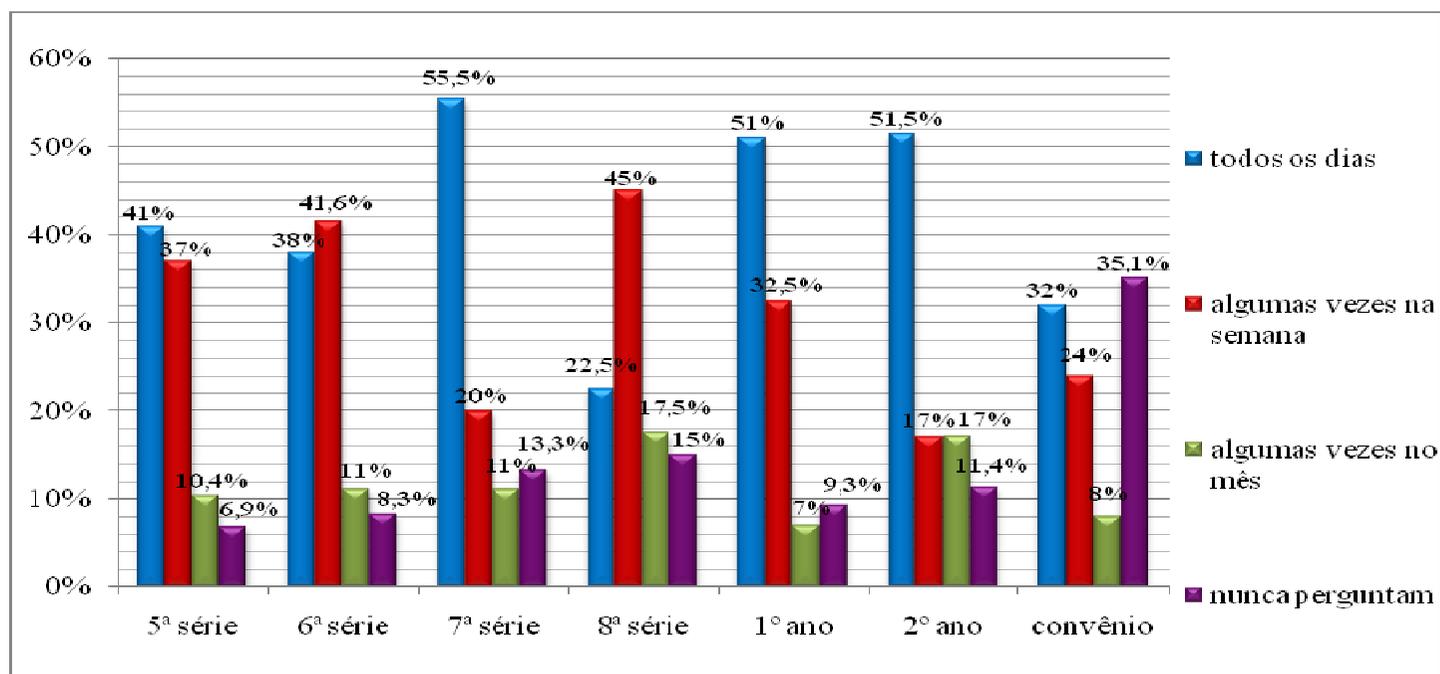


Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Tendo em vista estes dados iniciais é possível levantar dois questionamentos com relação à vida destes jovens no seio familiar: primeiramente se questiona como é o relacionamento destes jovens com seus pais, e em segundo lugar, qual o interesse destes pais com o que ocorre com seus filhos na escola que freqüentam. Tais questionamentos iniciais se mostram de grande importância tendo em vista a solicitação da escola em saber esse grau de interesse dos pais, já que muitos conflitos acabavam sem solução devido à inexistência de desejo dos pais em se apresentar na escola ou mesmo cobrar de seus filhos melhores comportamentos.

Dois gráficos (gráfico 2 e gráfico 3) ilustram melhor esta situação e permitem uma visualização mais geral da problemática enfrentada pelos jovens. O primeiro trata do interesse dos pais sobre o que ocorre com seus filhos. Nota-se, por exemplo, que muitos pais se interessam pelo ocorrido com seus filhos e que não existe um padrão exato de interesse. Cada série mantém próximas as duas primeiras respostas para a questão 34, contudo no convênio a maior parte dos alunos disse que seus pais nunca perguntam sobre sua rotina escolar:

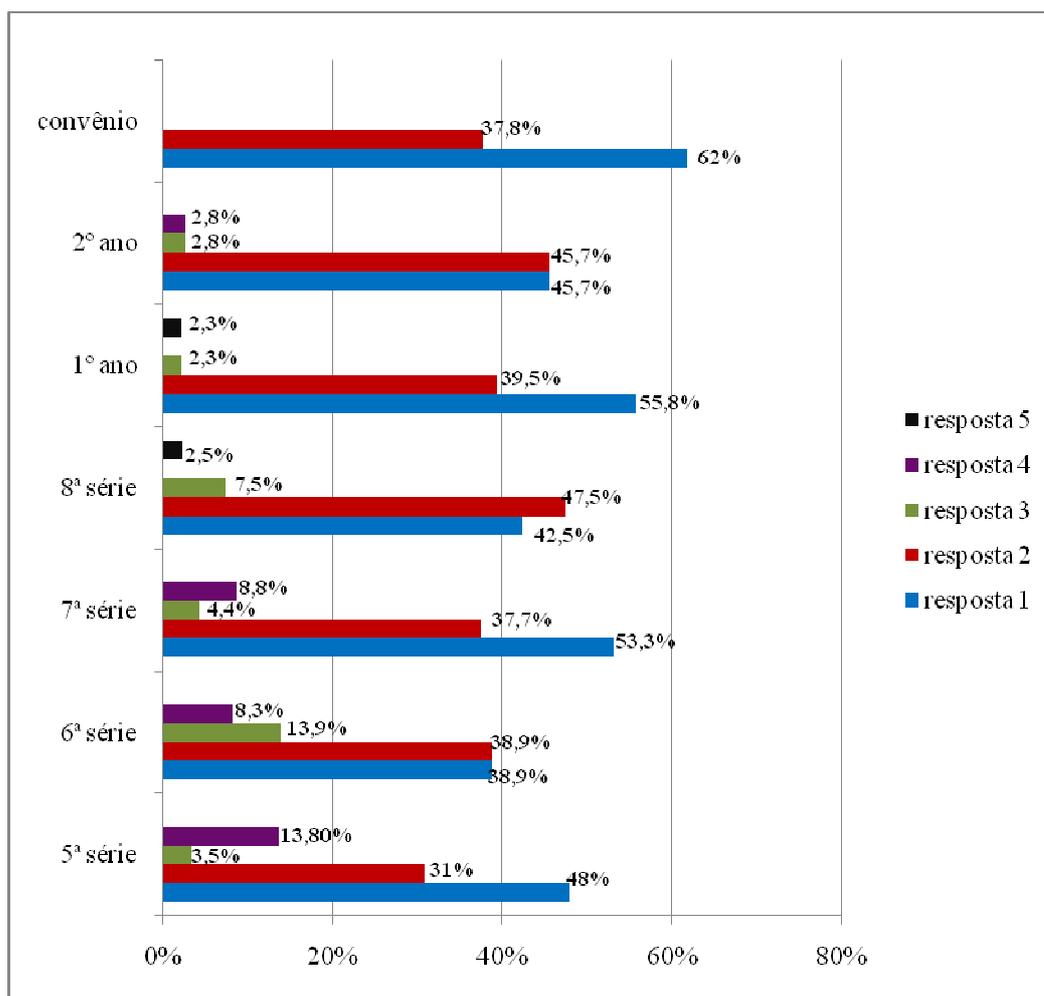
Gráfico 2 - Porcentagem de alunos por série e por Interesse dos Pais sobre ocorrido na Escola



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Outra questão importante que deve ser levantada neste tópico está ligada ao tipo de relacionamento existente entre os alunos da escola e seus pais. Cinco possibilidades foram dadas no formulário de pesquisa¹⁰ e é possível notar que muitos jovens, em sua imensa maioria têm relações que podem ser consideradas estáveis em seu seio familiar (resposta 1 e 2), contudo ainda é possível encontrar alunos que sofrem violências diversas dentro de suas próprias casas (respostas 3, 4 e 5).

Gráfico 3 - Porcentagem de Alunos por tipo de Relação com os Pais



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Para que se possa ter noção do nível de interesse dos pais pelos jovens estudantes e o tipo de relacionamento deles, os resultados a seguir demonstram como os pais manifestam seu interesse pelo filho e a partir daí como é o relacionamento deles com o jovem. Para isso os resultados são apresentados segundo duas questões norteadoras: 1ª - questão 34 sobre o interesse dos pais pelo o que ocorre com os jovens

¹⁰ Vide item 2.2, página 31, refere-se a questão número 34 do questionário estruturado.

na escola e subseqüentemente, 2ª – questão 35 sobre de que forma é o relacionamento destes jovens com estes pais.

O interesse dos pais sobre o que ocorre com seus filhos na escola se manifesta diariamente segundo 114 jovens sendo eles de pais divorciados ou casados. Esse percentual de jovens que tem atenção diária de seus pais ficou em 43% da amostra. Destes entrevistados que acenaram ter este tipo de relacionamento, 72 deles afirmaram ter relacionamentos tranqüilos com seus pais. Estes jovens afirmam não ter conflitos sérios em casa e de não sofrerem com agressões paternas. Outros 37 jovens afirmaram ter alguns conflitos em casa, mas nada de agressões. Já seis jovens disseram viver em ambientes com alguns conflitos e algumas agressões.

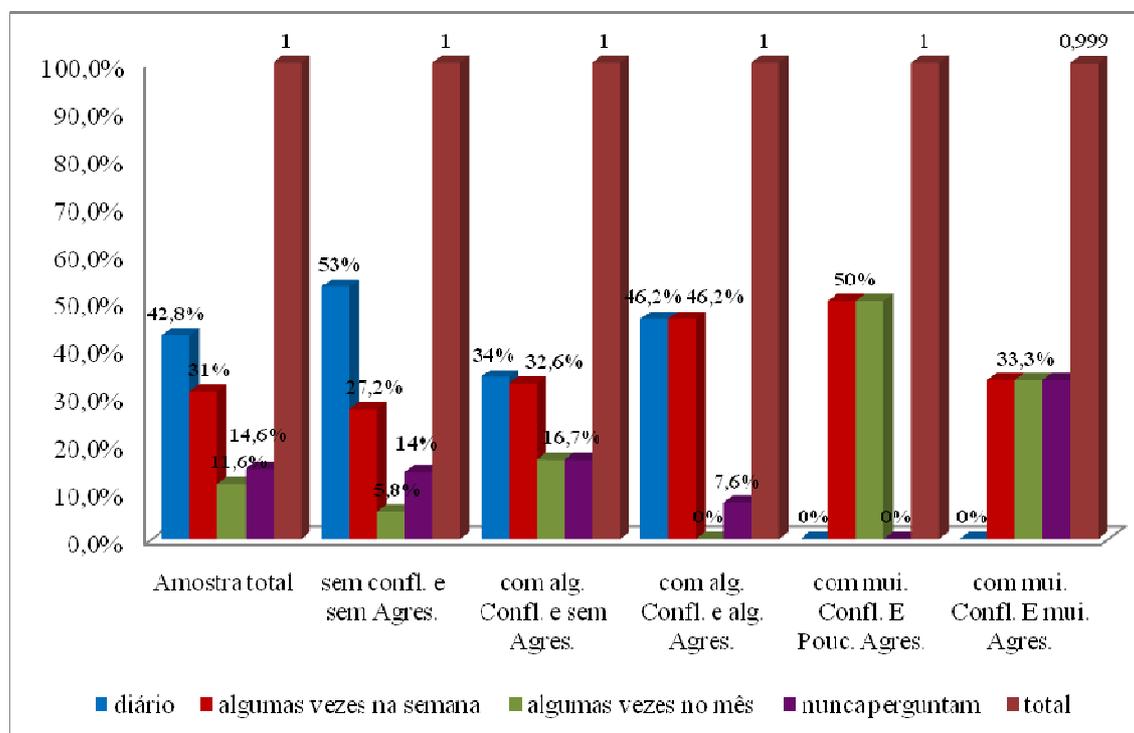
Oitenta e três jovens (31%) marcaram a opção 2 da questão 34 confirmando que seus pais se interessam pelo que ocorre com eles no ambiente escolar algumas vezes na semana apenas. Nesta amostra, 40 deles são filhos de pais divorciados e 42 de pais casados. Trinta e sete jovens afirmaram viver em ambientes familiares sem conflitos e sem agressões; 35 jovens disseram viver em ambientes com conflitos, mas sem agressões. Seis jovens afirmaram viver em ambientes com conflitos e agressões e outros quatro adolescentes disseram viver em ambientes familiares com muitos conflitos e poucas agressões. Já um jovem desta amostra afirmou viver sobre constantes conflitos e agressões sendo ele um menino do 1º ano filho de pais casados.

31 jovens ou 11% dos entrevistados afirmaram que seus pais informam-se sobre o que ocorre com eles em ambiente escolar apenas algumas vezes no mês. Deste total 61% (19 jovens) são filhos de pais divorciados e vivem sob a guarda das mães. Destes trinta e um jovens, oito afirmaram viver em ambientes sadios sem conflitos e agressões. 18 jovens afirmaram ter alguns conflitos em casa, mas não sofrem agressões. 4 jovens disseram viver em ambientes de muitos conflitos e poucas agressões. Destes, três são filhos de pais separados (dois sob guarda da mãe e um sob guarda do pai) e um é filho de pais ainda casados. Já uma jovem que vive sob a guarda da mãe da 8ª série disse viver sobre constantes conflitos e muitas agressões.

39 jovens ou 14% da amostra responderam que seus pais nunca se interessam com que ocorre com eles em seus ambientes escolares. Deste total 24 jovens (ou 61%) são filhos de pais separados. 19 destes jovens afirmaram viver em ambientes tranqüilos sem conflitos e sem agressões. 18 adolescentes afirmaram viver em ambientes com alguns conflitos, mas sem agressões. Um jovem da 7ª série que vive sob guarda da mãe disse conviver com alguns conflitos e algumas agressões e um jovem da 6ª série que já

tem seus pais falecidos e mora com a avó disse sofrer com muitos conflitos e poucas agressões. Veja no gráfico 4.

Gráfico 4 - Porcentagem de Alunos por tipo de relacionamento Familiar



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

É possível notar pelos dados amostrais apresentados que a preocupação do corpo técnico apesar de pertinente não se faz notar nas estatísticas da amostra. É possível visualizar uma grande quantidade de alunos que tem poucos problemas familiares em casa. Sejam eles filhos de pais divorciados sejam eles sem a atenção necessária, as respostas demonstram que existem alunos sofrendo agressões em casa, contudo nem de perto eles são maioria. Na realidade, a maior parte da amostra afirmou viver em ambientes pouco conturbados. Cabe agora desvendar quais destes alunos estão realmente envolvidos em problemas de desordem, conflito ou agressão dentro da escola. A forma como os dados foram coletados permite uma visualização do tema. Neste caso se cruzarmos as perguntas 34 e 35 que foram apresentadas acima, com as questões 25 e 27¹¹ do questionário estruturado, obteremos os seguintes resultados:

Na 5ª série nem um aluno afirmou ter ameaçado alguém na escola mesmo tendo problemas familiares. Alunos que os pais não questionam seus dias na escola afirmaram não terem praticado nem um tipo de ameaça dentro da escola. Dois alunos que convivem com alguns conflitos em casa, mas sem agressões, afirmaram já ter agredido

¹¹ Vide Metodologia página 31 (se aluno já ameaçou ou já agrediu alguém na escola)

outros estudantes do lado de fora da escola. Um deles é um jovem de 16 anos filho de pais divorciados que vivem sob a guarda da mãe e que afirmou viver em um bairro violento. O outro é um jovem de 17 anos filho de pais ainda casados e que afirmou morar em um bairro moderadamente violento. Há ainda outro jovem de 14 anos filho de pais casados e que afirmou morar em bairro muito violento que já se envolveu em brigas na escola.

A sexta série apresenta um aluno com problemas que merecem atenção por parte da escola. Trata-se de um jovem de 17 anos que mora com a avó e que sofre com conflitos e agressões constantes em casa. Além disso o jovem afirmou que mora em bairro muito violento. Sua avó nunca pergunta o que ocorre com o mesmo em sua escola. Esse jovem afirmou já ter ameaçado alunos dentro da escola e inclusive já brigou algumas vezes fora dela. Dois outros jovens de 17 anos, um de pais casados e outro de pais divorciados, afirmaram já ter se envolvido em brigas do lado de fora da escola. Um dos jovens afirmou viver em bairro não violento e outro em bairro violento. O primeiro é questionado sobre suas atividades escolares algumas vezes no mês pela mãe e o outro possui atenção diária dos pais. Ambos dizem viver em ambientes sem conflitos e nem agressões em casa.

Há ainda o caso de quatro alunas do sexo feminino na 6ª série que entram na amostra por terem brigado na saída da escola. Duas jovens são filhas de pais casados sendo que uma tem 14 anos e a outra 16. A primeira afirma morar em bairro muito violento e a segunda em bairro violento. A jovem de 14 anos é sempre questionada pelos pais e disse viver em um ambiente familiar com alguns conflitos e algumas agressões. A segunda jovem afirmou que os pais nunca perguntam sobre o que ocorre na escola e que seu relacionamento familiar é marcado por alguns conflitos, mas nenhuma agressão. Por fim temos ainda duas alunas que vivem com a mãe. Uma tem 15 anos e disse já ter feito ameaças a alunos dentro da escola, e a outra tem 16 anos e disse já ter brigado na saída da escola. A menina de 15 anos afirma viver em bairro violento, mas tem atenção diária dos pais e sofre com apenas alguns conflitos familiares. A moça de 16 anos afirmou viver em bairro moderadamente violento e que sua mãe a questiona algumas vezes na semana sobre o que se passa na escola. A jovem afirmou ainda viver em ambiente familiar de muitos conflitos e poucas agressões.

A 7ª série nos traz casos diferentes. Um jovem de 18 anos que mora em um bairro considerado muito violento com a mãe e em um ambiente sem conflitos e agressões, disse que todos os dias a mãe procura saber o que se passa com ele na escola

e afirmou também já ter ameaçado e brigado com alunos dentro da escola. Temos ainda o caso de dois meninos (de 16 anos) que moram em bairro considerados por eles muito violento e três meninas (duas de 17 que consideram seus bairros não violento e moderadamente violento respectivamente e outra de 14 anos que considera seu bairro moderadamente violento) que vivem em ambientes sem conflitos e agressões e cujos pais questionam todos os dias sobre suas atividades escolares que afirmaram já ter brigado fora da escola (a menina de 14 afirmou ter brigado dentro da escola). Temos ainda o caso de um menino de 15 anos morador de bairro declarado não violento que afirma já ter brigado fora da escola.

Na 8ª série 2 meninas de 15 anos (uma de pais casados e outra que vive com a mãe) disseram ter mantido briga fora da escola. o ambiente de convivência delas é marcado por alguns conflitos contudo sem agressões. Seus pais costumam questioná-las sobre as atividades escolares algumas vezes na semana e uma vem de bairro considerado por ela violento e outra vem de bairro considerado moderadamente violento. Temos ainda outra jovem de 15 anos que vive com a mãe e cujo relacionamento familiar é considerado tranquilo que afirmou já ter ameaçado alunos na escola. Esta jovem considera seu bairro moderadamente violento. Temos ainda dois meninos (um de 15 que vive com a mãe e outro de 17 anos que mora com os tios) que já se envolveram em brigas no lado de fora da escola. O menino de 15 afirmou que sua mãe pergunta algumas vezes no mês o que ocorre com ele na escola e disse ainda que seu relacionamento materno é marcado por conflitos e agressões constantes. Esse jovem disse que seu bairro é considerado não violento e que além de ter brigado fora da escola, ele já ameaçou alunos dentro da escola também. Já o jovem de 17 anos disse que seus tios perguntam algumas vezes no mês o que ocorre com ele na escola e que seu relacionamento com eles é marcado por alguns conflitos e algumas agressões. Além disso, ele afirmou que o bairro onde mora pode ser considerado violento.

No primeiro ano é possível notar logo de início um jovem de 20 anos, filho de pais casados cujo interesse destes se manifesta algumas vezes na semana e que tem relacionamento familiar marcado por muitos conflitos e agressões que afirmou ter ameaçado alunos dentro da escola e que já brigou também dentro e fora dela. Contudo este jovem não é o único a ter se envolvido em conflitos dentro e fora da escola. Há ainda 4 jovens (1 de 16 anos, 2 de 17 e 1 de 18 anos) que afirmaram também já ter ameaçado alunos dentro da escola e já terem brigado também. Casos curiosos o de um dos jovens de 17 anos que é filho de pais casados, tendo atenção diária destes e

relacionamento tranqüilo, mas que afirmou já ter ameaçado alunos na escola e brigado fora dela. O outro jovem de 17 anos que mora com o pai afirma que este não se interessa nunca com que ocorre com ele na escola, mas apesar disso, sua relação é tranqüila e sem agressões. Este jovem que considera morar em um bairro muito violento já ameaçou alunos na escola e já brigou também na mesma. O jovem de 18 anos encontra-se na mesma situação do jovem anterior, contudo o responsável por ele é a mãe.

Há ainda no 1º ano o caso de 2 meninas (uma de 15 e outra de 16 anos) que já se envolveram em brigas na saída da escola. A menina de 15 anos mora com a mãe em um bairro que considera moderadamente violento afirma viver em um ambiente com conflitos, mas sem agressões e disse também que a mãe se interessa pelas suas atividades escolares algumas vezes na semana. A outra menina de 16 anos é filha de pais ainda casados e disse morar em um bairro violento. Seus pais perguntam sobre suas atividades diariamente e sua relação familiar também é marcada por alguns conflitos, mas nenhuma agressão.

O 2º ano é marcado por relações conflituosas envolvendo jovens com relações até certo ponto estáveis. O primeiro jovem que se faz citar é um adolescente de 16 anos que vive sob a guarda da mãe e considera morar em um bairro violento que afirmou já ter ameaçado alunos na escola e já se envolveu em mais de 2 brigas na saída da escola. O fato curioso é que mais uma vez este jovem é questionado diariamente sobre suas atividades escolares pela mãe e diz ter um relacionamento com conflitos, mas sem agressões em casa. Há ainda dois meninos (um de 17 e outro de 20 anos) que afirmaram morar em bairros violentos e que tem pais casados que os questionam todos os dias e mantêm relações harmoniosas (sem conflitos e agressões), mas que já se envolveram em brigas na saída da escola.

No universo feminino do 2º ano podemos citar o caso de uma adolescente de 18 anos que vive com a mãe em um, bairro considerado moderadamente violento que já ameaçou alunos na escola e também já brigou dentro e fora dela. A moça afirma que sua mãe se interessa algumas vezes na semana pelo que lhe ocorre na escola e que sua relação familiar é sem conflitos e agressões. Há ainda outra jovem de 16 anos que vive também com a mãe que afirmou já ter se envolvido em brigas na saída da escola. Segundo a jovem seu bairro é moderadamente violento e seu relacionamento familiar é marcado por alguns conflitos, mas sem agressões. Por fim ainda há outra jovem cuja idade não foi informada que também já se envolveu em brigas na saída da escola. Esta

jovem afirmou morar em um bairro moderadamente violento, e que seus pais a questionam sobre suas atividades escolares apenas algumas vezes no mês, mas que seu relacionamento familiar é marcado apenas por pequenos conflitos.

No convênio 4 alunos apresentaram problemas com ameaças e agressões. Segundo a análise dos dados um menino e três meninas estiveram envolvidos em brigas à época da pesquisa. Os casos mais graves são de 2 meninas de 18 anos filhas de pais casados que se envolveram em ameaças dentro da escola e em brigas em sua saída. Uma das jovens considera morar em um bairro moderadamente violento e diz que seus pais nunca perguntam pelo que ocorre com ela em sua escola, mas que seu relacionamento é tranquilo e sem agressões. A outra jovem afirmou que mora em um bairro violento e que apesar de seus pais a questionarem todos os dias sobre suas atividades escolares e seu relacionamento familiar ser sem conflitos e agressões, ela já ameaçou alunos dentro da escola e já brigou na saída da mesma.

Temos ainda o caso de uma jovem de 19 anos filha de pais divorciados e que vive sob a tutela da mãe que possui acompanhamento diário sobre suas atividades e que afirmou morar em bairro moderadamente violento, que disse ter brigado na saída da escola. A jovem possui relacionamento harmonioso com a mãe. Por fim temos ainda um jovem de 18 anos filho de pais casados que mora em bairro considerado moderadamente violento e que tem acompanhamento algumas vezes na semana dos pais, além de manter um relacionamento com alguns conflitos, mas sem agressões que afirmou já ter se envolvido em brigas na saída da escola.

É possível retirar algumas conclusões importantes sobre as preocupações apresentadas pelo corpo técnico da escola Deodoro de Mendonça. Primeiramente pode se afirmar com base nos dados apresentados que realmente existe uma grande quantidade de alunos com problemas familiares em casa que manifestam problemas de interação para seus ambientes de convivência escolar. Contudo isso não é a regra como se pensa. Por exemplo, se pegarmos as porcentagens de alunos de pais divorciados envolvidos em ameaças e brigas elas não ficam tão distantes das de alunos com pais casados envolvidos nos mesmos problemas e às vezes até as superam. É o caso da 5ª série onde dos três alunos envolvidos neste tipo de conflito dois (66,6%) são de pais ainda casados e que recebem menos atenção do que o aluno de pais divorciados.

Na 6ª série dos sete alunos envolvidos na problemática discutida aqui, três são de pais casados (42,8%) e três de pais divorciados. Um aluno vive sob custódia da avó por conta dos pais falecidos e é o que mais causa tem problemas familiares da amostra.

Já na 7ª série dos oito alunos identificados nos cruzamentos feitos, três (37,5%) são de pais ainda casados. Na 8ª série dos seis casos levantados, dois alunos (33,3%) vivem com genitores ainda casados. No 1º ano dos sete casos três (42,8%) são de pais com relacionamento estável. No 2º ano dos sete casos levantados três também (42,8%) são de filhos com pais ainda casado, e no convênio dos quatro casos levantado 3 (75%) são de filhos que tem em casa ainda os dois genitores.

Com esses dados é possível notar que nem sempre o fato dos jovens estarem envolvidos em problemas familiares pode fazer com que estes manifestem problemas dentro da escola. Outro dado importante que pode ser retirado da amostra diz respeito à quantidade de alunos de pais divorciados que não tem problemas escolares com ameaças e agressões. Apesar das porcentagens de alunos com pais neste tipo de situação, em sua grande maioria os alunos frutos deste tipo de relacionamento não têm se envolvido em problemas mais sérios dentro e fora do ambiente escolar. Por exemplo, na 5ª série dos 29 alunos entrevistados 26 deles não se envolverão em problemas de ameaças ou brigas à época da pesquisa. Destes 26 alunos 16 são filhos de pais separados que afirmaram em sua maioria manter relações estáveis com seus genitores.

Na sexta série, dos 15 alunos de pais divorciados apenas três apresentaram problemas. Na 7ª série, dos 25 alunos filhos de pais separados, apenas 5 apresentaram o problema da ameaça ou agressão. Na 8ª série dos 21 alunos que se declararam filhos de pais divorciados apenas 4 apresentaram problemas. No 1º ano, dos 17 apenas quatro apresentaram envolvimento em brigas. No 2º ano dos 16 declarados filhos de pais separados apenas 4 tiveram envolvimento em brigas. No convenio dos 15 alunos que se declararam filhos de pais divorciados, apenas 1 se envolveu em brigas.

Desta forma é possível notar que apesar de se querer fazer uma relação entre alunos com problemas familiares em casa com alunos ditos “problemáticos”, não se torna viável quando se observa através dos dados amostrais. É possível afirmar, portanto que apesar de os problemas familiares estarem associados a manifestações agressivas dentro da escola, o fato de um aluno ter problemas de separação de pais ou não atenção total dos genitores, ou até mesmo sofrer alguns tipos de agressões em casa, não se reflete necessariamente em problemas violentos dentro da escola.

Contudo, é preciso notar ainda, que os alunos envolvidos em problemas violentos dentro da escola, apresentaram também índices de desestrutura familiar grande (desatenção por parte dos pais e agressões infringidas contra eles) o que leva a crer que seja necessário dar atenção a este tipo de situação também não sendo

totalmente descartada a relação problema familiar com o comportamento anti-social escolar.

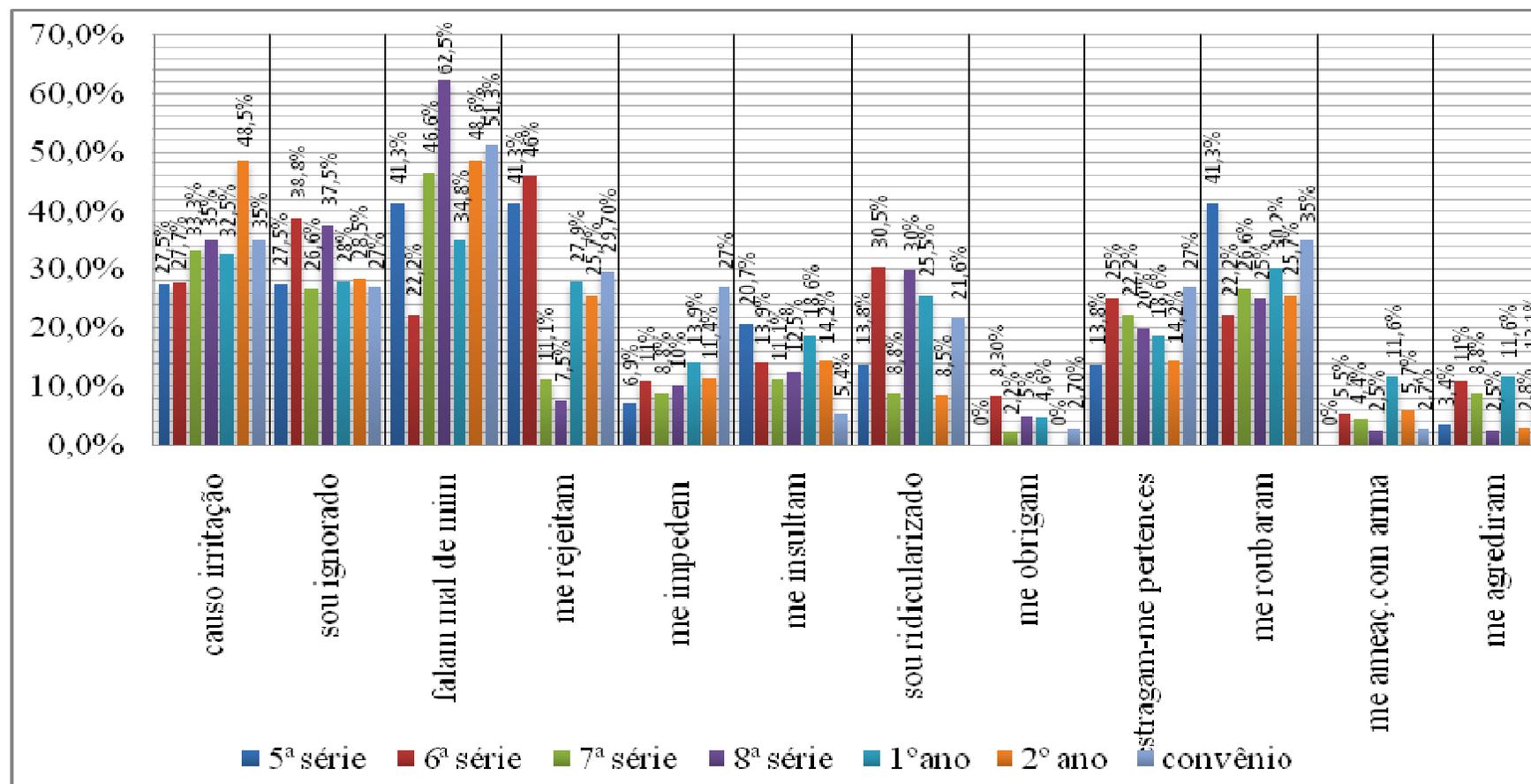
Um ponto importante de se notar também na análise dos dados apresentados é com relação à forma como os estudantes envolvidos em brigas e ameaças visualizam seus próprios bairros de moradia. É possível notar que dos 42 estudantes que manifestaram os problemas investigados nesta parte do trabalho, 20 (47,6%) deles afirmaram vir de bairros considerados ou violentos ou muito violentos. Não há como afirmar se esta violência manifestada nos bairros residentes dos alunos entrevistados esta se encaminhando com os eles para dentro das escolas. Contudo é possível perceber que apenas cinco (1,09%) alunos que disseram ter brigado fora da escola afirmaram vir de bairros considerados não violentos o que é um numero muito baixo comparado à quantidade de jovens que consideram seus ambientes de convívio sociais violentos ou muito violentos. É possível que estes tipos de situações vivenciadas em seus lares ou vizinhanças possam estar gerando reações ou respostas diferentes quando as mesmas situações são vivenciadas em ambiente escolar. Isso quer dizer que, um aluno que se acostuma a ter respostas violentas a tipos de situações que ocorrem em seu bairro, pode ter os mesmos tipos de respostas quando se encontra com outros jovens de outros lugares em seu ambiente de convívio escolar.

Observa-se que o jovem pode ter também um relacionamento familiar tranquilo em casa, mas estar em contato com relacionamentos mais conflituosos em sua vizinhança ou bairro em que reside. Desta forma, apesar de em casa o jovem viver harmonicamente, pode ser o bairro a fonte de estresse do aluno.

6.2 FATORES DE VITIMIZAÇÃO/BULLYING (MAL SOFRIDO): QUESTÕES DE 1 A 14

A aferição dos padrões de vitimização deve ser elaborada com base na repetição de comportamentos conflituos do tipo: alguém irritar-se com a presença da vítima, ignorar, falar mal e etc. Estes tipos de comportamentos, quando acontecem em cadeia, ou seja, quando ocorrem ao mesmo tempo, caracterizam que há uma vítima de bullying. Foi possível notar que muitos alunos das diferentes séries demonstraram manifestar comportamentos diversos e vitimizantes de forma muito natural. Contudo é possível notar também que estes comportamentos variam nas séries cursadas.

Gráfico 5 - Porcentagem de Alunos por Tipo de Comportamento Submetido



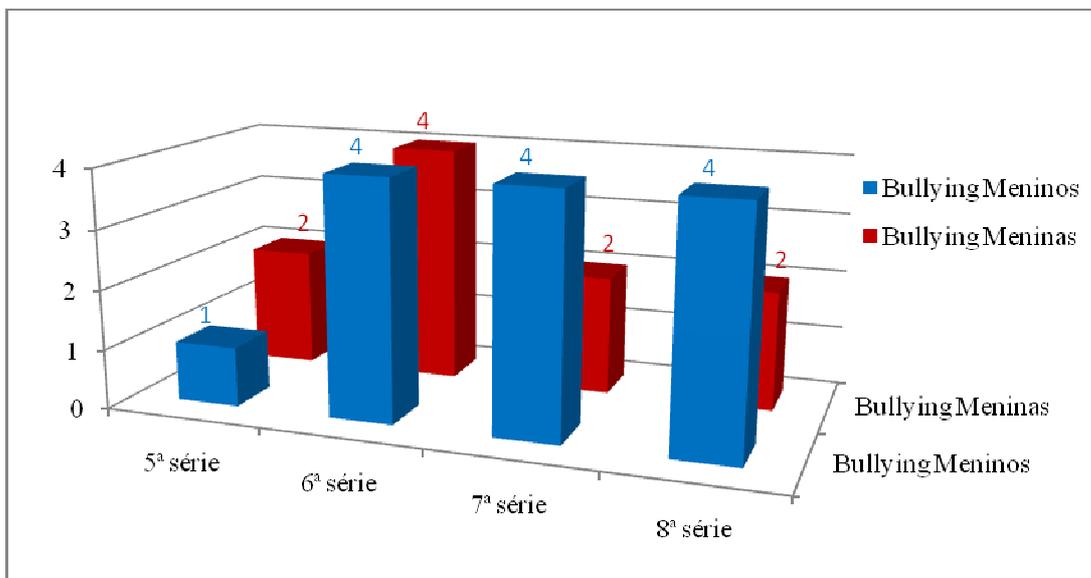
Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

O gráfico 5 permite uma visualização melhor dos tipos de comportamentos a que estão submetidos os alunos do Deodoro de Mendonça. Nota-se, por exemplo, que falar mal dos colegas de turma é visivelmente o que mais se fazem grande parte das turmas, principalmente na 8ª série. Segue, portanto análise da vitimização identificada através da aplicação dos questionários.

6.2.1 Ensino Fundamental

A prevalência do bullying é fator sempre importante para se analisar a problemática. Assim, Olweus (1997) apresenta a prevalência do fenômeno como dados básicos de qualquer estudo realizado sobre o tema. O gráfico 6 demonstra inicialmente a prevalência do Bullying nas turmas do ensino fundamental.

Gráfico 6 - Prevalência Bullying Ensino Fundamental



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Na 5ª série o fator de vitimização mais comum identificado no questionário estruturado é a rejeição que alguns alunos sofrem. Doze alunos afirmaram ser rejeitados por outros alunos da instituição. Contudo, este não é o único fator encontrado. Nota-se, por exemplo, que na quinta série duas perguntas do padrão vitimização obtiveram mais respostas positivas dos alunos: a primeira delas é a pergunta número três do questionário. Doze alunos responderam sim ao fato de outros alunos da escola falarem mal deles dentro da escola. Outra pergunta respondida por doze alunos afirmativamente é com relação ao fato de já ter sido roubado. Doze alunos da quinta série já tiveram algum tipo de objeto pessoal roubado dentro da escola (sejam eles documentos, aparelhos celulares ou materiais escolares).

Além disso, três alunos da quinta série apresentaram respostas ao questionário que caracterizam o padrão de bullying. Estes três alunos, um menino e duas meninas todos de 14 anos, responderam afirmativamente a sete das perguntas que caracterizam vítimas de bullying no questionário estruturado. Segundo estes alunos sua rotina escolar é marcada por irritação de alunos com sua presença, por alunos que lhes ignoram ou rejeitam, por alunos que falam mal deles para outros alunos, por xingamentos diversos por colegas de classe, por ridicularizações e até mesmo algumas ameaças. Nenhum aluno da 5ª série afirmou ter sofrido agressões em seu ambiente escolar há época da pesquisa.

A 6ª série é marcada por maiores situações de violência ou conflito. Dos 36 alunos que responderam ao questionário, 8 apresentaram padrão de bullying. Novamente a maior parte dos alunos (18 ou 50%) afirmou que sofre com colegas falando mal deles para outros alunos no interior da escola. Depois disso, ser ignorado é o segundo fator mais comum na sexta série.

Dentre estes oito alunos temos casos diversos de violência sofrida. Temos por exemplo o caso de uma jovem de 14 anos que se disse ridicularizada por colegas da escola e que já foi inclusive obrigada a fazer coisas que não queria por outros colegas. Esta aluna disse também já ter tido suas coisas pessoais estragadas por colegas por puro divertimento. Afirma também que se sente ameaçada dentro da escola por alguns alunos e que já foi agredida 2 vezes na instituição.

Temos também, ainda na sexta série, o caso de um rapaz de 15 anos que já teve suas coisas estragadas por outros alunos da escola e que se sente ameaçado por outros colegas. Este jovem afirmou já ter sido ameaçado com um revólver calibre 22 no interior da escola. Pode-se citar também outro jovem de 13 anos que é ridicularizado pelos colegas e que já teve suas coisas estragadas. Esse jovem além de ser ignorado pelos colegas de escola e de já ter sido impedido de participar de atividades grupais por outros alunos, já foi também agredido pelo menos 4 vezes no interior da escola e já teve seu dinheiro roubado.

Por fim há ainda o caso de uma menina de 16 anos que afirmou sentir-se ignorada pelos colegas de escola e que além de falarem mal dela e ela se diz ameaçada por outros alunos da instituição. Essa jovem afirmou que já teve seus pertences pessoais estragados diversas vezes na escola e que não é capaz nem de contar quantas vezes exatamente afirmando apenas que foram muitas.

A 7ª série da escola estadual Deodoro de Mendonça do turno da tarde, não apresenta índices elevados de alunos sofrendo de processos de vitimização. Porém existem alunos que sofrem processos diversos de conflito e violência. Dentre as respostas dadas, o ato de falar mal do aluno para outras pessoas é a que se destaca com 21 alunos (46%). Na sequência dos comportamentos vitimizantes vêm sentir irritação de alunos com a presença do aluno vitimizado (15 alunos ou 33%); ser ignorado pelos estudantes (12 alunos ou 26%); e por fim, ter coisas pessoais estragadas de propósito ou mesmo ser roubado na escola (10 alunos cada ou 22%).

Encontramos na 7ª série seis alunos que apresentaram respostas dentro do padrão de vítimas de bullying. Dentre elas citamos o caso de uma jovem de 14 anos que percebe a irritação dos colegas com a sua presença na escola e que sabe que os alunos falam mal dela. Esta jovem se sente ameaçada na escola, pois já foi agredida pelos alunos e já foi ameaçada com armas pelos mesmos.

Há o caso também de um jovem de 18 anos que afirma já ter sido obrigado a fazer coisas que não queria pelos colegas de escola e que além disso, alunos já lhes estragaram pertences pessoais propositalmente. Este aluno se sente ameaçado por um aluno da escola e inclusive já foi ameaçado com arma dentro da mesma. Além disso, o jovem afirmou já ter sido agredido dentro da escola.

Situação parecida se encontra outro estudante de 17 anos que afirmou perceber a irritação de seus colegas de escola com sua presença nos locais de convívio e que além disso os alunos lhe ignoram e falam mal dele. O jovem enfatizou que se sente ameaçado por um estudante da escola, e que já lhe estragaram pertences pessoais de propósito além de já ter sido roubado dentro da escola.

Um jovem de 16 anos afirmou que é constantemente ignorado por colegas de escola e que estes falam mal dele para outros estudantes. Este jovem disse que já foi impedido diversas vezes de participar de atividades escolares e que, além disso, ele é constantemente insultado e ridicularizado por sua aparência. Este jovem já foi roubado na escola e já teve pertences seus destruídos por puro divertimento dos outros.

Situação similar vive uma estudante de 12 anos que afirmou saber que seus colegas ficam irritados com sua presença além de saber que falam mal dela para outros estudantes e que esta é geralmente ignorada em ambientes de convívio. Esta jovem afirmou que é impedida constantemente de participar de atividades grupais e que sempre que podem a ridicularizam diante de outros estudantes. Esta jovem afirmou que se sente ameaçada por um estudante da escola.

Por fim, o caso mais grave da 7ª série é o de um estudante de 17 anos que afirmou positivamente a 8 questões das 14 sobre vitimização. Segundo este jovem ele percebe a clara irritação de estudantes em sua presença. Ele sabe ainda que alunos falam mal dele pela escola e que é rejeitado por outros indivíduos. O jovem afirma ainda que já foi impedido de participar de atividades escolares por outros estudantes e que é insultado constantemente por estudantes da escola. Além disso, o estudante já teve seu dinheiro roubado dentro da escola e já foi ameaçado com arma na escola. O estudante disse ainda que já sofreu com agressões no interior do colégio.

As turmas de 8ª série não apresentaram muitos problemas relacionados a violência física (agressões). Apenas um aluno afirmou que já foi agredido na escola. O hábito mais comum entre alunos, identificado na pesquisa é o ato de falar mal de estudantes para outros jovens. Segundo 25 jovens (62,5%) este é o tipo de problema que é mais vivenciado no cotidiano escolar dos estudantes. Ser ignorado (37,5%), sentir irritação dos colegas com a presença (35%) e ser ridicularizado (30%) são na sequência os comportamentos vitimizantes mais comuns na 8ª série. Dez (25%) alunos afirmaram ainda terem sido roubados dentro e fora da escola.

Uma aluna de 18 anos respondeu positivamente a 5 questões de vitimização. Esta aluna disse que é ignorada e rejeitada por alunos da escola e, além disso, muitos alunos falam mal dela e a ridicularizam diante dos outros. A aluna afirmou também que se sente ameaçada por outro aluno da escola.

4 outros alunos responderam positivamente a 6 questões de vitimização do questionário. Um jovem de 18 anos disse que sente a irritação nos colegas quando ele chega e que também é ignorado, insultado, e ridicularizado por colegas de turno. Além disso, falam mal dele e ele sente-se ameaçado por outros jovens da escola.

Tem uma jovem de 17 anos que disse ser ignorada, insultada e ridicularizada na escola. Ela é também vítima de difamações na escola e ainda é impedida de participar de atividades desenvolvidas pelos outros alunos. Esta jovem afirmou já ter sido assaltada na saída da escola, ocasião onde foi levado seu aparelho celular.

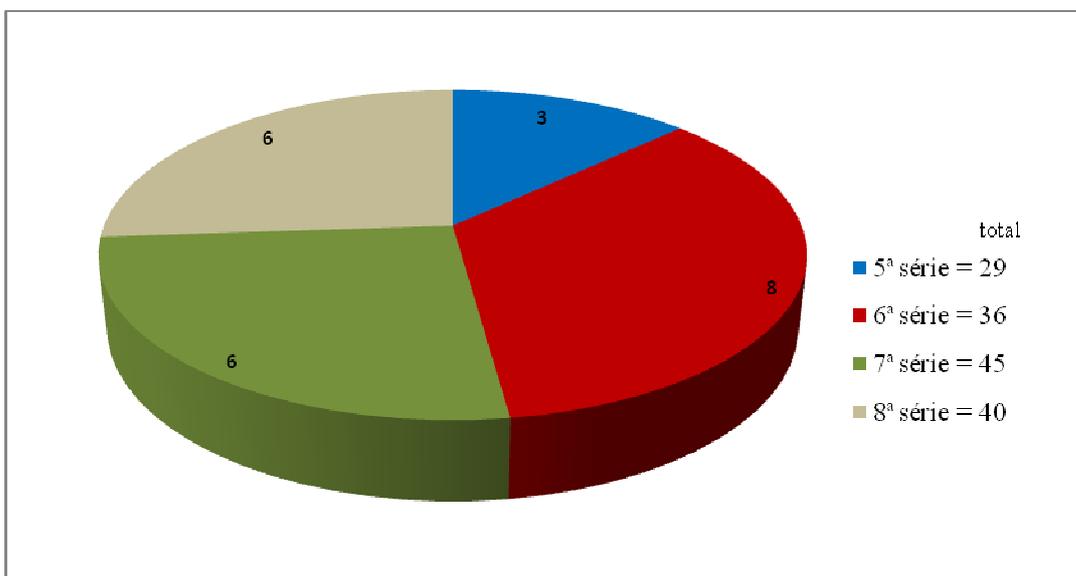
Temos ainda o caso de uma outra jovem de 16 anos que afirmou perceber a irritação de seus companheiros de turno com sua presença no ambiente escolar. Esta jovem já foi obrigada a fazer coisas que não queria por indivíduos da escola. Ela também já teve pertences estragos propositalmente e já foi também ameaçada com arma e roubada dentro da escola. A jovem afirmou sentir-se ameaçada dentro da escola.

Há um caso de uma moça de 15 anos que afirma saber que falam mal dela para pessoas da escola e que, além disso, ela é ridicularizada por sua aparência ou comportamento. A jovem também já foi obrigada a fazer favores que não queria a outros estudantes, e que já teve pertences seus estragados de forma proposital além de ter tido seu aparelho celular roubado dentro da escola. A jovem afirmou que se sente ameaçada por estudantes de dentro da instituição.

O último caso da 8ª série é de um jovem de 15 anos que respondeu afirmativamente a 8 questões sobre vitimização. Este jovem tem conhecimento da irritação que sua presença causa aos outros estudantes e que estes falam mal dele para outros jovens. Este jovem é constantemente impedido de participar de determinadas atividades e afirmou ser “sempre” insultado por seus colegas de turno. O jovem que já foi roubado na saída da escola afirmou sentir-se ameaçado por um estudante e que inclusive já foi agredido uma vez por este estudante que o persegue.

O gráfico 7 mostra de que forma ficou distribuído no ensino fundamental o número de casos de bullying encontrados:

Gráfico 7 - Nº Total de Casos de Bullying Encontrados no Ensino Fundamental

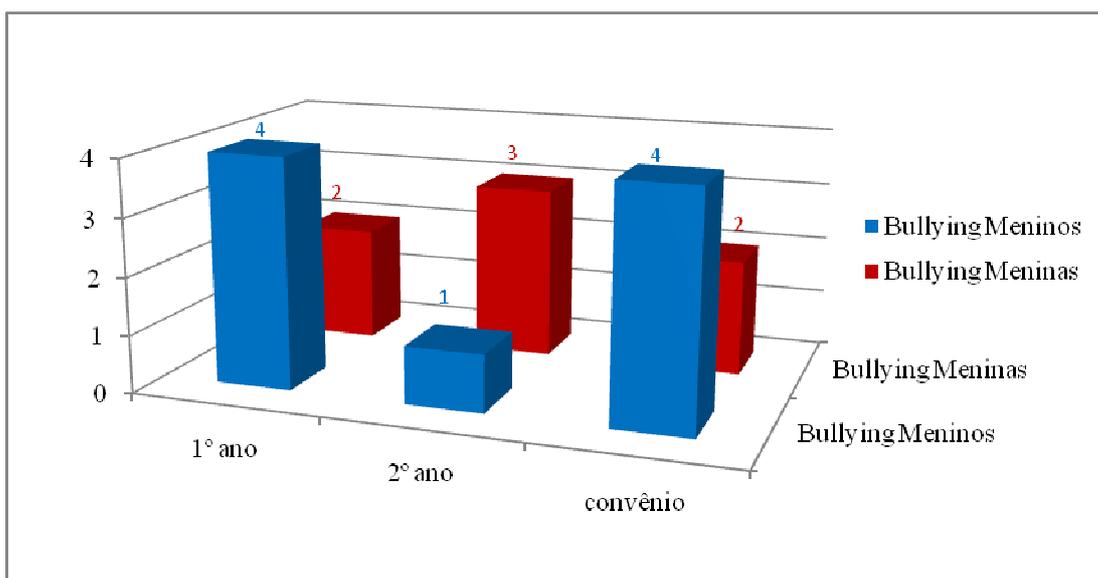


Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

6.2.2 Ensino Médio

No ensino médio a prevalência demonstra que os meninos estão mais sujeitos a prática do Bullying. O gráfico 8 mostra que apenas no segundo ano há mais meninas sofrendo com o problema.

Gráfico 8 - Prevalência Bullying Ensino Médio



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

O 1º ano apresentou dados que mostraram o quão delicado é a experiência escolar de alunos de ensino médio de uma escola pública na capital paraense. 34% da amostra afirmaram ter conhecimento de outros alunos falando mal deles ou os difamando. Outros 32% da amostra afirmaram saber que irritam outros estudantes somente com sua presença no ambiente escolar. Outros 12 alunos (27%) afirmaram que ou são ignorados pelos outros estudantes, ou são rejeitados. Além disso, 12 alunos também afirmaram já terem sido roubados na escola ou em suas imediações. Dois alunos afirmaram já terem sido forçados a fazer coisas que não queriam para outros alunos (um menino de 20 anos e uma menina de 17). Por fim cinco alunos do primeiro ano afirmaram já ter sido agredido dentro da escola por outros estudantes.

Encontramos no 1º ano 10 jovens com respostas que indicam padrão de vitimização sendo que destes 10 jovens seis apresentaram o padrão de bullying (mais de 6 respostas afirmativas). Dos casos de vitimização podemos citar o caso de um jovem de 18 anos que já teve seus pertences estragados propositalmente dentro da escola além de já ter sido roubado. Este jovem já foi ameaçado com arma dentro da escola e disse se sentir ameaçado por outro jovem de dentro da escola que, inclusive, já lhe agrediu.

Outros três jovens do sexo masculino responderam afirmativamente a 5 questões do formulário. É o caso de um menino de 21 anos e outro de 18 que afirmaram perceber a irritação dos colegas com suas presenças e que estes falam mal deles para outros alunos. Estes jovens que são rejeitados por outros alunos afirmam que são sempre

ridicularizados por suas aparências e que já tiveram pertences seus estragados de propósito.

Há ainda um jovem de 16 anos sabe que é ignorado pelos outros estudantes. Este jovem já teve pertences seus destruídos propositalmente e já foi roubado no interior da escola. Ele afirmou ainda que se sente ameaçado por um aluno da escola e que este já lhe ameaçou com um revólver 38 no interior da escola.

No primeiro ano os casos de bullying são maioria entre os homens. 2 meninas e 4 meninos sofrem com o problema. Uma das meninas tem 17 anos e afirmou que tem conhecimento da irritação de outros alunos com sua presença. A aluna afirmou ainda que é constantemente ignorada e rejeitada pelos outros alunos e que, este costumam falar mal dela para outras pessoas. A jovem disse ainda se sentir ameaçada por outros alunos da escola e que inclusive já foi ameaçada com arma no interior da escola.

A outra jovem tem 19 anos e afirmou perceber a irritação que outros jovens sentem ao tê-la no mesmo ambiente. Outros alunos costumam falar mal dela para outras pessoas, rejeitá-la e insultá-la. Ela disse ainda que é sempre impedida de participar de atividades grupais por determinados alunos e que já teve pertences seus destruídos propositalmente, além de já ter sido roubada no interior da escola.

Há ainda o caso de três jovens vítimas de bullying no primeiro ano. Um jovem de 16 anos que percebe irritação nos amigos com sua presença afirmou que é constantemente ignorado ou rejeitado além de saber que falam mal dele. Este jovem afirma sofrer com insultos diários e que sofre constantemente com ridicularizações sobre sua aparência ou jeito. O jovem afirmou sentir-se ameaçado por outro colega de escola e que inclusive já foi agredido por ele.

Temos também o caso de dois jovens de 17 anos. Um deles disse saber que outros colegas falam mal dele além de rejeitá-lo. Este aluno é insultado na escola e já foi impedido de participar de atividades escolares por colegas de turma. O jovem que é ridicularizado por sua aparência ou jeito já foi ameaçado com faca no interior da escola e disse se sentir muito ameaçado quando vai à escola. O outro jovem afirmou que é ignorado e que falam mal dele na escola. Este aluno além de ser insultado e ridicularizado por outros alunos da escola, já foi impedido de participar de atividades escolares por outros colegas de turma. O jovem que já foi roubado na escola disse que já foi agredido '*muitas*' (termo utilizado pelo aluno) vezes no interior da mesma.

Por fim temos ainda no 1º ano o caso de um jovem de 20 anos que respondeu afirmativamente a 7 questões sobre vitimização. O jovem afirmou saber que alunos

ficam irritados com sua presença e que geralmente os alunos falam mal dele para outras pessoas. Este aluno já foi impedido de participar de atividades escolares e já foi obrigado a fazer coisas por outros alunos que não queria fazer. O jovem disse também que já foi roubado na escola e que sente muito medo de um aluno da escola que o ameaça e já o agrediu.

As turmas de 2º ano apresentaram padrões de violência relativamente menores comparados aos alunos de 1º ano. 8 alunos (22%) responderam afirmativamente a pelo menos 4 questões sobre vitimização. Dentre os principais problemas encontrados nas turmas de 2º ano, saber que colegas de escola ficam irritados com a simples presença do aluno é o mais comum sendo que 20 alunos (57%) responderam afirmativamente a esta questão. Em segundo lugar vêm as difamações com 19 respostas afirmativas (54%). Nove alunos responderam que já foram roubados na escola e dois alunos afirmaram já terem sido ameaçados com armas (revolver e faca) dentro da escola. Nenhum aluno respondeu ter sido obrigado a prestar algum tipo de favor que não queria a outro colega de escola.

Dentre os alunos que responderam afirmativamente a pelo menos 4 perguntas destacamos o caso de um jovem de 16 anos que afirmou ser rejeitado por colegas de classe e que já teve seus pertences destruídos propositalmente além de já ter sido roubado na escola. Este jovem afirmou ainda que já foi agredido '*muitas*' vezes no interior da escola o que caracteriza o padrão de bullying. Este foi o único aluno do 2º ano que afirmou já ter sido agredido na escola.

Temos ainda 2 alunas que responderam afirmativamente a 5 questões sobre vitimização. Uma das jovens de 19 anos afirmou perceber irritação em outros alunos quando esta se encontra presente. Disse ainda que é ignorada e rejeitada por outros colegas e que sabe que alguns alunos falam mal dela para outros alunos. A jovem disse ainda que é insultada por alunos da escola. A outra jovem que tem 20 anos também fez as mesmas afirmativas da primeira jovem só que ao invés de ser insultada ela afirmou já ter tido pertences seus destruídos propositalmente no interior da escola.

Quatro outros jovens, três do sexo feminino e um do sexo masculino, apresentaram padrão de bullying no segundo ano, pois responderam positivamente a 7 questões sobre vitimização. Uma das jovens de 16 anos disse perceber irritação de colegas com sua presença e que sabe que alunos falam mal dela para outros colegas. A jovem disse também que já foi rejeitada por outros alunos do turno e que já foi

impedida de participar de atividades escolares por outros estudantes além de já ter tido pertences seus estragados propositalmente.

Outra jovem de 17 anos afirmou perceber irritação dos colegas com sua presença e que muitos deles falam mal dela para estudantes do turno. A jovem disse ainda ser insultada e ridicularizada por outros estudantes e que já foi roubada dentro da escola. Por fim a estudante disse que se sente ameaçada por outro estudante da escola.

A última jovem tem 18 anos e afirmou perceber irritação dos estudantes do turno quando ela está presente. A jovem que afirmou ser ignorada e rejeitada pelos estudantes do turno disse que tem ciência de que falam mal dela para outros estudantes e que além disso ela já teve objetos pessoais roubados no interior da escola.

Por fim, temos ainda no segundo ano, o caso de um jovem de 21 anos que afirmou perceber a irritação de outros jovens quando ele está presente e que ele é bastante rejeitado pelos estudantes do turno que costumam insultá-lo regularmente. Este jovem já teve pertences seus estragados propositalmente além de ter tido objetos seus roubados no interior da escola o jovem se sente medo de um indivíduo especificamente dentro do turno e inclusive já foi ameaçado com faca e com revólver no interior da escola.

As turmas do convênio apresentaram índices maiores de violência recebida no ensino médio. Sete indivíduos responderam positivamente a pelo menos 4 questões sobre vitimização. O caso mais grave é de uma estudante de 19 anos que afirmou já ter tido pertences seus estragados propositalmente e que ela já foi agredida 2 vezes no interior da escola. Além disso a jovem afirmou se sentir ameaçada constantemente no interior da escola onde já foi ameaçada por outro estudante que portava um revólver 38.

Das questões levantadas em campo, a que mais teve respostas positivas no convênio foi a atitude de falar mal de colegas para outros alunos. Segundo os dados levantados 19 alunos (51%) responderam ter conhecimento desses fatos. Outros treze alunos (35%) responderam que percebem a irritação dos colegas com sua presença no ambiente e que já foram assaltados dentro da escola também. Outros 10 alunos (27%) responderam positivamente ao fato de serem ignorados por outros alunos, ao ato de terem sido impedidos por outros alunos de participarem de atividades escolares e ao ato de já terem tido seus pertences estragados propositalmente por outros alunos.

Dois alunos responderam positivamente a 5 questões do questionário o que caracteriza a vitimização. Uma moça de 20 anos afirmou que percebe irritação nos colegas quando está presente e que além de ser ignorada e rejeitada por outros alunos,

ela tem conhecimento de que estes falam mal dela para outros alunos. A jovem disse também que constantemente ridicularizada por seu jeito e aparência. O outro estudante é um jovem de 24 anos que afirma ter conhecimento também do aborrecimento que sua presença causa aos estudantes do turno. Além disso jovem, que se diz rejeitado, afirma ter conhecimento de que falam mal dele para colegas da escola além de que ele já foi impedido de participar de atividades escolares por seus colegas. O jovem afirma também que é insultado e ridicularizado pelos outros estudantes da escola.

6 jovens apresentaram padrão de bullying no convênio. Novamente as meninas são mais afetadas com o problema (4 meninas e 2 meninos). Três das jovens tem 18 anos. A primeira afirmou que causa irritação com sua presença em outros estudantes, que é ignorada pelos outros estudantes e que estes falam mal dela para outros colegas. Ela disse ainda que já foi impedida de participar de atividades escolares por outros estudantes e que já lhe estragaram pertences propositalmente. A jovem afirma também que se sente muito ameaçada dentro da escola. A outra jovem de 18 anos afirmou que sabe que os alunos falam mal dela e que ela é rejeitada pelos seus colegas de turno. A jovem que já foi impedida de participar de atividades escolares por alunos da classe afirmou já ter tido seus pertences estragados propositalmente. Ela já foi roubada dentro da escola e já foi agredida também. A última jovem de 18 anos afirmou perceber que os seus companheiros de turma se irritam com sua presença e que além de ela ser ignorada e rejeitada pelos colegas, ela sabe que eles falam mal dela para outros alunos. A jovem afirma ainda que é ridicularizada e que já teve pertences seus estragados propositalmente. Além disso a jovem já foi roubada e disse sentir medo de um aluno especificamente da escola que a ameaça constantemente.

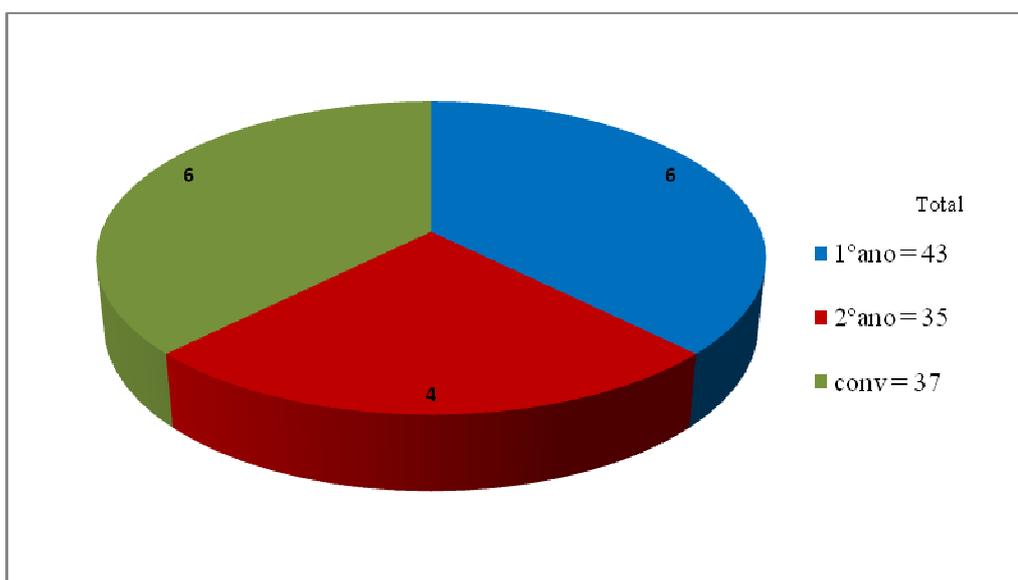
Há ainda o caso de uma outra jovem de 19 anos que afirmou saber que seus colegas de turno falam mal dela para outros estudantes e que ela é rejeitada em classe. A jovem é constantemente impedida de participar de atividades escolares grupais e disse já ter sido obrigada fazer favores que não queria a estudantes do turno. A jovem que já teve pertences seus destruídos propositalmente afirmou sentir medo de um estudante que a ameaça sempre que a encontra.

O último caso é o mais grave de todo o turno estudado. O jovem estudante do convênio de 18 anos respondeu afirmativamente a 11 das 14 questões sobre vitimização do questionário estruturado. O caso desse jovem é sem dúvida um caso de bullying severo encontrado dentro da instituição. O jovem afirmou que causa irritação nos colegas quando está presente, que é ignorado e rejeitado constantemente, que falam mal

dele para outras pessoas, que já foi impedido de participar de atividades escolares PR outro alunos, que é insultado e ridicularizado constantemente, que alunos já lhe estragaram pertences propositalmente e que já foi roubado dentro da escola. O jovem afirma ainda que se sente muito ameaçado por um estudante do turno que lhe faz medo e que já foi agredido mais de 8 vezes PR este estudante. Por fim o jovem afirma que sente muito ameaçado quando esta na escola.

O gráfico 9 delimita os casos de bullying encontrados no Ensino Médio da escola:

Gráfico 9 – Nº Total de Caso de Bullying Ensino Médio



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

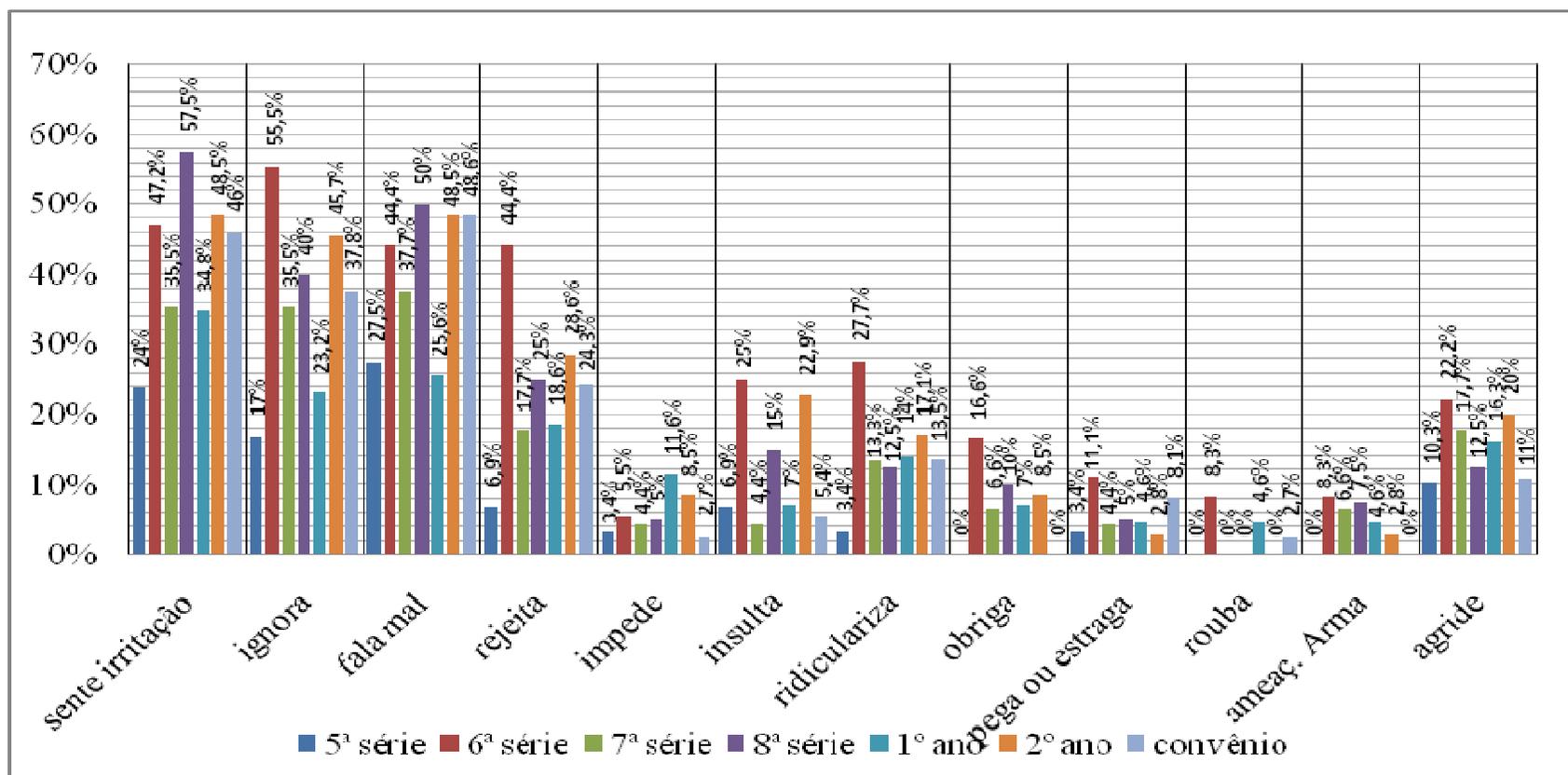
6.3 FATORES DE AGRESSÃO/BULLIE (MAL INFRINGIDO): QUESTÕES DE 15 A 27

Neste tópico serão apresentados os resultados relativos ao perfil dos alunos da escola estadual Deodoro de Mendonça com relação à prática de agressões e principalmente, com relação à prática do bullying. Neste sentido se desvendará quem são os alunos com comportamento do tipo bullie na escola e em que séries eles aparecem com maior frequência.

É possível notar na análise dos dados apresentados no gráfico 10, que irritar-se com a presença do outro, ignorar e falar mal, são novamente os principais tipos de comportamentos praticados pela maioria dos alunos de todas as séries. É possível identificar também que apesar de em pequeno número, ainda há muitos alunos praticando ações conflituosas, como ridicularizar ou insultar, bem como ações violentas

do tipo obrigar alguém a ter atitudes e comportamentos que não quer ou mesmo agredir outros alunos.

Gráfico 10 - Porcentagem de Alunos por Tipo de Comportamento Agressivo que Pratica

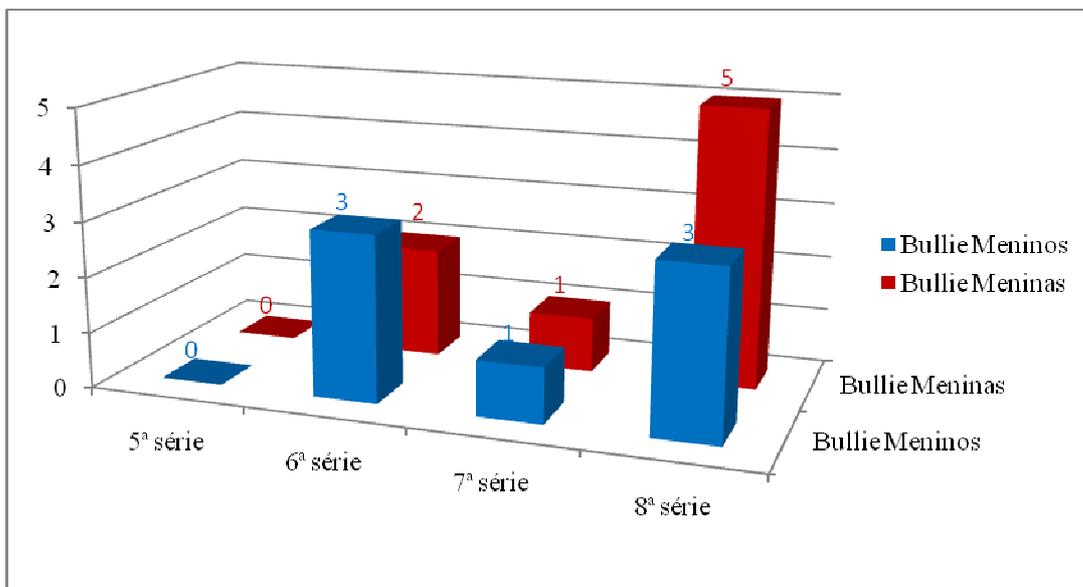


Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

6.3.1 Ensino Fundamental

A prevalência dos casos de alunos com comportamento do tipo “bullie” se mostrou equilibrada, ou seja, há tanto meninos quanto meninas sendo autores de ataques diretos e indiretos. Veja no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Prevalência de Alunos tipo “Bullie” Ensino Fundamental



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

A 5ª série não apresentou nem um aluno que se possa classificar como praticante de bullying. Na realidade, nenhum aluno respondeu positivamente a mais de 3 perguntas sobre agressividade. Dos 29 alunos que responderam ao questionário estruturado 8 alunos afirmaram que falam mal de outros alunos e 7 responderam que se irritam com a presença de determinados alunos na escola. Outros 5 alunos disseram que tem o costume de ignorar determinados alunos da escola. Apenas um aluno afirmou já ter estragado algo propositalmente que pertencia a outro aluno e três alunos afirmaram já ter brigado na saída da escola. Esses dados mostram que a 5ª série da escola estadual Deodoro de Mendonça não apresenta padrões elevados de alunos em situação de prática de violência física.

A 6ª série no entanto apresenta alguns padrões elevados de violência infringida contra alunos da escola. Quatro alunos respondera afirmativamente a pelo menos 5 questões de fatores de agressão e 5 alunos apresentaram padrão de bullies. Em números gerais podemos dizer que a pratica mais comum para os alunos da 6ª série é ignorar outros alunos (20 alunos ou 55%), seguido de se irritar com a presença de outro aluno (17 alunos) e falar mal e rejeitar (ambos com 16 alunos respondendo afirmativamente).

Temos ainda 9 alunos que afirmaram insultar outros alunos regularmente e outros 10 que disseram ridicularizar outros indivíduos normalmente. 8 alunos afirmaram já ter brigado na saída da escola.

Os meninos são os mais violentos como é o caso de um jovem de 17 anos que respondeu afirmativamente a 10 das 13 questões sobre agressividade. Este jovem afirmou, por exemplo, que costuma ignorar, falar mal e rejeitar alunos da escola. Disse também que ridiculariza outros alunos e que já obrigou alunos a fazerem coisas para ele sem que estes quisessem. O jovem disse também que já pegou e estragou pertences alheios por puro divertimento e que já roubou outros alunos dentro da escola. Além disso o jovem disse já ter levado arma para dentro da escola e que a usou para ameaçar outros alunos. O aluno disse ainda que já agrediu outros alunos dentro e fora da escola.

Outro caso grave é a de outro jovem de 15 anos que respondeu afirmativamente a 8 questões. Este jovem se irrita, ignora, fala mal e rejeita outros alunos da escola. O jovem também insulta e ridiculariza outros alunos do turno e já estragou pertences alheios propositalmente. O jovem afirmou também já ter levado uma arma para escola com fim de ameaçar outro colega e disse também que já agrediu outro aluno na saída da escola.

Há ainda uma jovem de 14 anos que respondeu afirmativamente a 7 questões. A menina disse que se irrita com a presença de outros alunos e que ignora, fala mal e rejeita outros alunos do turno. A jovem disse ainda que insulta outros alunos e que já obrigou outro aluno a fazer favores forçados para ela. Esta menina disse também que já agrediu outro aluno na saída do turno.

Nota-se que na sexta série os alunos do sexo masculino estão mais envolvidos em ameaças, agressões e roubos (três alunos afirmaram já ter roubado dentro da escola), enquanto que as meninas se limitam mais a falar mal, ignorar ou mesmo rejeitar outros alunos. Dos 18 alunos que responderam positivamente a pelo menos 4 questões sobre agressividade, 10 são homens e 8 são mulheres o que demonstra certo equilíbrio na prática de agressões por estes jovens.

Na 7ª série apenas 2 alunos (um menino e uma menina) deram respostas que podem ser caracterizadas como padrão de alunos bullies. No geral a maioria dos alunos respondeu afirmativamente a 2,3 ou 4 questões apenas. A prática mais comum na 7ª série é o ato de falar mal de alunos para outros colegas (17 alunos ou 37,7%). Depois disso vem na sequência se irritar com e ignorar outros alunos (16 alunos cada ou 35,5%). Três alunos afirmaram já ter obrigado outros a fazerem favores forçados e

outros três disseram já ter levado armas para a escola com fim de ameaçar outro aluno. 8 alunos afirmaram já ter se envolvido em agressões dentro e fora da escola.

O jovem que apresentou o padrão de bullie tem 18 anos e disse que se irrita e fala mal de outros alunos. Disse também que insulta e ridiculariza outros alunos e que tem o costume de impedir que outros alunos participem de determinadas atividades por que não gosta dos alunos. Este jovem já estragou pertences alheios por divertimento dentro da escola e disse já ter levado arma para escola com fim de ameaçar outro aluno. O jovem afirmou já ter agredido outros alunos no interior da escola.

A jovem que apresentou padrão de bullie tem 14 anos e respondeu positivamente a 6 questões. Ela disse que se irrita, ignora e fala mal de outros alunos. Disse também que já estragou pertences alheios por divertimento e que já ameaçou outro aluno dentro da escola. Além disso a jovem afirmou já ter agredido outro aluno no interior da escola.

Mais uma vez houve um equilíbrio do padrão dos agressores. Dos 10 jovens que responderam positivamente a pelo menos 4 questões do questionário sobre agressões praticadas na sétima série 5 eram homens e 5 eram mulheres.

Oito alunos responderam positivamente a pelo menos 5 questões do questionário estruturado sendo que os 8 apresentaram o padrão de bullies na 8ª série. Destes 8 alunos 5 são mulheres e 3 são homens. No geral irritar-se com a presença de outros alunos é o tipo de comportamento mais comum sendo que 23 alunos (57,5% da amostra) responderam positivamente a esta questão. Outros 20 alunos (50% da amostra) afirmaram que têm o costume de falar mal de colegas de turno para outros alunos. 16 alunos (40%) afirmaram ignorar os alunos que lhes incomodam e outros 10 afirmaram que os rejeitam. 4 alunos afirmaram já ter obrigado colegas a prestarem serviços que não queriam para eles e outros 3 alunos disseram já ter levado armas para escola com fim de ameaçar outros estudantes.

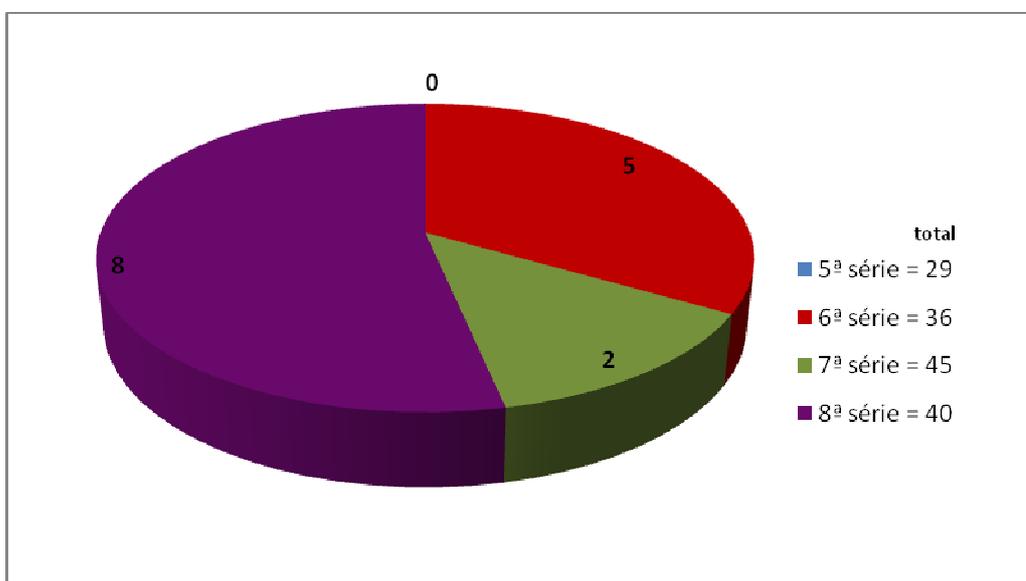
Alguns casos chamam a atenção na amostra. Um jovem de 15 anos afirmou que se irrita, ignora, fala mal e rejeita outros alunos regularmente. Este estudante disse que “*sempre*” insulta e ridiculariza outros estudantes. O jovem afirmou também já pegou e estragou pertences alheios por puro prazer.

Outra jovem de 16 anos afirmou também que se irrita com a presença de determinados alunos e que costuma ignorar ou rejeitá-los, além de falar mal deles para outros alunos da instituição. A jovem disse ainda que é comum insultar ou ridicularizar outros alunos e que já obrigou alunos a prestarem favores que não queriam a ela. Esta jovem disse ainda que já levou uma arma para escola para ameaçar um colega de turno.

Em situação semelhante se encontra outra jovem de 15 anos que afirmou que além de ignorar, falar mal e rejeitar outra colega de escola, ela já ameaçou colegas dentro da escola e já levou uma arma para ameaçar especificamente um aluno da escola. Temos ainda outra jovem de 14 anos que afirmou ficar irritada com a presença de outro aluno da escola que costuma falar mal. A jovem disse ainda insultá-lo normalmente e que já levou uma faca para escola com fim de ameaçá-lo. Os cinco alunos que afirmaram já terem agredido outros alunos, o fizeram na saída da escola.

Nota-se através do Gráfico 12 como ficou o total de alunos com comportamentos do tipo Bullie no ensino Fundamental:

Gráfico 12 - Nº de Alunos tipo 'Bullie' no Fundamental

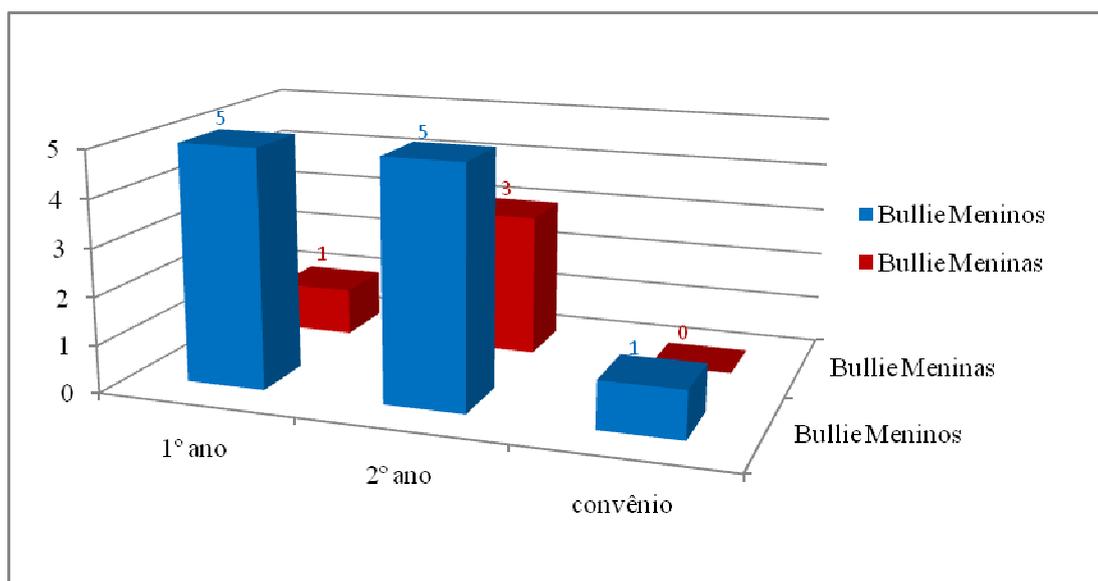


Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

6.3.2 Ensino Médio

O padrão de agressores no ensino médio diminuiu um pouco em relação ao ensino fundamental, contudo ainda se encontram alguns jovens com comportamentos conflitivo no primeiro e segundo anos. A prevalência de casos, contudo, varia um pouco. Veja no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Prevalência de alunos tipo Bullie Ensino Médio



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

O primeiro ano apresentou 6 jovens (13,95% da amostra) que manifestaram comportamento agressivo que pode ser considerado como padrão do tipo Bullie. Destes seis jovens cinco são homens e uma é mulher. Dentre os comportamentos mais comuns no primeiro ano podemos destacar o ato de se irritar com a presença de determinados colegas de turno (12 alunos responderam afirmativamente). Em seguida vem o ato de falar mal de outros alunos comportamento confirmado por 10 alunos do turno. Quatro alunos afirmaram já ter ameaçado outros alunos no interior da escola e dois alunos afirmaram já ter levado armas para escola com o fim de ameaçar algum colega de turno. 6 alunos disseram já ter agredido outros alunos dentro e fora da escola.

O aluno com comportamento mais violento do 1º ano é um jovem de 18 anos que respondeu positivamente a 9 questões sobre agressividade. Este aluno afirmou que se irrita com presença de determinados colegas e que tem o hábito de falar mal de certos alunos. O jovem disse ainda que costuma xingar e ridicularizar colegas de turno e regularmente impede outros alunos de participar de atividades por que não gosta deles. Este aluno afirmou ainda que já obrigou outros alunos a fazerem coisas que ele queria e que já ameaçou alunos dentro da escola e já agrediu também.

Outro jovem de 17 anos respondeu positivamente a 8 questões do questionário estruturado. Este aluno costuma se irritar com a presença de outros colegas do turno e ele não nega que fala mal deles para seus amigos. Jovem também afirmou que sempre impede seus desafetos de participar de atividades grupais por não gostar deles e que tem

o hábito de insultar e ridicularizar os alunos que não gosta. Além disso este aluno disse também que já obrigou outros alunos a fazerem coisas que não queriam para ele. Este aluno disse que já roubou pertences de outros alunos na escola e que já ameaçou verbalmente e até mesmo com armas outros alunos da escola. O jovem disse também que já agrediu alunos dentro e fora da instituição.

Temos ainda outro jovem de 17 anos que afirmou sentir irritação com a presença de outros alunos. O jovem costuma também ignorar ou mesmo rejeitar seus desafetos e regularmente fala mal deles. Este jovem disse que já ameaçou verbalmente outros alunos e já levou uma arma para escola para ameaçar os alunos que lhe incomodam. Este aluno disse que já agrediu alunos dentro e fora da escola.

Por último temos um jovem de 20 anos que afirmou se irritar com a presença de alunos que não gosta e que tem o costume de ignorá-los ou mesmo impedi-los de participar de atividades escolares em grupo. Este jovem que tem o costume de ridicularizar seus desafetos afirmou que já estragou objetos alheios propositalmente e que além de já ter ameaçado verbalmente seus desafetos já agrediu alunos dentro e fora da instituição.

A única jovem que declarou ter comportamento violento com outros jovens disse sentir-se irritada com a presença de outros alunos que não gosta e que tem o hábito de ignorá-los ou rejeitá-los além de falar mal deles para outras pessoas. Esta jovem disse ainda já ter obrigado outros alunos a realizarem tarefas para ela as quais não queria fazer.

O segundo ano é marcado por oito jovens (22% da amostra) que apresentaram comportamento violento com seus colegas de turno. Destes jovens cinco são homens e três são mulheres. Os maiores problemas identificados nas turmas de segundo ano é ao ato de irritar-se com a presença de alunos que não se gostam e o costume de falar mal de alunos para outras pessoas (17 alunos cada). Outros 16 alunos afirmaram que têm o hábito de ignorar àqueles que não gostam. Três alunos já obrigaram outros colegas a fazerem coisas que não queriam para eles e um aluno afirmou já ter levado arma para escola com finalidade de ameaçar alunos que não gosta.

Três alunos (dois meninos e uma menina) responderam afirmativamente a sete questões do questionário estruturado. Um dos jovens de 17 anos afirmou que se irrita, ignora, fala mal e rejeita quem não gosta. Além disso, o jovem também tem hábito de insultar seus desafetos e já obrigou outros alunos a fazerem coisas que ele queria e que já estragou pertences alheios propositalmente. O outro Jovem de 21 anos afirmou que

ignora, fala mal e rejeita que não gosta como também insulta seus desafetos e já pegou e estragou pertences alheios propositalmente. Este aluno afirmou que já agrediu outros alunos no interior da escola.

A jovem de 20 anos respondeu que se irrita, ignora, fala mal, e rejeita quem não gosta. Além disso, ela não permite que participem de atividades grupais manifestando o hábito de insultar e ridicularizar os alunos que persegue. Há ainda o caso de outra jovem de 18 anos que afirmou se irritar, falar mal e insultar outros alunos que não gosta. Esta jovem disse já ter ameaçado verbalmente alunos dentro da escola e que já levou armas para ameaçar seus desafetos. Esta jovem disse também já ter agredido alunos dentro da escola e em horário de saída.

Três outros meninos responderam positivamente a 5 questões do questionário. Dois jovens de 18 anos e um de 17 anos. Um dos jovens de 18 anos afirmou que se irrita com a presença e fala mal de quem não gosta, bem como costuma impedi-los de participar de atividades em grupo. Este jovem disse ainda que ridiculariza seus desafetos e os obriga a fazer coisas que não querem. O jovem de 17 anos disse que além de se irritar, ignorar, falar mal e rejeitar seus desafetos já agrediu alunos dentro e fora da escola.

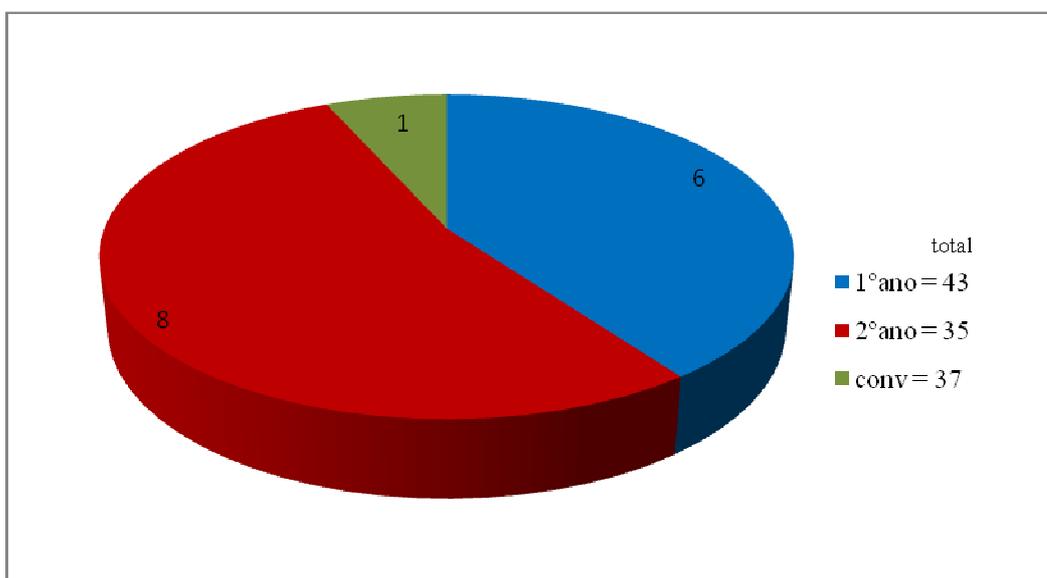
Há ainda o caso de um jovem de 21 anos e uma jovem de 17 que responderam positivamente a 4 questões de agressividade dentre elas que já agrediram alunos dentro e fora da instituição.

O convênio da escola estadual Deodoro de Mendonça não apresentou índices elevados de alunos com comportamento violento. Quatro alunos apenas responderam afirmativamente a pelo menos 4 questões sendo que apenas uma jovem apresentou o padrão bullie respondendo afirmativamente a 6 questões. O comportamento mais comum na série estudada é falar mal de alunos que não se gostam (18 alunos ou 48,6% da amostra). Depois disso se irritar com a presença de jovens que não se gostam é comportamento padrão em 17 dos entrevistados (48,5%). Um jovem afirmou já ter roubado estudantes dentro da escola e 4 jovens afirmaram já ter agredido outros estudantes dentro e fora da escola.

O único caso de agressividade praticada no convênio é de uma jovem de 18 anos que afirmou que ignora, fala mal e costuma rejeitar quem não gosta. Além disso, a jovem assumiu já ter pegado e destruído pertences de outro estudante propositalmente e que já ameaçou verbalmente outros estudantes assim como já agrediu dentro e fora da instituição outros estudantes.

Nota-se através do gráfico 14 que o ensino médio apresentou índice elevado de alunos com comportamentos agressivos, principalmente no segundo ano:

Gráfico 14 – N° de Alunos Tipo Bullie Ensino Médio



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

6.4 RINHAS ENTRE ESCOLAS

6.4.1 Agressões presenciadas, sofridas por alunos de outras escolas e rinha entre Escolares

Uma das maiores problemáticas encontradas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deodoro de Mendonça foi a grande quantidade de alunos reclamando de uma rinha entre escolas e a grande quantidade de agressões que muitos alunos afirmaram já ter presenciado ou sofrido de alunos de outras escolas. Para que se tenha uma pequena idéia da problemática enfrentada pelos alunos, foram coletados alguns dados etnográficos que anexados aos dados do questionário estruturado dão uma noção ampla do problema.

Nesta etapa do trabalho serão apresentados alguns dados etnográficos coletados em entrevistas feitas durante período de acompanhamento do corpo técnico da escola. Encontra-se aqui também uma visão geral de como os alunos vivenciam suas experiências escolares, se vêem muitas agressões, se já foram agredidos por alunos de outras escolas, se tem conhecimento de rinha entre escolas, quais sentimentos manifestam em situações de agressão, como se comportam ao sofrer uma agressão e por fim se estes alunos consideram seu ambiente de estudo e convívio social violento ou não. Este tópico do trabalho visa responder a todos estes questionamentos adicionando informações importantes a percepção da problemática.

De forma geral os alunos da escola Deodoro de Mendonça tem contato com agressões de forma muito regular. Na quinta série, por exemplo, dez alunos afirmaram já ter presenciado algum tipo de agressão dentro da escola. Destes dez alunos uma jovem de 14 anos disse ter visto duas brigas em seu interior e outro jovem de 13 anos afirmou já ter visto três brigas em seu interior. Contudo entre estes alunos que afirmaram ter presenciado brigas dentro da escola (4, ou 13%) deles não puderam contabilizar quantas brigas já presenciaram limitando-se apenas a usar o termo “*muitas*” para designar a quantidade de agressões já presenciadas.

A sexta série também é marcada por inúmeros jovens que já presenciaram algum tipo de briga no interior da escola, 14 jovens (38,8%) no total. 4 destes jovens afirmaram já ter visto pelo menos duas brigas na escola, 2 deles disseram já ter visto pelo menos três brigas e outros 2 jovens, uma menina de 16 anos e um menino de 13 usaram o termo “*muitas*” para designar também a quantidade de brigas presenciadas.

Na sétima série o percentual de alunos que já presenciaram agressões é bem maior. 51% (23 alunos) dos jovens da sétima afirmaram já ter visto agressões dentro da escola. Três alunos afirmaram já ter visto pelo menos 2 agressões dentro da escola. Outros três jovens disseram já ter visto ao menos três agressões praticadas entre alunos. Um jovem de 16 anos disse já ter visto 5 agressões entre alunos e outro de 18 anos disse ter presenciado mais de 10 no interior da instituição. Três meninas, uma de 14, outra de 15 e uma de 16, usaram o termo “*muitas*” para designar as agressões presenciadas.

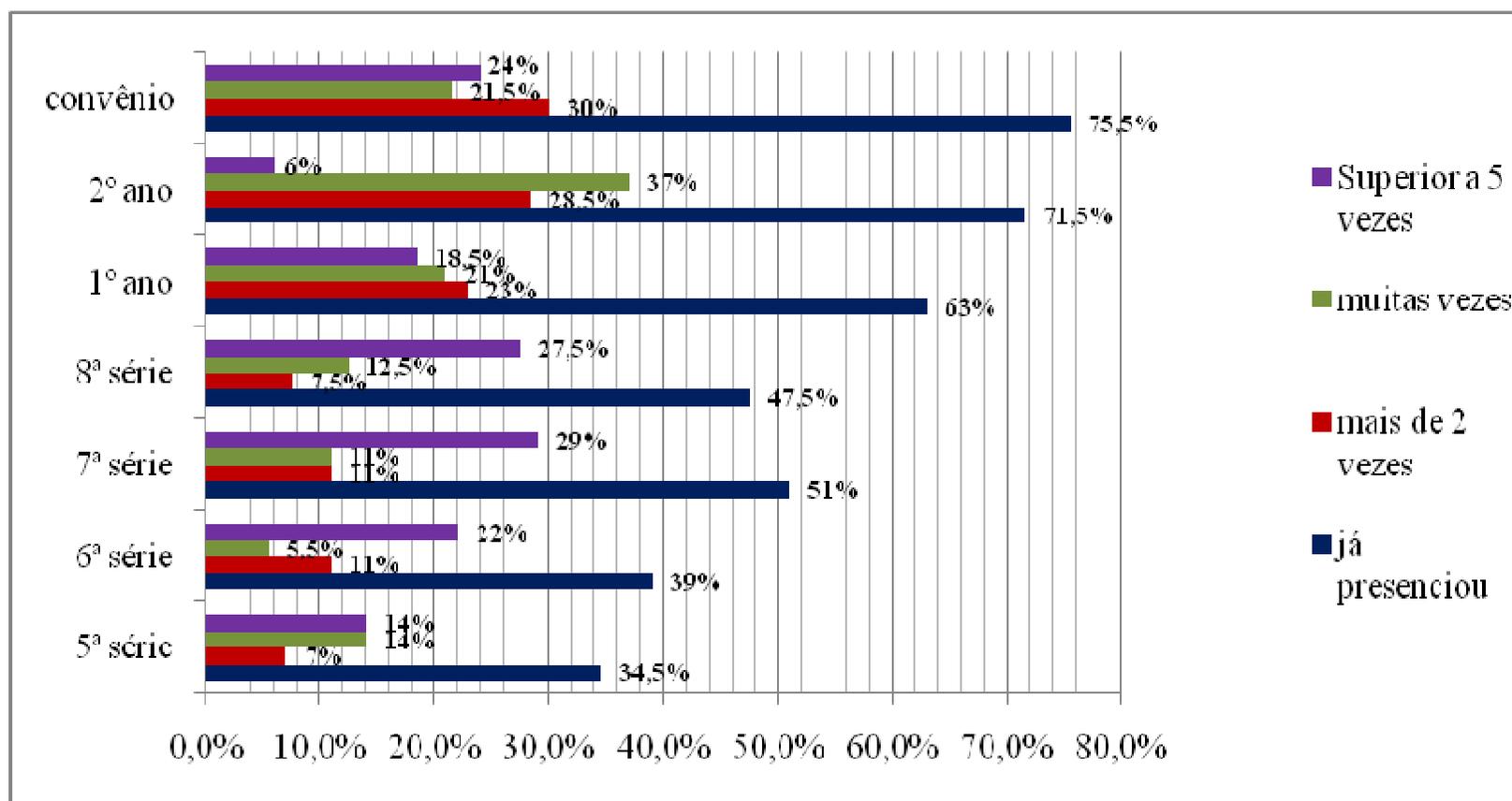
A oitava série 47,5% (19 alunos) já teve a experiência de ver agressões entre alunos dentro da escola. Três destes alunos já viram pelo menos 2 agressões entre os colegas de turno. Um aluno de 18 disse já ter presenciado três agressões. 5 alunos (26% do total de alunos que presenciaram agressões) usaram o termo “*muitas*” para designar a quantidade de agressões presenciadas e uma jovem de 15 anos utilizou o termo “*algumas*” para quantificar as agressões presenciadas.

Já no primeiro ano 27 alunos afirmaram já ter presenciado agressões dentro da escola. Três alunos disseram já ter visto ao menos 3 agressões e outro disse ter visto pelo menos 4. Nove alunos usaram o termo “*muitas*” para quantificar as agressões presenciadas e um usou o termo “*algumas*”.

O segundo ano tem 25 alunos que relataram já ter assistido agressões entre colegas de turno. Seis alunos disseram ter presenciado ao menos 2 agressões e outros três afirmaram ter visto pelo menos 4 agressões na escola. Treze alunos utilizaram o termo “*muitas*” para delimitar a quantidade de agressões presenciadas.

No Convênio 28 alunos disseram no questionário já ter visto agressões no interior da escola. Destes alunos onze afirmaram já ter visto mais de 3 agressões e outros oito utilizaram o termo “*muitas*” para delimitar a quantidade de agressões presenciadas. O gráfico 15 ilustra melhor a situação descrita acima. Nele é possível visualizar dentro desta análise como se distribuem nas diferentes séries quantas vezes os alunos já viram agressões no interior da escola.

Gráfico 15 - Porcentual de alunos por Presença em Situações de Agressões e Quantidades de vezes Presenciadas



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Estes dados demonstram um tipo de situação identificado em conversas separadas com os alunos que respondiam aos questionários. Por exemplo, muitos dos conflitos relatados por estes jovens já se estendiam de longa data e os jovens diziam que “os diretores” da escola não sabiam. O fato mesmo, é que corpo técnico da escola não tem mensurado realmente todos os conflitos existentes e geralmente só vai ter conhecimento deles através de agressões praticadas entre os alunos nos intervalos ou saídas da escola. Estas informações chegam geralmente depois ao corpo técnico, Assim as técnicas precisam fazer um trabalho de investigação completo, ou seja, coletar informações em fontes diversas para se saber o que ocorreu realmente Este é um trabalho árduo e presenciado em diversas coletas de informações junto às técnicas da escola.

Outro aspecto importante que o corpo técnico solicitou levantamento estatístico foi com relação à rinha alunos de diferentes escolas. Ao acompanhar o trabalho das técnicas responsáveis pelas mediações dos conflitos, foi possível perceber que muitos alunos vinham ao colégio sem portar o uniforme e utilizavam como justificativa o fato de sofrerem agressões de alunos de outras escolas. Um caso especificamente serve como exemplo interessante para ilustrar de que forma este problema grave se apresenta aos alunos e influencia no cotidiano escolar.

Em um dos dias de coleta de dados na escola um caso que se desenrolava na sala do corpo técnico da escola chamou a atenção. Três jovens muito nervosos gritavam entre si e manifestavam clara insatisfação uns com os outros em tons de ameaças e gestos ofensivos. O caso apurado descreve-se da seguinte forma:

Mário é um ex estudante da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Amazonas Pedroso. Este aluno foi transferido deste colégio por conveniências institucionais e desejo do próprio aluno. Ao chegar ao Deodoro de Mendonça o aluno manteve-se sempre discreto e sem chamar a atenção dos outros alunos. Contudo Mario nunca deixou de frequentar o Colégio Pedro Amazonas Pedroso por conta de antigas amizades e paqueras que tinha lá. Um dia, um dos alunos do Deodoro com o qual tinha feito amizade pediu para ir ver uma garota que conhecia na frente do Pedroso. Lá este aluno foi reconhecido e Mário teve que intervir pedindo para que não o agredissem. O fato não surgiu efeito e os dois alunos tiveram que fugir debaixo de xingamentos e agressões. Após o fato, o amigo de Mário acabou por contar o ocorrido para Jean, aluno do Deodoro com histórico de brigas dentro da escola e que já se envolveu nos conflitos existentes entre escolas. Mario ao saber que Jean já sabia de tudo sentiu muito medo,

pois Jean tem muitos amigos e influência sobre alguns alunos da escola. Com isso, uma discussão enorme já havia se desenrolado nos corredores da escola e acabou por fim indo parar na sala do corpo Técnico. O medo de Mário era de passar a sofrer retaliações e agressões pelos alunos do Deodoro por já ter estudado no Amazonas Pedroso. Na sala os três alunos gritavam uns com os outros e o desespero de Mario era visível. Questionado sobre o motivo da rixa, Jean afirmou que as rixas entre escolas nasceram com as disputas em jogos de futebol e encontros estudantis (Paradas Oficiais entre outros). Os jovens se reuniam em torcidas organizadas e uma estava “*querendo ser melhor que a outra*” (nas palavras de Jean). Os conflitos que se desenrolaram a partir disto deram por iniciar uma vendeta que atinge qualquer aluno que esteja com o uniforme do Deodoro de Mendonça ou que seja de escolas dentre os grupos rivais que serão apresentados. Mário que se encontrava muito desesperado na ocasião, quando questionado se visualizava alguma solução para o problema, afirmou que “*a única solução para aquilo era ele sair da escola*”.

As agressões entre escolares ocorrem não só entre alunos do Deodoro e do Pedroso, mas também entre diversas escolas Públicas da capital. No questionário estruturado, por exemplo, foram levantadas rixas entre diversas escolas públicas e até mesmo escolas particulares. No total foi possível identificar 11 escolas que foram citadas pelos alunos como escolas que tem problemas com os alunos do Deodoro de Mendonça. As agressões ocorrem principalmente entre os horários de 13:00 e 14:00 e entre 17:30 e 18:00 que são os horários de ida para a escola e de volta para casa. Os alunos são agredidos geralmente com pedras que são jogadas contra os ônibus em que estão. Neste caso quando o aluno mora em Ananindeua, Cidade Nova ou outros bairros cuja rota do ônibus passa pelo Pedro Amazonas Pedroso, por exemplo, os alunos que temem o conflito e suas agressões, sempre levam uma blusa sobressalente para usar na ida e no retorno para casa com o fim de não serem reconhecidos pelos estudantes das escolas citadas.

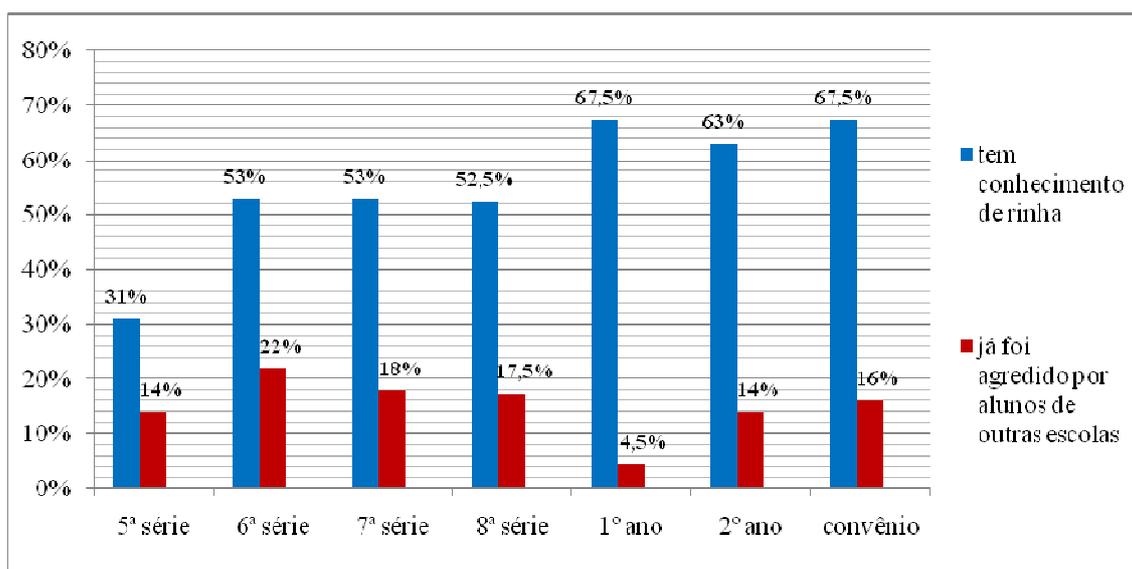
Estes casos servem como exemplo para a preocupação manifestada pelo aluno descrito e pelo corpo técnico da escola. Demonstra também a que estão sujeitos os diversos alunos da instituição que em diversas ocasiões declararam ter conhecimento da chamada rixa entre alunos e das diversas agressões sofridas ou presenciadas no caminho da escola e encontros estudantis em geral.

Na 5ª série 4 alunos disseram ter sofrido agressões de alunos de escolas diferentes sendo que um menino de 12 anos disse ter sofrido perseguições e agressões

por alunos da escola Ulisses Guimarães e outro do Pedro Amazonas Pedroso. Além disso, outros nove alunos disseram ter conhecimento da rinha que existe entre escolas sendo a mais descrita entre o colégio Deodoro de Mendonça e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Amazonas Pedroso.

O gráfico 16 demonstra a distribuição do conhecimento da “rixinha” e da quantidade de vítimas desta.

Gráfico 16 - Percentual de Alunos que sabem ou foram agredidos devido Rinha entre Escolas



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Na 6ª série 8 alunos afirmaram já ter sofrido agressões por alunos de fora da instituição. Dois alunos disseram ter sido agredidos por alunos do Pedroso, 2 alunos por jovens da escola estadual de Ensino Fundamental e Médio Cordeiro de Farias, um por alunos da Escola Estadual Paes de Carvalho e um por alunos do colégio particular Impacto.

Na sétima série oito alunos assumiram que já sofreram agressões de alunos de outras escolas. 3 meninos e três meninas apontaram as escolas das quais os agressores eram oriundos. Um jovem de 17 anos e uma menina de 15 afirmaram ter sofrido agressões de alunos do colégio Paes de Carvalho. Outra jovem de 17 anos disse já ter sido agredida por alunos do Pedro Amazonas Pedroso. Um menino de 17 anos disse que sofreu agressões de alunos do Cordeiro de Farias e outro menino de 17 anos disse já ter sido agredido por alunos da Escola Estadual Souza Franco e também do Pedro Amazonas Pedroso.

Com relação ao conhecimento sobre a existência da “rixa” entre escolas 23 alunos (51%) disseram ter conhecimento da existência do problema. 16 alunos apontaram o Pedro Amazonas Pedroso como principal colégio em que há briga entre alunos, contudo é possível notar ainda mais 5 escolas (Cordeiro, escolas Jarbas Passarinho, Paes de carvalho, Vilhena Alves, e Barrão de Igarapé Mirim) citadas por alunos que também se incluem nas escolas que entram em conflito com os alunos do Deodoro de Mendonça.

Na oitava série 7 alunos afirmaram que já sofreram agressões de alunos de outras escolas. Todos os alunos que apontaram as escolas de onde os agressores eram oriundos eram meninas (2 de 16 anos, uma de 15 e outra de 19 anos). Três jovens disseram ter sido agredidas por alunos do Pedro Amazonas Pedroso e 1 aluna disse ter sofrido agressões de alunos do Cordeiro de Farias.

Na oitava série sete alunos afirmaram já ter sido agredidos por alunos de outras escolas (três meninas e quatro meninos). As três jovens disseram ter sido agredidas por alunos do Pedro Amazonas Pedroso sendo uma delas com 15 anos de idade outra com 16 e outra com 19 anos. Já dos rapazes apenas um de 16 anos denunciou a escola dos agressores (Cordeiro).

Dentre os colégios apontados como “rivais” o Pedro Amazonas Pedroso aparece novamente como o principal. Dentre os 20 alunos (50% da amostra) que afirmaram ter conhecimento de uma “rixa” entre escolas, 14 disseram que esta rixa é com o colégio citado. Mais uma vez Paes de Carvalho, Cordeiro de Farias e Ulisses Guimarães são citados por três diferentes alunos.

O ensino médio também é marcado por números altos relacionados estar presente em momentos de agressões. Se levarmos em consideração a amostra total de alunos que responderam ao questionário no primeiro ano, por exemplo, 65% deles responderam que já presenciaram agressões no interior da escola. Já no segundo ano 67,5% dos alunos afirmara já ter visto alunos agredindo colegas de turno na escola e no convênio 75,6% dos alunos fizeram a mesma afirmativa. São números elevados que demonstram o grau de agressividade a que estão submetidos os alunos do turno. Em todos as séries os alunos utilizaram em sua maioria o termo “*muitas*” para designar quantidade de vezes que já presenciaram o evento.

Com relação a vítimas de agressão por parte de alunos de outras escolas no primeiro ano apenas 2 alunos disseram já ter sofrido com este problema. Um jovem de 16 anos disse já ter sido agredido por alunos do Pedro Amazonas Pedroso e uma jovem

de 19 anos afirmou já ter sido agredida por jovens da Escola Estadual Cordeiro de Farias. Apesar das poucas agressões sofridas, 29 dos jovens entrevistados (64,4%) afirmaram ter conhecimento de que existe uma “rixa” entre os estudantes de escolas diferentes. 19 alunos apontaram a escola Pedro Amazonas Pedroso como principal escola que se mantém a “rixa”.

O segundo ano apresenta cinco alunos que assumiram já ter sofrido agressões por parte de alunos de outras escolas. Nenhum aluno citou o Pedro Amazonas Pedroso. Na realidade os alunos do segundo ano parecem ter uma “rixa” com alunos de diferentes escolas. Destes cinco alunos três identificaram as escolas provenientes dos agressores. Pães de Carvalho, Helena Guilhon e Vilhena Alves. Dezenove alunos identificaram o Pedro Amazonas Pedroso como um colégio que o Deodoro possui a chamada “rixa entre alunos”, contudo diversas outras escolas apareceram nos dados do segundo ano não sendo a referida escola consenso (Sousa Franco, Cordeiro de Farias, Vilhena Alves, Helena Guilhon, e até mesmo o termo “*muitas*” designado por um jovem de 19 anos).

No convênio seis alunos afirmaram ter sofrido agressões de alunos de outras escolas. Desta vez novamente aparecem três escolas novas (Pinheiro Porto, Brigadeiro Fontenelle e Paes de Carvalho). Vinte e cinco alunos disseram ter conhecimento sobre “rixa” entre escolas, e o Pedro Amazonas Pedroso mais uma vez é maioria na hora de apontar, contudo Paes de Carvalho (quatro apontamentos) e Visconde de Souza Franco (três apontamentos) aparecem novamente na amostra.

6.5 REAÇÃO DOS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E/OU AGRESSÕES. POTENCIAIS DE CONFLITO E POSSÍVEIS VIOLÊNCIAS DESENCADEADAS

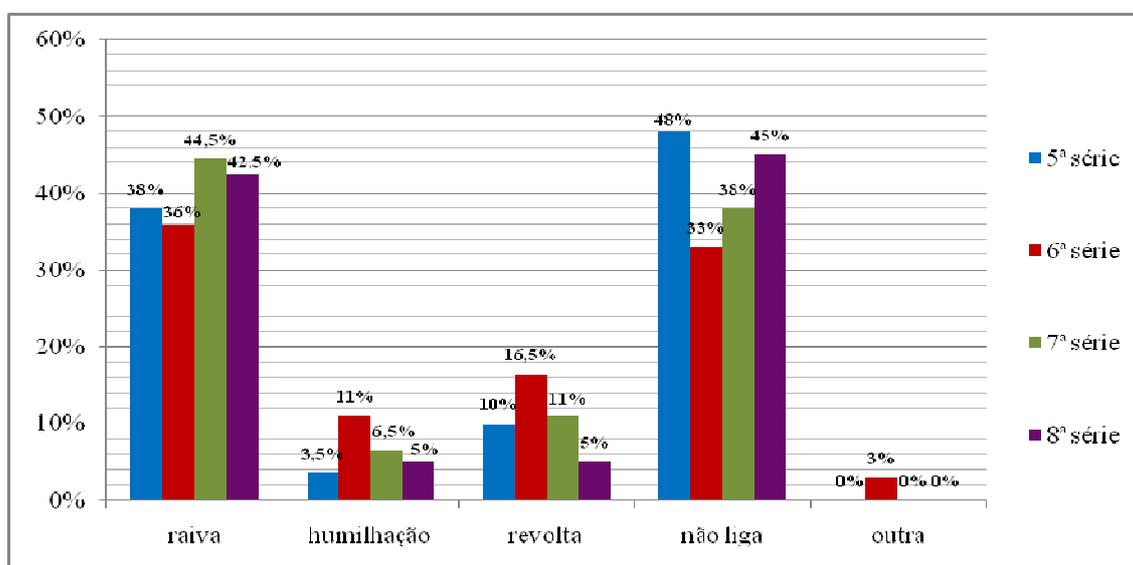
6.5.1 Ensino Fundamental

Um ponto final de análise dos resultados e bastante importante é a forma como os alunos da escola Deodoro de Mendonça costumam reagir a situações de violência e agressões sofridas (sejam verbais ou físicas) e de que forma estes alunos visualizam a própria escola (se a consideram violenta ou não). Este ponto da abordagem é importante, pois muitas vezes alunos que responderam não a grande parte das perguntas caíram em contradição exatamente nas últimas perguntas do questionário. Isso ocorre, pois há incoerência em vivenciar experiências violentas e achar que sua escola é não violenta por exemplo. Neste caso, há claro conflito de idéias. Por isso duas perguntas

foram lançadas de forma a captar quais as reações dos alunos e como visualizam a escola.

É preciso, portanto, desvendar quais os sentimentos mais comuns em situações de violência verbal (xingamentos) e de agressões físicas. É preciso saber também se o aluno, mesmo sem sofrer agressões, furtos ou perseguições dentro da escola, costuma visualizar sua escola como violenta ou não e isso permite que se visualize até que ponto os acontecimentos relatados até este ponto do trabalho devam ser mais bem tratados pela escola. O gráfico 13 ilustra bem o sentimento dos alunos do ensino fundamental quando são ofendidos verbalmente, e mais adiante o gráfico 17 ilustra as reações destes mesmos alunos em possíveis situações de agressões físicas sofridas.

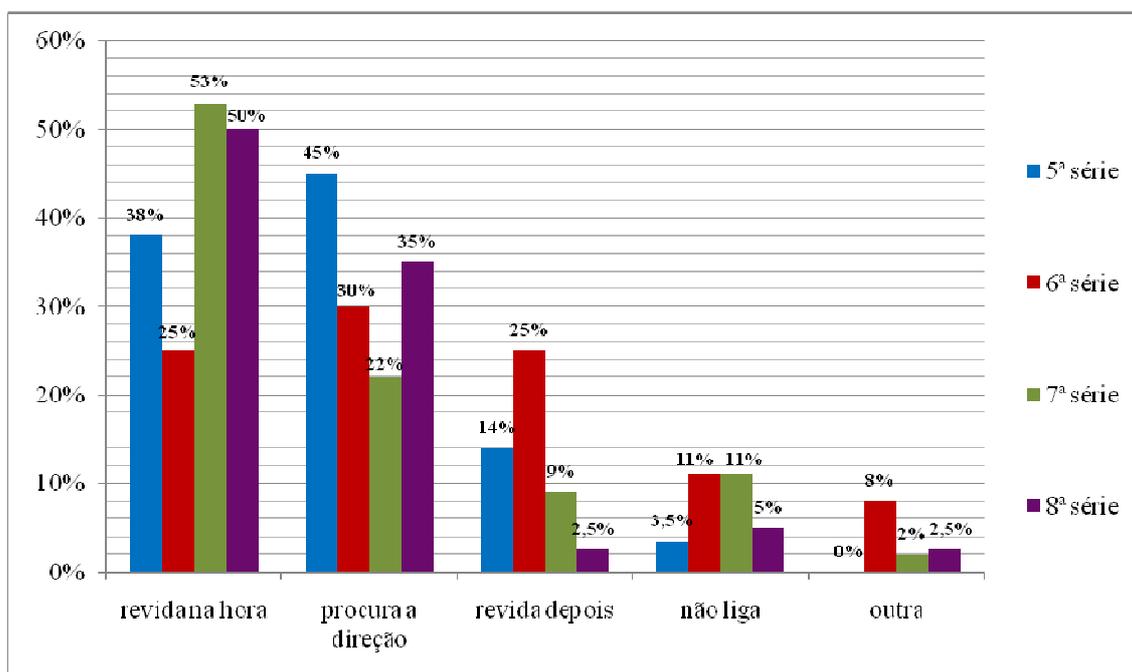
Gráfico 17 - Porcentual de Alunos por Sentimentos em Situações de Violência Verbal (Ensino Fundamental)



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

A quinta série manteve certa coerência no que tange a reação a agressões verbais (Gráfico 18). Nota-se que 48% (14 estudantes) dos entrevistados disseram não ligar para xingamentos de outros alunos. Isso demonstra como palavrões e ofensas verbais são, além de consideradas comuns, ignoradas dentro do ambiente escolar. Contudo, quando cruzamos estas respostas com as respostas da pergunta 37, metade destes mesmos alunos afirmou que revidariam uma agressão em outro lugar que não a escola. Dos alunos (11) que responderam que sentem raiva numa situação de xingamento quatro disseram que reagiriam na mesma hora se fossem agredidos e outros cinco disseram que revidariam a agressão oportunamente em outro lugar.

Gráfico 18 - Porcentual de Alunos por Respostas diante de Agressões em Possíveis Situações de Violência Física (Ensino Fundamental)



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

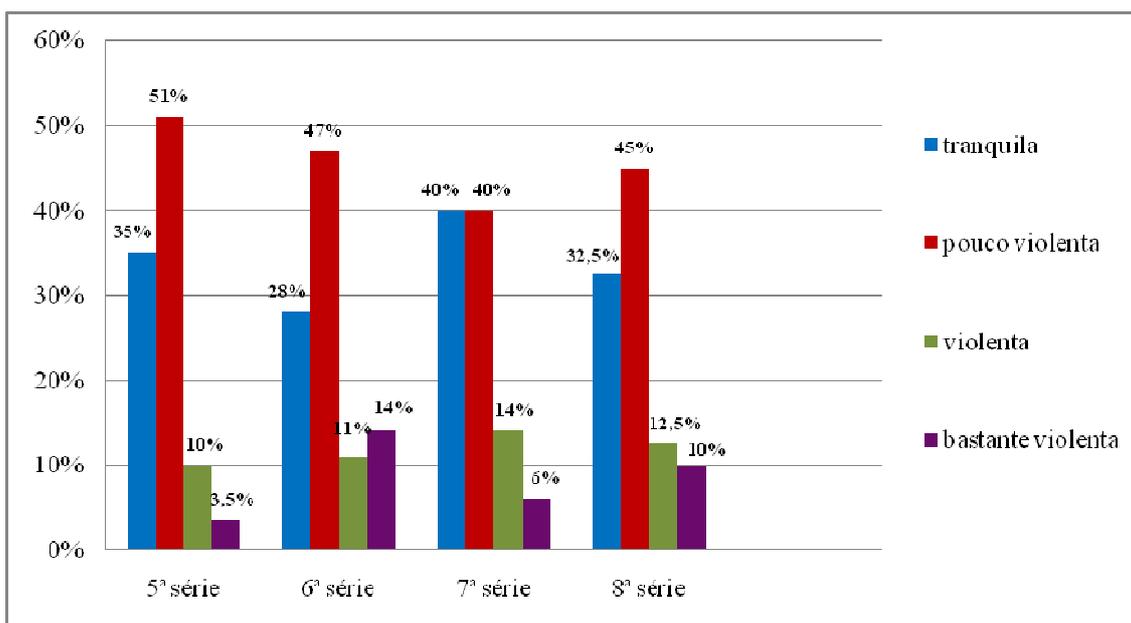
Estes potenciais de violência vão crescendo mais a cada série. Ao que parece o nível de tolerância e de capacidade de solucionar ou mesmo abstrair situações de conflito diminuem conforme aumenta a idade do jovem. Cita-se o caso da sexta série onde 55,5% dos alunos afirmaram sentir raiva em uma situação de violência verbal. Destes 20 alunos que sentiram raiva ao serem ofendidos, nove revidariam na mesma hora qualquer tipo de agressão física sofrida. Outros três disseram que revidariam em outra oportunidade. Dezesete alunos afirmaram não ligar para xingamentos, contudo nove deles afirmaram que revidariam agressões imediatamente e outros quatro disseram que revidariam em outro local que não a escola. Mesmo com esses comportamentos reativos 26 jovens entrevistados da sexta série (72,2%) afirmaram que a escola Deodoro de Mendonça é uma escola tranqüila (10 jovens) ou mesmo pouco violenta (16 jovens). Apenas quatro alunos acham a escola violenta e cinco alunos a consideram muito violenta. Contudo isso não indica que a escola seja representada dessa forma. Temos, por exemplo, o caso de um jovem de 13 anos que acha sua escola pouco violenta. O jovem fez questão de escrever no formulário ao lado da alternativa 5 da questão 37, que se sofresse algum tipo de agressão “ira esperar ele marcar toca”. A frase, carregada de gíria, tem em seu sentido a capacidade de infringir violência física a quem o ofender ou

agredir como forma de mostrar que ele também tem capacidade de ser bastante “ruim” quando deseja, planejando e agindo racionalmente quando achar necessário.

A sétima série também apresenta alguns números preocupantes de alunos que declararam não praticar agressões dentro da escola, mas que em situações de conflito não pensariam duas vezes e partiriam para agressões na escola mesmo. Vinte alunos (44,4%) afirmaram sentir raiva em situações de violência verbal. Outros dezessete disseram não ligar para xingamentos. Contudo, quando se analisa a reação dos alunos em situações de violência física, vinte e cinco deles (55,5%) afirmam que revidariam qualquer agressão ali mesmo no interior da escola assim que a sofressem. Outros 10 alunos (22,2%) disseram que revidariam qualquer agressão em outro lugar. Ou seja, 77,7% dos alunos da sétima série estariam dispostos a resolver suas situações de conflitos com mais agressões, ofensas e retaliações. Mais uma vez é possível notar certa contradição entre o que se observa nas respostas do questionário e no que os alunos acham de sua escola. Na sétima série 36 alunos (80%) apontaram a escola como tranquila (18) ou pouco violenta (18). Seis alunos acharam a escola violenta e outros 3 a consideraram muito violenta.

Na oitava série mais uma vez altas taxas de alunos potencialmente violentos e mais uma vez contradições entre como se vê a própria escola e como o aluno se comportaria em situações de conflito. Dezessete alunos (42,5%) afirmaram que sente raiva em situações de violência verbal, outros dezoito (45%) alunos disseram que não ligam. Quando se coloca a situação de violência física a maioria (52,5%) dos alunos reagiria com violência na mesma hora (21 alunos). Outros dezoito (45%) afirmaram que revidariam as agressões sofridas oportunamente em outros lugares, no total da oitava série 97,5% dos alunos podem ser considerados potencialmente violentos lidando com suas situações conflituosas de forma violenta. Apenas um aluno na oitava série disse que procuraria a direção e outro disse que buscaria seus direitos indo a uma delegacia. A maioria como se pode notar revidaria de alguma forma a agressão sofrida. A justificativa de um aluno de 18 anos para esse tipo de reação justifica-se segundo ele, “*porque não dá pra ser agredido calado*”. Apesar dos altos índices de alunos potencialmente violentos, 77,5% dos entrevistados consideram a escola em que estudam tranquila (13 alunos) ou pouco violenta (18 alunos). O gráfico 19 mostra a distribuição das respostas relativas à percepção dos alunos do ensino fundamental sobre sua escola.

Gráfico 19 - Porcentual de Alunos e Percepção da Escola (Ensino Fundamental)

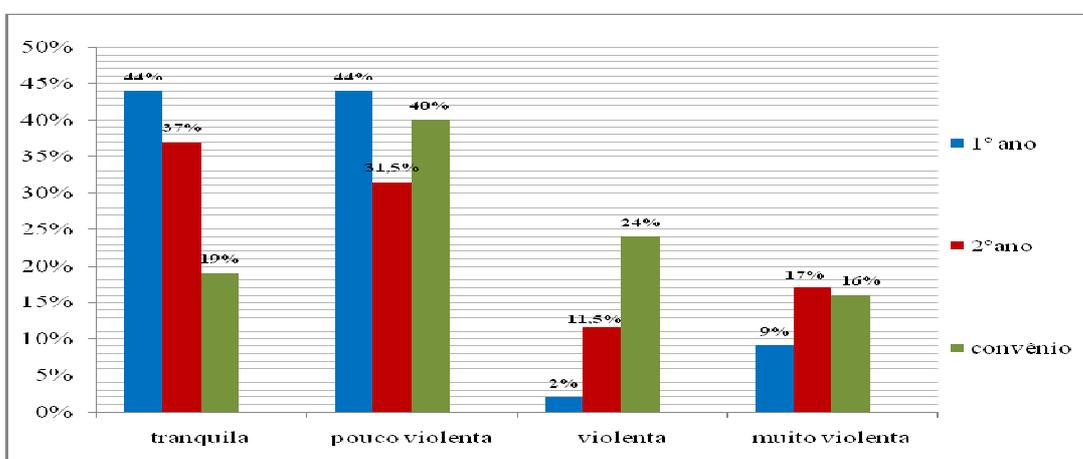


Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

6.5.2 Ensino Médio

O ensino médio da Escola Deodoro de Mendonça não fica muito diferente dos dados obtidos no ensino fundamental. Contudo podemos observar algumas particularidades dos alunos que se envolvem em conflitos. A primeira coisa que se nota, por exemplo, é que o número de alunos que consideram a escola violenta ou muito violenta aumenta conforme se passam as séries, ou seja, alunos do convênio acham a escola mais violenta que alunos do segundo ano, assim como estes acham mais violenta que alunos do primeiro ano. Veja no gráfico 20.

Gráfico 20 - Nº de Alunos por Percepção da Escola (Ensino Médio)

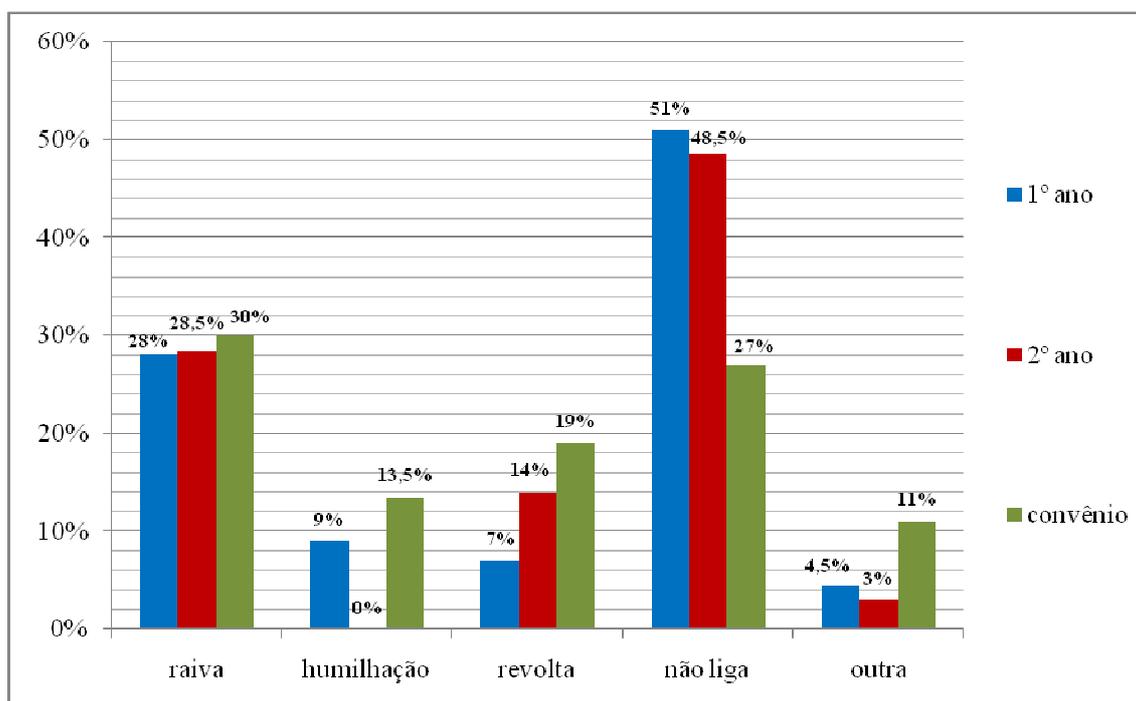


Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Quando se fala das reações dos alunos do Ensino Médio podemos identificar também diversas formas de reagir. Apesar de a maioria dos estudantes afirmarem não ligar para xingamentos, em uma situação de possível agressão a maioria dos alunos disseram (exceto no convênio) que revidariam agressões imediatamente.

Violências verbais parecem não ser o maior problema para alunos do ensino médio. É possível notar no gráfico 21 que este tipo de ofensa pode ser ignorada em determinadas situações.

Gráfico 21 - Porcentual de Alunos por Sentimentos diante Agressões Verbais (Ensino Médio)



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010.

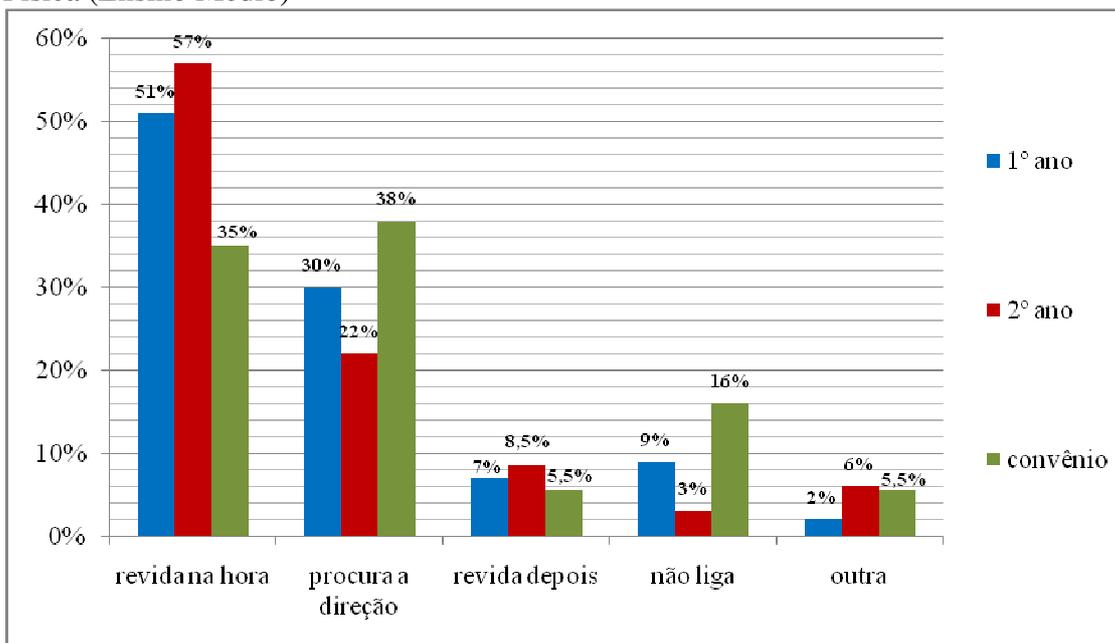
Doze alunos (28%) no primeiro ano sentem raiva ao sofrer violência verbal dentro da escola e outros vinte e dois (51%) disseram não se incomodar com xingamentos direcionados a eles. Já quando se questiona a reação do aluno em uma situação de violência física, 81,3% dos jovens disseram revidar na mesma hora a agressão (51,1%) ou eu o fariam em outro lugar (30,2%). Há ainda o caso de um jovem de 16 anos que afirmou que além de revidar a agressão sofrida iria depois procurar a direção, situações incoerentes na resolução do problema que tenderia apenas a se agravar. Apenas três jovens do primeiro ano disseram que procurariam solucionar o problema procurando a direção da escola e mesmo com estes índices elevados apresentados no trabalho, 88,3% dos entrevistados afirmaram que consideram a escola tranqüila (19 alunos) ou pouco violenta (19 alunos).

O segundo ano tem dez alunos que sentem raiva diante de agressões verbais sofridas, mas a maioria dos alunos (58,5%) dos alunos disseram que não ligariam para um aluno caso eles o “xingassem”. Já as agressões físicas seriam imediatamente retaliadas por 57,1% dos estudantes do turno. Outros 22,85% disseram que esperariam reagir em outro lugar mais oportuno que não a escola. Isso nos dá um total de 79,95% de alunos que reagiriam com violência a qualquer situação conflituosa dentro das turmas de segundo ano. Um jovem de 19 anos disse ainda que se caso sofresse alguma agressão dentro da escola arrumaria uma arma para vingar-se do agressor. Apenas três jovens desta série afirmaram que procurariam a direção da escola em caso de sofrerem alguma agressão. 68,57% destes jovens disseram também que a escola Deodoro de Mendonça pode ser considerada uma escola tranqüila (13 alunos) ou pouco violenta (11 alunos).

No convênio 11 alunos disseram sentir raiva diante de agressões verbais e outros sete confirmaram que ficam revoltados com este tipo de comportamento. Já cinco alunos disseram que diante de agressões verbais se sente humilhados. Dez alunos disseram não se importar com este tipo de agressão. Quando questionados a respeito de agressões físicas os jovens responderam em sua maioria (72,97%) que ou revidariam na mesma hora (35,13%) ou aguardariam para revidar em outro lugar que não o colégio (37,84%). É interessante notar que os jovens, apesar de ter uma noção de seus direitos, agem de forma até certo ponto incorreta mesmo achando que estão certos, como é o caso de um menino de 18 anos que disse que revidaria a agressão e depois procuraria uma delegacia para “prestar queixa” da agressão sofrida. 48,5% dos alunos do convênio consideram a escola pouco violenta e outros sete a consideram tranqüila. Enquanto que no primeiro ano um aluno considera a escola violenta e no segundo quatro, sete alunos do convênio consideram a escola violenta e outros seis dizem que ela é muito violenta.

Veja no gráfico 22 as formas de reagir do Ensino Médio na escola:

Gráfico 22 – Porcentual de Alunos por Reação em Possíveis Situações de Violência Física (Ensino Médio)



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Outra idéia muito difundida advinda do senso comum é a de que jovens de bairros violentos tendem a reagir com mais violência em situações de conflito enquanto jovens de bairros considerados menos violentos tendem a buscar mais seus direitos quando na mesma situação. Fazendo uma análise dos dados e cruzando especialmente a questão 32 com a questão 37 obtemos resultados interessantes que servem para desmitificar tal idéia. Podemos notar, por exemplo, que jovens que consideram viver em ambientes tranqüilos ou pouco violentos reagiriam imediatamente a algum tipo de agressão sofrida ou mesmo deixariam para revidá-la em outro lugar oportuno.

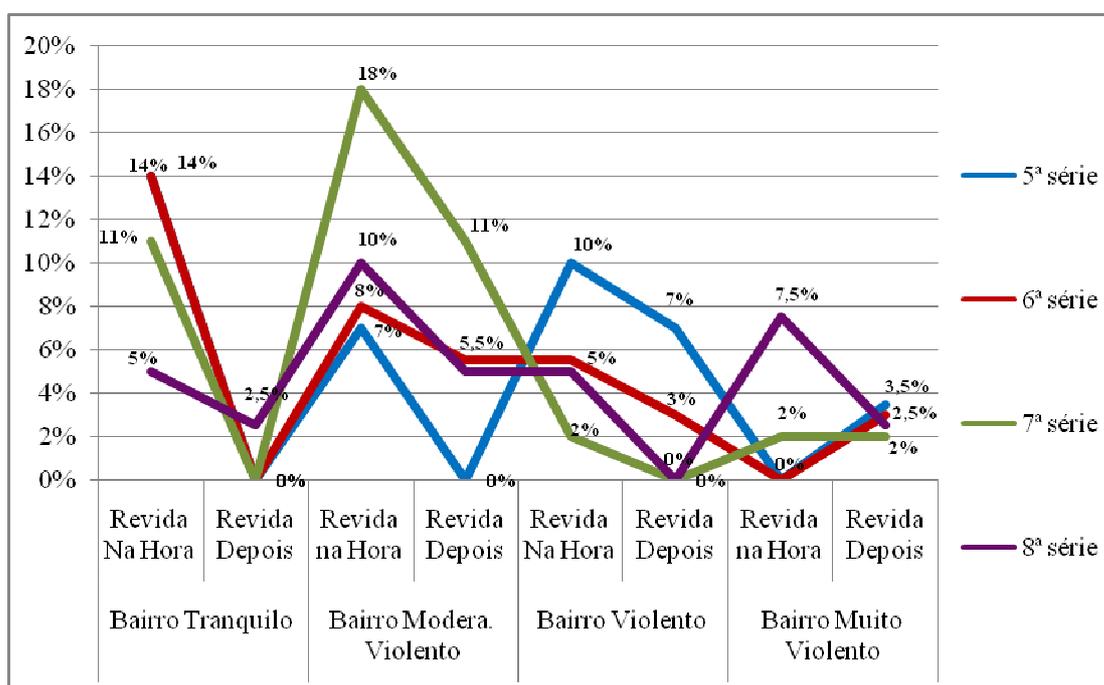
Isso é o que ocorre com os todos os alunos do ensino fundamental sem exceção. Na 5ª série oito alunos que afirmaram morar em bairros não violentos dois disseram que revidariam na escola mesmo qualquer tipo de agressão e os outros seis afirmaram que o fariam em outro lugar. Na 6ª série dos oito alunos que afirmaram morar em bairros não violentos três disseram que revidariam qualquer agressão imediatamente e outros quatro deixariam para fazê-lo em outro lugar, um disse que iria tirar satisfação. Já dos treze alunos que disseram morar em bairros moderadamente violentos sete deles afirmaram que ou revidariam imediatamente (3) ou que o fariam em outro lugar (4).

Na 7ª série dos dez alunos residentes de bairros considerados por eles tranqüilos cinco reagiriam na mesma hora e outros dois em outro local. Já dos vinte e três que disseram morar em locais moderadamente violentos 14 disseram que revidariam

imediatamente qualquer agressão enquanto que sete esperariam outra ocasião para se vingar. Na 8ª série todos os alunos que moram em bairros considerados por eles tranquilos disseram revidariam agressões sofridas em momentos oportunos, já dos quatorze que moram em bairros moderadamente violentos nove disseram que revidariam agressões imediatamente e cinco deixariam para outra ocasião e local o momento de revidar.

Veja no gráfico 23 as tendências de respostas dos alunos do ensino Fundamental:

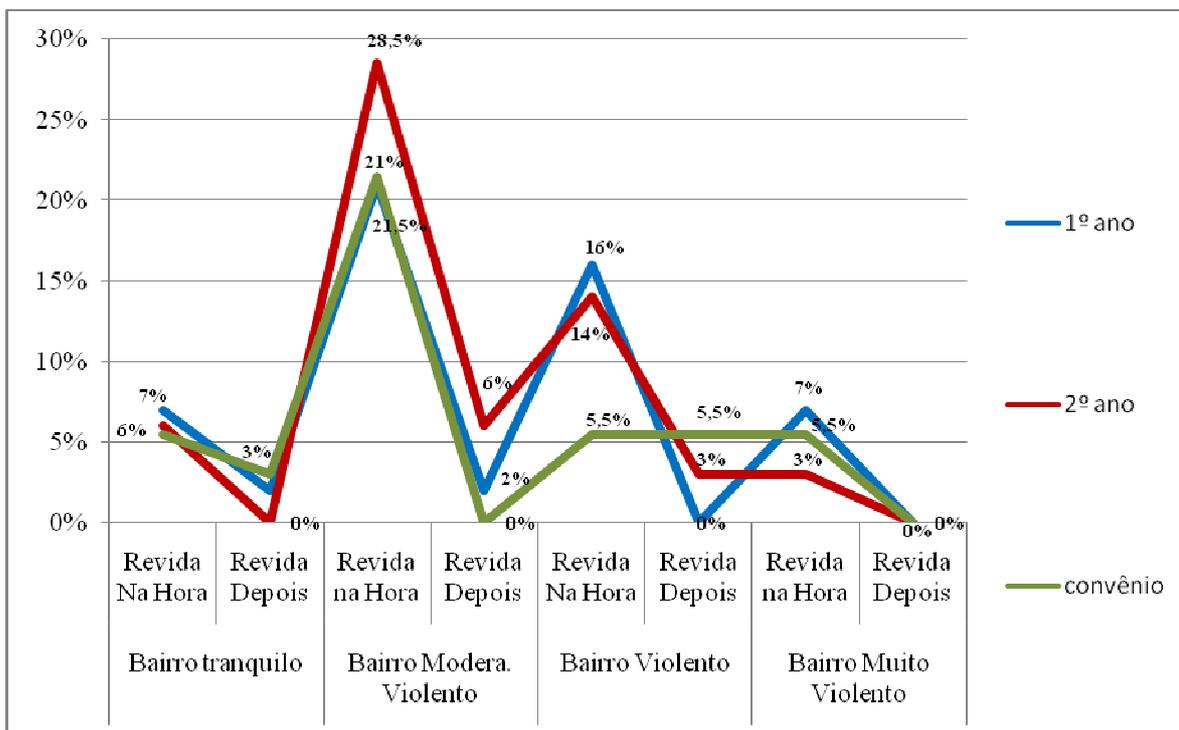
Gráfico 23 - Porcentual de Alunos por Tendência de Resposta de Agressão segundo Percepção de Bairro Residente (Ensino Fundamental)



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

A situação no ensino médio apesar de diferente não se encontra distante (Gráfico 24). No 1º ano dos quatro alunos residentes de bairros não violentos três disseram que reagiriam depois a alguma agressão sofrida. Já dos dezenove alunos que disseram residir em bairros moderadamente violentos nove disseram que reagiriam imediatamente a qualquer tipo de agressão e outros seis o fariam depois em outro lugar.

Gráfico 24 - Porcentual de Alunos por Tendência de Resposta de Agressão segundo Percepção de Bairro Residente (Ensino Médio)



Fonte: pesquisa de campo E.E.E.F.M Deodoro de Mendonça. Período Agosto/Novembro 2010

Já no segundo ano dos três alunos residentes de bairros considerados tranquilos dois alunos afirmaram que revidariam as agressões imediatamente. Entre 16 residentes de bairros moderadamente violentos dez revidariam imediatamente e um deixaria para outra ocasião.

O convênio apresentou tendência também contraditória. Veja o exemplo no gráfico 20, dos sete moradores de bairros tranquilos dois revidariam imediatamente e um em outro lugar. Dos quatorze alunos residentes de bairros moderadamente violentos, oito revidariam no ato.

Tais números evidenciam no caso Deodoro de Mendonça que as respostas a comportamentos agressivos ou conflituosos podem ser dadas de formas diferentes. No caso do cruzamento com a percepção dos bairros, as manifestações individuais fazem com que percebamos as diferenças de respostas de alunos de que moram em bairros que consideram tranquilos das de alunos que vivem em ambientes já carregados de sua carga de tensão diária. Muitos alunos em conversas informais sobre o questionário afirmaram, por exemplo, que tentariam primeiro saber o motivo das agressões, mas que se não obtivessem resultados eles procurariam revidar ali mesmo ou escolheriam o momento oportuno para tal.

7 CONCLUSÃO

É possível notar através dos dados apresentados que se encontram altos os índices de alunos envolvidos em conflitos e episódios violentos, ou mesmo o número de alunos com potencial de praticar violência na Escola Estadual Deodoro de Mendonça. O bullying em si não se apresenta em números representativos ou alarmantes. Pelo contrário os índices deram baixíssimos em algumas turmas. Contudo deve se levar em consideração também que ele se encontra presente em todas as turmas. O que se diferencia é a reação dos alunos diante da prática.

Por exemplo, na 5ª série os jovens sujeitos ao bullying comportam-se ainda de forma a aceitar passivamente as perseguições. Analisando os dados é possível perceber que dos quatro jovens na referida série que sofrem com o bullying um deles não tem o hábito de praticar nenhum tipo de violência contra seus companheiros de turno e os outros três têm comportamentos considerados pouquíssimos violentos. Dois destes jovens responderam positivamente a apenas uma pergunta sobre práticas agressivas. Um deles disse que fala mal de colegas e o outro disse já ter brigado uma vez dentro da escola com o seu agente agressor. O outro jovem que sofre com o bullying disse que ignora e fala mal de outro indivíduo comportamentos, neste tipo de situação que podem ser considerados apenas como mecanismos de defesa de quem sofre ataques constantes.

À medida que vão se passando as séries os jovens que estão sujeitos ao bullying reagem de forma diferente a cada tipo de situação. Muitos deles têm comportamentos bastante agressivos com seus colegas de turno mesmo sofrendo diversos tipos de agressões, como é o caso de alunos do 2º ano e convênio, e muitos reagem de forma agressiva, mas não tanto quanto a de seus agressores como é o caso da 7ª série, 8ª série e 1º ano.

Vejamos como exemplos os casos citados: na 7ª série, os jovens identificados como vítimas de bullying mantêm hábitos agressivos do tipo de defesa, ou seja, os jovens adotam comportamentos que, apesar de agressivos, são para manter seus agressores o mais distante possível. Neste caso os jovens costumam ignorar, rejeitar e no máximo falar mal dos agressores para mantê-los distantes. No 1º ano as reações já são adversas por indivíduo vítima. Dois jovens que sofrem bullying não têm absolutamente nenhuma conduta agressiva, outros dois têm conduta de defesa, ou seja, ignoram, rejeitam impedem que alguns indivíduos participem de suas atividades. Já dois jovens que sofrem bullying no primeiro ano têm condutas bem agressivas com fim de solucionar os problemas a que estão sendo sujeitados. Um deles além de ignorar e

impedir seus desafetos de participarem de atividades com ele, afirmou também que já ameaçou e brigou com os sujeitos que lhe perseguem. O outro além de ignorar quem lhe persegue disse que já ameaçou com arma e brigou fora da escola para se ver livre das perseguições.

A 8ª série já apresenta dois alunos que sofrem bullying e que utilizam estratégias mais violentas para se defender. É o caso de um jovem de 15 anos vítima de bullying que respondeu positivamente a 6 perguntas sobre agressividade. Este jovem além de usar as estratégias comuns de defesa (ignorar, rejeitar e até mesmo falar mal), também “xinga” e ridiculariza regularmente seus desafetos, além de já ter obrigado outro aluno a fazer o que não queria e ter estragado-lhe coisas. Ou seja, o mesmo jovem que sofre com o comportamento agressivo de um aluno, tem comportamentos agressivos com outros. Outra menina de 16 anos disse que, além de ignorar, rejeitar e falar mal de outros desafetos, ela ridiculariza e obriga outros alunos a fazerem coisas para ela além de já ter levado arma para escola com fim de acabar com as perseguições que sofre. Estes são tipos de comportamentos contraditórios que se encontra em indivíduos expostos a comportamentos agressivos. Ao mesmo tempo em que por um lado o indivíduo sofre com o abuso de um ele por outro persegue também alguém que tenha menos poder que ele.

Já quando se trata dos alunos do 2º ano é possível perceber de que forma o bullying pode desencadear processos violentos que afetam toda a escola. No caso destas séries citadas, a reação dos indivíduos a este tipo de situação se mostrou bastante agressiva e alguns processos desencadearam diversas formas de violência dentro e fora da escola. Três dos alunos vítimas de bullying no segundo ano afirmaram já ter brigado com seus desafetos dentro da escola. Dois disseram já ter ameaçados seus desafetos e um inclusive já o fez com arma. Além disso as estratégias de ignorar, rejeitar e falar mal aparece novamente como formas comuns de lidar com a situação. No convênio não é diferente. Dos seis alunos identificados como vítimas quatro reagem de forma agressiva aos ataques. Além das estratégias comuns dois deles afirmaram já ter ameaçado verbalmente e brigado com os desafetos na expectativa de terminar com o problema.

Nota-se dessa forma que o bullying persiste em todas as séries e que a relação desigual de poder e força, apesar ainda existir na maioria dos casos, não é o único modo de manifestação na Escola Estadual Deodoro de Mendonça. É possível perceber que diversos jovens têm adotado estratégias de defesa e retaliação tão violentas quanto às práticas que sofrem. Isso nos mostra a universalidade que o Bullying carrega consigo

(pois ocorre em todos os lugares), contudo o fenômeno tem características particulares que se manifestam localmente.

Com relação à idade das vítimas o caso do Deodoro de Mendonça apresenta dados que corroboram com as estatísticas mundiais e a dados que vão contra estas. Mais uma vez a série freqüentada é que delimita este universo. Por exemplo, na 5ª série todas as vítimas de bullying têm a mesma idade (14 anos). Estes jovens não são os mais novos da turma, contudo estão próximos da média de idade dos alunos do turno (que é de 13,6 anos). Já na sexta série a média de idade dos alunos que sofrem com o bullying é de 14,6 enquanto que a média de idade dos alunos do turno é de 14,4. Na sétima série a média dos alunos é de 15,5 anos e a média dos alunos vítimas de bullying é de 15,2. A média de idade e a média de alunos vítimas de bullying na oitava série deram exatamente iguais, 16,2.

Já no 1º ano aparece a primeira informação que vai contra os estudos nacionais e internacionais. A média de idade dos alunos do primeiro ano é de 16,8 anos. Já a média de idade dos alunos vítimas de bullying é 17,6 anos o que demonstra ser um pouco acima. No segundo ano a média de idade dos alunos é de 18,1 e de alunos vítimas é de 18. No convênio a média de idade dos alunos é de 19,1 e dos alunos vitimados é de 18,1.

No geral os dados acompanham os estudos nacionais e internacionais exceto nas turmas de 1º ano onde a média de idade dos alunos vitimizados como foi exposto, se apresenta superior a média de idade da turma.

Muitos alunos entrevistados disseram não sofrer sanções em casa e seus pais parecem não estar preocupados com o que ocorre com eles nos seus ambientes escolares. Isso acaba por facilitar a ação de alunos mais agressivos que encontram na escola ambiente propício para a livre manifestação de impulsos hostis e de personalidades agressivas. As respostas dos alunos também se apresentaram muito pouco direcionadas a conciliação. Da amostra total 88,9% respondeu que ou revidaria ali mesmo a agressão ou revidaria em outro local. Este número expressivo nos mostra como estes alunos que fazem parte da amostra podem ser considerados alunos com potencialidade de praticar algum tipo ato agressivo ou mesmo violento. Isto porque, dentre as alternativas, foi dada a possibilidade de o aluno escolher entre procurar a direção da escola para solucionar seu problema, ignorar a agressão sofrida, ou mesmo propor algo para solucionar o problema como foi permitido na alternativa de número cinco onde o aluno ficava livre para sugerir outra solução ao problema. Mesmo assim, a

imensa maioria dos alunos preferiu acreditar que a única forma de se solucionar um problema de agressão dentro da escola é revidando esta de alguma forma. Assim, mais agressões e violências desencadeiam-se em um ciclo infundável de brigas e revides dentro e fora da escola.

Outro aspecto importante a se notar, ainda com relação às possíveis violências desencadeadas é com relação ao porte de armas dentro da escola como mecanismos de defesa e ameaça para alunos. No total sete alunos tiveram coragem de dizer que já foram ameaçados com armas dentro da escola e outros onze afirmaram já ter levado algum tipo de arma (branca ou de fogo) com fim de adquirir respeito dos colegas de turno e fazer ameaças a desafetos. Este é mais um dado preocupante que demonstra de que forma a agressividade destes jovens tem extrapolado os limites do que pode ser considerada agressividade juvenil atravessando esta fronteira rumo a atos infracionais ou mesmo crimes, pois alguns são maiores de idade. Este é o caso do jovem Juan do segundo ano (projeto EJA) que ao ser abordado para responder ao questionário, fez questão de informar que estava armado. Este jovem afirmou que, por ser constantemente alvo de “chacotas” por parte de seus colegas de turno decidiu andar sempre com um punhal em sua mochila ou cintura, seja dentro ou fora da escola, como forma de intimidar os que tentam diminuí-lo. O jovem disse ainda que há muitos estudantes que vão para a escola, fazem-no apenas para arrumar confusão, fumar “bagulho” (maconha) e jogar bola ou namorar. Que muitos já tentaram lhe oferecer “coisas”, mas que ele é sempre relutante e que considera sua escola muito perigosa porque existem não só muitos traficantes dentro da mesma, mas principalmente meninas que acabam por produzir muitas situações de violência em disputas internas por meninos, status e respeito. Este jovem disse ainda que não teria receio algum de usar sua arma já que já havia sido assaltado diversas vezes na escola e fora dela. Disse ainda que o que vale ali dentro “é a lei da sobrevivência” e que por isso esta sempre alerta e pronto para o ataque.

Este tipo de descrição do ambiente escolar demonstra como este convívio social que é a instituição escolar pode ser considerado um ambiente de constante tensão prestes a desdobrar-se em conflitos graves que acabam por parar em páginas policiais de jornais, mas que muitas vezes estão desconectados da realidade. Percebe-se através deste levantamento que muitas armas entram e saem da escola sem que inspetores, professores ou técnicos possam perceber e que muitas dessas ameaças ficam apenas nos corredores das salas não chegando quase nunca a direção da escola. Quando

observamos então, casos em que alunos esfaquearam outros ou mesmo balearam outros dentro de instituições de ensino, estes processos já se iniciaram desde muito. A identificação destes processos de rinhas e desafetos (sejam internos ou externos), se faz necessária e regular (anual) para que se possam ter soluções práticas, viáveis e direcionadas ao devido tratamento da problemática.

Nota-se, portanto que apesar de poucos casos de bullying em si, o colégio estadual Deodoro de Mendonça tem alunos com grande potencial de violência. Tem também formas reativas ao problema do bullying que não podem ser comparadas aos casos internacionais. Há o caso de Dan Olweus (1997) que identifica formas de exclusão, isolamento e até mesmo depressão em situações de bullying em estudantes noruegueses ou de outros locais da Europa, assim como há também os casos brasileiros apresentados onde os estudantes têm baixa auto-estima, evitam ir à escola e outras formas de reação. Já os alunos do Deodoro de Mendonça utilizam estratégias diferentes de lidar com mesmo problema. Como já foi dito, ainda existem os alunos que reagem de forma passiva aos ataques, contudo muitos alunos passaram a retaliar estas agressões e a criar estratégias de defesa para ao menos tentar reduzir as incursões de seus desafetos.

Os casos mais graves de comportamentos agressivos encontram-se nas turmas de 6ª série e de 1º ano onde diversos índices de comportamento agressivo se mostraram altos. Nestas turmas comportamentos como ignorar, falar mal, rejeitar, ou mesmo estragar pertences alheios de forma proposital são atitudes comuns e praticadas por diversos alunos assumidamente.

Destaca-se ainda a necessidade que é clara e manifesta da escola preparar projetos de integração social dos alunos para que desenvolvam a habilidade do respeito às diferenças. É necessário também o desenvolvimento de atividades que visem promover a percepção do outro enquanto colega de turno e não como possível inimigo. É preciso combater determinados comportamentos desde cedo, pois como se nota nos dados apresentados são a partir da sexta e sétimas séries que os alunos passam cada vez mais a ter manifestações mais agressivas. Vale frisar o que uma Técnica da escola disse logo no início da pesquisa quando ainda ocorria a fase de apresentação do projeto. Nesta ocasião a profissional disse que a escola pública encontra-se carente de profissionais dos diversos tipos: *“é preciso psicólogos, sociólogos, psiquiatras e outros profissionais que possam ajudar a desenvolver trabalhos educacionais que ultrapassem as meras disciplinas que são dadas em sala de aula.”* Percebe-se assim que mais que uma opinião profissional a frase apresenta-se como um ultimato aos órgãos gestores para que

percebam que se quiserem reduzir a violência dentro e fora das escolas, precisam fazê-lo já e com investimento em capital humano. Isto é realizado com o empenho de profissionais capazes de transpor os limites impostos pelo conteúdo programático desenvolvendo atividades que norteiem a formação para valores que promovam a integração e desenvolvam cidadãos capazes de perceber o próximo e respeitar seus espaços e direitos.

Há grande necessidade de se estabelecerem metas de controle de alguns problemas considerados antigos no quadro paraense e em especial em Belém. Agressões físicas, ameaças e outras formas de conflito não podem continuar sendo ignoradas pela família ou mesmo pelos formuladores de projetos pedagógicos. Há necessidade de se diversificar a oferta de atividades para estes jovens. Essa diversificação da oferta formativa é condição imperiosa para a reestruturação do processo educacional paraense. Enquanto alunos puderem se “xingar”, menosprezar, humilhar e se agredir dentro da escola, sem que diretoria, e secretarias municipais e estaduais de ensino nada façam, todo o esforço para formação destes jovens continuará a ser até certo ponto vão.

Para que as políticas educacionais paraenses obtenham êxito o que se deve fazer é investir cada vez mais em projetos que visem atender não apenas a necessidade de absorção de conteúdos para os exames de ingresso nas universidades e faculdades, mas também o desenvolvimento de projetos pedagógicos de caráter permanente que tenham como foco principal o combate da violência e dos comportamentos agressivos dentro da instituição escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília, DF: UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação, 2005.
- ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília, DF, DF: UNESCO, 2004.
- ABRAMOVAY, Mirian et al (Org.). **Escola e violência**. Brasília, DF: UNESCO, UCB, 2003.
- BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton Oliveira. **Elementos de amostragem**. São Paulo: Blucher, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRITO, D.; BARP, J. W. Ambivalência e Medo: faces do risco da modernidade. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 10, n. 20, p. 20-47, jul/dez. 2008.
- CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: Ava. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan/mar. 2007.
- CRAIG, Wendy et al. A Cross National profile of Bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **Int. J. Public Health**, Basel, Birkäuser Verlag, v. 54, p. 216-224, 2009.
- DA SILVA, Dezir Garcia. **Violência e estigma: bullying na escola**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2006.
- DEBARBIEUX, Eric et al (Org.). Desafios e Alternativas: violência nas escolas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, 2002, **Anais...** Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- DESOUZA, Eros R.; RIBEIRO J'aimes. Bullying and Sexual Harassment Among Brazilian High School Students. **Journal of Interpersonal Violenc.**, v. 20, p. 158-188, 2005. Disponível em:< <http://jiv.sagepub.com/content/20/9/1018>>. Acesso em: 13 dez. 2010.
- FEKKES, M.; PIJERS F. I. M.; VERLOOVE-VANHORICK, S. P. Bullying: Who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. **Health Education Research: theory and practice**. v. 20, n. 1, p. 81-91, 2005.
- ESCOLAS vivem com medo da violência. **O Liberal**, Belém, 2 set. 2008. Notícias, Cadernos Atualidades. Disponível em:< www.orm.com.br/oliberal/interna/default.asp?modulo=247&codigo=366511>. Acesso em: 17 nov. 2009.
- FISCHER, Rosa Maria et al. **Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final**. São Paulo: CEATS/FIA, 2010.
- GALLINO, Luciano. **Dicionário de Sociologia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- GAROTO mata colega de classe a facada na Cremação. **Diário do Pará Online**. Belém, 20 ago. 2009. Disponível em:< <http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=57048>>. Acesso em: 17 nov. 2009.
- JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; DIAS, Anelise Silva; MARINE, Janete Aparecida da Silva. Avaliação da Agressividade na Família e na Escola de ensino Fundamental. **Psico-USF**, v. 14, n. 1, p. 83-93, jan./abr. 2009
- JORGE, Samia Dayana Cardoso. **Bullying sob o olhar dos Educadores: um estudo em escolas da rede privada de Natal/RN**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)

- Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

LOPES NETO A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatria**, Rio Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

KIM, Young Shin et al. Boice. Scholl bullying and youth violence: Cause or consequences of Psicopathologic Behavior? **Arch Gen Psychiatry**, v. 63, n. 9, 1035-1034, 2006.

MALIKI, Agnes Ebi; ASAGWARA, C. G.; IBU, Julie E. Bullying problems among school children. **J. Hum. Ecol.**, v. 3, n. 25, p. 209-213, 2009.

MARTINS, Maria José D. Agressão e vitimização entre adolescentes em contexto escolar: um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005.

OLWEUS, Dan. Bully/Victim problems in school: facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**. v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997.

PUPPO, Kátia Regina. **Violência Moral na Escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero**. 2007. 242 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROLIN, Marcos Flávio. **Bullying: o pesadelo da escola**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010..

SIMMEL, George, 1858-1918. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SISTO, Fermino Fernandes. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100014. Acesso em: 27 set. 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição escolar e a violência**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.iea.usp.br/artigos>. Acesso em: 04 jan. 2010.

WASELFIZS, Julio Jacob. **Mapa da violência dos municípios brasileiros 2008**. Disponível em: <http://pdba.georgetown.edu/Security/citizenssecurity/brazil/documents/m_apaviolencia.pdf>/versão para web>. Acesso em: 6 jun 2009.

ANEXO

Questionário

Sexo: Feminino Masculino Idade: _____
 Série: _____

Você é do Projeto Aceleração? Sim Não

1. Você sente que alguém da escola fica irritado com a sua presença?
 Sim Não
2. Você é ignorado por alguém na escola?
 Sim Não
3. Algum aluno da escola costuma falar mal de você para outras pessoas?
 Sim Não
4. Você já foi rejeitado por alguém da escola?
 Sim Não
5. Você já foi impedido por outro aluno de participar de determinada atividade educacional ou recreativa?
 Sim Não
6. Você é insultado por alguém da escola? (ofendem você?)
 Sim Não Com que freqüência: _____
7. Ridicularizam você? (fazem "pouco caso" ou diminuem você por seu jeito ou aparência?)
 Sim Não
8. Você já foi obrigado a fazer algo que não queria por um colega de escola? (dar-lhe algo que era seu, trazer-lhe dinheiro, favores sexuais...)
 Sim Não (se puder diga o que) _____
9. Alguém já estragou algo que lhe pertencia de propósito?
 Sim Não
10. Você já foi roubado dentro da escola ou no horário de saída? (alguém pertence seu sumiu na escola, ou você já foi abordado na porta da escola?)
 Sim Não Onde? _____
 O Quê? _____
11. Você se sente ameaçado por algum colega de escola? (alguém lhe faz medo)
 Sim Não

12. Você já foi ameaçado com algum tipo de arma dentro da escola?
 Sim Não Qual? _____
13. Você já foi agredido por alguém na escola?
 Sim Não Quantas vezes _____
14. Você já foi ameaçado dentro da escola?
 Sim Não
15. Você se irrita com a presença de determinada pessoa de sua escola?
 Sim Não
16. Você costuma ignorar alguém da sua escola?
 Sim Não
17. Você fala ou falou mal de alguém de sua escola?
 Sim Não
18. Você costuma rejeitar alguém na sua escola?
 Sim Não
19. Você costuma impedir que algum aluno participe das atividades que você participa por não gostar dele?
 Sim Não
20. Você insulta (“xinga”) alunos na sua escola?
 Sim Não Com que frequência? _____
21. Você ridiculariza alguém dentro da escola? (faz gracinha por aparência, preferência sexual, etc..)
 Sim Não
22. Você já obrigou alguém a fazer algo que você queria?
 Sim Não
23. Você já pegou ou estragou algo que não lhe pertencia de propósito?
 Sim Não
24. Você já roubou algo de alunos ou pertencente da escola?
 Sim Não
25. Você já ameaçou alguém dentro da escola?
 Sim Não

26. Você já levou algum tipo de arma para escola com fim de ameaçar um colega?

Sim Não

27. Você já agrediu alguém da escola em seu interior ou fora dela?

Sim Não dentro fora

28. Você já presenciou algum tipo de agressão entre alunos na escola?

Sim Não Quantas vezes: _____

29. Você já sofreu agressões por alunos de outra escolar?

Sim Não Qual Escola? _____

30. Você tem conhecimento de alguma “rixa” entre alunos da sua escola e outra(s)?

Sim Não Qual Escola? _____

31. Qual o bairro que você mora? _____

32. Você considera o seu bairro:

Não violento Moderadamente violento violento muito violento

33. Seus pais são:

Casados Divorciados

Caso seus pais sejam divorciados com qual dos dois você permanece mais tempo?

Pai Mãe Guarda Compartilhada (a mesma quantidade de dias com os dois)

34. O interesse de seus pais sobre o que ocorre com você na sua escola se manifesta...

Todos os dias Algumas vezes na semana Algumas vezes no mês

Nunca perguntam

35. O seu relacionamento com seus pais é:

Sem conflitos e agressões

Com alguns conflitos, mas sem agressões

Com alguns conflitos e algumas agressões

Com muitos conflitos e poucas agressões

Com muitos conflitos e muitas agressões

36. Se um aluno lhe “xingar”, você sente mais...

- Raiva Humilhação Revolta Não liga
 Outro: _____

37. Se alguém lhe agredir na escola você...

- Revida na mesma hora revida depois em outro lugar
 procura a direção não liga para a agressão
 Outra reação (qual?): _____

38. Você considera sua escola:

- Tranqüila Pouco Violenta Violenta Bastante Violenta